

A
GARDEN
OF
POMEGRANATES

Skrying on the Tree of Life

ISRAEL
REGARDIE

Edited and Annotated with New Material by
Chic Cicero & Sandra Tabatha Cicero



UM JARDIM DE ROMÃS

SKRYING NA
ÁRVORE DA VIDA
(UMA INTRODUÇÃO À CABALA)

ISRAEL REGARDIE

A
ANKH-AF-NA-KHONSU

O sacerdote dos príncipes,
com gratidão lhe dedico este trabalho.

Da Segunda Edição inglesa: 1978

Se tivesse que viver minha vida novamente, a primeira coisa que faria seria inventar um sistema de símbolos totalmente novo, com o qual comunicaria as minhas ideias.

JOHANN GOTTLIEB FICHTE

ÍNDICE

Introdução à Segunda Edição	11
Prefácio	21
Capítulo 1 – Panorama Histórico	25
Capítulo 2 – O Fosso	35
Capítulo 3 – As Sephiroth	45
Capítulo 4 – Os Caminhos	73
Capítulo 5 – Adam Kadmon	103
Capítulo 6 – A Cabala Literal	117
Capítulo 7 – A Cabala Literal (<i>Continuação</i>)	129
Capítulo 8 – A Escada	145
Apêndice	169



Figura 1: *O Anjo*

INTRODUÇÃO À SEGUNDA EDIÇÃO

É irônico que o período de tremendo avanço tecnológico registrado pela história deveria também ser qualificado como a Era da Ansiedade. Muito tem sido escrito sobre a frenética busca da alma por parte do homem moderno — e, além disso, sobre suas dúvidas —, que inclusive ele tenha em um momento em que, como castelos na areia, tantas de suas amadas teorias, consideradas erroneamente verdades durante muito tempo, estão se desmoronando em seu desconcertado cérebro.

O antigo conselho: “Conheça-te a ti mesmo”, agora é mais imperioso do que nunca. O ritmo da ciência se acelerou a tal ponto que os descobrimentos hoje se transformam frequentemente as equações de ontem em obsoletas, quase antes que se possa escrevê-las na lousa. Não é surpreendente, então, que existam tantos enfermos mentais. O homem não foi criado para passar a sua vida em uma encruzilhada, aonde um destes caminhos conduz a um lugar desconhecido para ele e o outro à ameaçada aniquilação de sua espécie.

Em vista desta situação, é duplamente tranquilizador saber que, inclusive entre conceitos e condições caóticas, ainda resta uma porta através da qual o homem, individualmente, possa entrar num amplo depósito de conhecimentos, conhecimentos confiáveis e imutáveis como o passo rítmico da Eternidade.

Por esta razão estou particularmente feliz por estar escrevendo uma introdução a uma nova edição de *Um Jardim de Romãs*. Sinto que, talvez, em nenhum outro momento foi tão urgente a necessidade de um roteiro como

aquele que o sistema cabalístico proporciona. Ele deveria ser igualmente útil para qualquer um que decida segui-lo, seja judeu, cristão, budista, deísta, teosófico, agnóstico ou ateu.

A cabala é um guia fiável que conduz à compreensão do Universo e do próprio Ser. Os sábios afirmam há muito tempo que o Homem é uma miniatura do Universo, contendo em seu interior os diversos elementos daquele macrocosmo do qual ele é o microcosmo. Na cabala existe um glifo chamado Árvore da Vida, que tanto é um mapa simbólico do Universo em seus principais aspectos como também é um mapa de seu equivalente menor, o Homem.

Manly P. Hall, em *Os Ensinamentos Secretos de Todas as Épocas*, lamenta a incapacidade da ciência moderna para “perceber a profundidade destas deduções filosóficas dos antigos”. Se assim fosse, diz: “compreenderiam que aqueles que idealizaram a estrutura da cabala possuíam um conhecimento do plano celestial comparável em todos os aspectos ao do sábio moderno.”

Felizmente, muitos cientistas, no campo da psicoterapia, estão começando a dar-se conta desta correlação. Em *O Mundo Interno da Escolha*, de Francis G. Wickes, é feita uma referência à “existência de cada pessoa de uma galáxia de potencialidades para o desenvolvimento, marcada por uma sequência de evolução e interação personalógica com o ambiente”. Assinala que o homem não é apenas uma partícula individual, mas “também uma parte da corrente humana, governada por um Ser Superior a seu próprio ser individual”.

O Livro da Lei afirma simplesmente: “Cada homem e cada mulher é uma estrela”. Este é um pensamento surpreendente para aqueles que consideravam uma estrela como um corpo celeste, porém também é uma declaração que pode ser atestada por qualquer um que se aventure no reino de seu próprio Inconsciente. Aprenderá, se for constante, que este reino não está limitado pelas fronteiras de seu corpo físico, porém que forma um conjunto com as extensões ilimitadas do espaço exterior.

Aqueles que, equipados com os instrumentos fornecidos pela cabala, fizeram a viagem interior e conseguiram ir além das barreiras da ilusão, regressaram com uma impressionante quantidade de conhecimentos que se ajusta rigorosamente à definição de “ciência” dada pelo *Diccionario del College de Winston*: “Ciência: um conjunto de conhecimentos, verdades gerais de fatos particulares, obtidos e demonstrados mediante a observação e o pensamento

precisos; conhecimentos condensados, ordenados e sistematizados com referência à verdades e leis gerais.”

Seus descobrimentos foram, vez e outra, confirmados, demonstrando que a cabala contém não somente os elementos da mesma ciência, mas inclusive o método com o qual dedicar-se a ela.

Quando planeja visitar um país estrangeiro, um viajante prudente deve se familiarizar, em primeiro lugar, com o idioma. Para estudar música, química ou cálculo, é essencial uma terminologia específica para a compreensão de cada matéria. Assim, pois, torna-se necessário uma nova série de símbolos quando se propõe estudar o Universo, seja interior ou exteriormente. A cabala proporciona essa série de símbolos de forma insuperável.

Porém a cabala é muito mais. Também proporciona a base de outra ciência arcaica — a Magia. Para não confundi-la com a prestidigitação, a Magia foi definida por Aleister Crowley como “a ciência e a arte de provocar mudanças para que sucedam conforme a vontade”. Dion Fortune a qualifica de forma harmoniosa, acrescentando uma cláusula: “mudança na consciência.”

A cabala revela a natureza de certos fenômenos físicos e psicológicos. Uma vez percebidos, compreendidos e correlacionados, o estudante pode usar os princípios da Magia para exercitar um controle sobre as circunstâncias e condições de vida que não podem ser alcançados de nenhuma outra forma. Em suma, a Magia proporciona a aplicação prática das teorias fornecidas pela cabala.

Porém cumpre outra função vital. Além das vantagens que se pode obter de sua aplicação filosófica, os antigos descobriram um uso muito prático para a cabala literal.

Cada letra do alfabeto cabalístico tem um número, uma cor, muitos símbolos, e é atribuída a uma carta do Tarô. A cabala não somente ajuda na compreensão do Tarô, mas também ensina ao estudante a classificar e organizar todas as ideias, números e símbolos. Da mesma forma que um conhecimento do latim permitirá aprofundar-se no significado de uma palavra inglesa de raiz latina, o conhecimento da cabala com as diversas atribuições a cada caractere de seu alfabeto capacitará o estudante para entender e correlacionar ideias e conceitos que, de outra forma, não teriam nenhuma relação aparente.

Um exemplo simples é o conceito da Trindade na religião cristã. Com frequência o estudante de cabala se surpreende ao comprovar que a mitologia

egípcia seguia um conceito similar com sua trindade de deuses. Osíris o pai, Ísis a mãe virgem e Hórus o filho. A cabala aponta correspondências similares no panteão das deidades gregas e romanas, demonstrando que os princípios da divindade, pai — mãe (Espírito Santo) — filho, são arquétipos primordiais da psique do homem, ao invés de ser, como frequente e erroneamente se acreditava, um desenvolvimento peculiar da Era Cristã.



Neste ponto gostaria de chamar a atenção acerca de um conjunto de atribuições feitas por Rittangelius, encontradas normalmente em um apêndice adjunto ao *Sepher Yetzirah*. Este apêndice mostra uma lista de uma série de “Inteligências” para cada uma das dez sephiroth e os vinte e dois Caminhos da Árvore da Vida. Depois de uma longa meditação, opino que as atribuições usuais destas Inteligências são, em seu conjunto, arbitrárias e carecem de um significado sério.

Por exemplo, a Kether se atribui a “Inteligência Admirável ou Escondida; e a Glória Primordial, pois nenhum ser humano pode chegar a sua essência.” Isto parece ser perfeitamente adequado; o sentido, a primeira vista, parece estar de acordo com o significado de Kether como a primeira emanção de Ain Soph. Porém existe pelo menos meia dúzia de outras atribuições similares, que seriam igualmente adequadas. Por exemplo, poderia ter sido denominada a “Inteligência Oculta”, normalmente atribuída ao sétimo Caminho ou sephirah, pois com segurança Kether é impenetrável em uma forma diferente das outras sephiroth. Também poderia ser chamada de “a Inteligência Perfeita ou Absoluta”, o que seria mais explícito e apropriado, sendo muito mais aplicável a Kether do que a qualquer outro dos Caminhos. Da mesma forma há uma inteligência atribuída ao décimo sexto Caminho, denominada “A Inteligência Eterna ou Triunfante”, chamada assim porque é o prazer da Glória, além da qual não existe Glória comparável, e se denomina, também, o “Paraíso preparado para os Justos”. Quaisquer destas denominações são igualmente adequadas. Há grande parte de verdade em muitas das outras atribuições nesta área particular — que constitui as chamadas Inteligências do *Sepher Yetzirah*. Não creio que seu uso ou emprego atual e arbitrário suporte um exame ou uma crítica verdadeira.

Penso que grande número de atribuições em outras áreas simbólicas está sujeito à mesma crítica. Os deuses egípcios têm sido utilizados de maneira muito imprudente e sem suficiente explicação dos motivos para associá-los, como eu mesmo fiz. Em uma edição recente da obra mestre de Crowley, *Liber 777* (que no fundo não é tanto uma reflexão da mente de Crowley como um crítico recente pretendeu, como uma tabulação de uma parte do material servido por etapas nas classes teóricas da Golden Dawn), dá, pela primeira vez, breve explicações sobre os motivos para suas atribuições. Também deveria ter sido muito mais explícito nas explicações que dei no caso de alguns deuses, cujos nomes foram usados muitas vezes, a maioria de forma inadequada, quando vários caminhos estavam implicados. Embora seja certo que a matiz religioso dos deuses egípcios difere de uma época a outra no transcurso da turbulenta história do Egito, evidentemente, umas poucas palavras a respeito seriam de grande utilidade.

Algumas passagens do livro me obrigam a remarcar aquilo que se refere à cabala, poderia e deveria usar-se sem atribuir-lhe as qualidades partidárias de qualquer outra fé religiosa em particular. Isto se refere por igual ao judaísmo e ao cristianismo. Nenhuma tem muita utilidade intrínseca ao que se refere a este esquema científico. Se alguns estudantes se sentem doídos por esta indicação, saiba que não se pode evitar: a época da maioria das religiões contemporâneas já passou; tem sido mais uma maldição do que um benefício para a humanidade. Nada do que se diga aqui, evidentemente, deveria afetar as pessoas implicadas, aquelas que aceitam estas religiões. São simplesmente infelizes. A religião em si mesma está esgotada e está morrendo.

A cabala não pode fazer nada por nenhuma delas. São inúteis as intenções por parte dos partidários do culto em impedir saberes místicos elevados através da cabala, etc., as suas doutrinas agora estéreis, e a geração mais jovem assim o entenderá. Elas, as crianças da flor e o amor, não cometerão nenhum destes disparates.

Senti isto há muito tempo, como ainda o sinto, porém mais intensamente. A única forma de explicar a atitude partidária judia, mostrada em algumas pequenas passagens neste livro, pode explicar-se facilmente. Havia lido alguns escritos de Arthur Edward Waite, e um pouco de sua pompa e turgidez prendeu-se ao meu manto. Não gostava de sua atitude cristã protetora, dessa forma me inclinei para a parte contrária. Realmente nenhuma religião é

particularmente importante hoje em dia. Devo evitar ler Waite novamente antes de empreender um trabalho literário de criação própria.



Grande parte do saber obtido pelos antigos mediante o uso da cabala foi confirmado pelas descobertas dos cientistas modernos — antropólogos, astrônomos, psiquiatras, etc., além de outros. Cabalistas ilustres estavam conscientes durante centenas de anos sobre aquilo que a psiquiatria descobriu nas últimas décadas — que o conceito do homem sobre si mesmo, suas divindades e o Universo, é um processo em constante evolução —, mudando ao mesmo tempo como o homem evolui em uma espiral mais elevada. Porém as raízes de seus conceitos estão enterradas em uma pré-visualização da consciência que antecedeu ao homem de Neandertal em incontáveis æons de tempo.

Aquilo que Jung chama de imagens arquetípicas, emergem constantemente à superfície da consciência humana do vasto inconsciente que é a herança comum de toda a humanidade.

A tragédia do homem civilizado é aquilo que o separa da consciência de seus próprios instintos. A cabala pode ajudá-lo a adquirir a compreensão necessária para reintegrar-se com eles, para que, mais do que ser dirigido por forças que não compreende, possa utilizar em seu uso corrente o mesmo poder que guia os pombos de volta às suas casas, que ensina o castor a construir um dique e que mantém os planetas girando em suas órbitas fixas ao redor do sol.

Iniciei o estudo da cabala em uma idade precoce. Dois livros que li desempenharam inconscientemente um papel proeminente ao escrever este meu livro. Um deles foi *Q.B.L.* ou a *Recepção da Noiva*, de Frater Achad (Charles Stansfeld Jones), que li por volta do ano 1926. O outro foi *Uma Introdução ao Tarô*, de Paul Foster Case, publicado no princípio dos anos vinte. Atualmente está esgotado, substituído por versões posteriores sobre o mesmo tema. Porém, se agora examino este livrinho, me dou conta de quanto me influenciou, inclusive em seu formato, embora nestes dois exemplos não existiu um traço de plágio de minha parte. Não tinha percebido até há pouco tempo do muito que lhe devo. Já que Paul Case morreu há uns dez anos, esta introdução me dá a oportunidade de dar-lhe as graças publicamente, aonde quiser que esteja agora.

Em meados de 1926 conheci o trabalho de Aleister Crowley, a quem tenho um profundo respeito. Estudei todas as obras dele que pude ter acesso, tomando muitas notas, e mais tarde fui seu secretário durante vários anos, quando o conheci em Paris, em 12 de outubro de 1928, um dia memorável de minha vida.

Todo tipo de livros foram escritos sobre a cabala, alguns medíocres e alguns muito bons. Porém cheguei a sentir a necessidade daquilo que poderia chamar-se um manual Berlitz, uma introdução concisa, porém global, ilustrada com diagramas e tabelas de definições facilmente compreensíveis e correspondências, para facilitar a assimilação por parte do estudante de um tema tão complicado e profundo.

Durante um breve retiro em North Devon, em 1931, comecei a coordenar minhas notas. Foi a partir destas que, pouco a pouco, surgiu *Um Jardim de Romãs*. Admito, sem vergonha, que meu livro contém muitos plágios diretos de Crowley, Waite, Eliphas Levi e D. H. Lawrence. Havia incorporado numerosos fragmentos de suas obras em meus apontamentos, sem citar referências individuais a estas diversas fontes.

O último capítulo de *Um Jardim de Romãs* trata do Caminho de Regresso. Utilizei quase totalmente o conceito de Crowley sobre o Caminho, como ele o descreveu em seu magnífico ensaio *Uma Estrela à Vista*. Além disso, tomei muitas ideias de *A Propósito de O amante de Lady Chatterley*, de Lawrence. De alguma maneira tudo junto encaixava muito bem. Ao seu tempo, todas estas notas misturadas foram incorporadas ao texto sem mencioná-lo, um descuido que penso que deveria ser perdoado, pois naquele momento tinha somente vinte e quatro anos.

Alguns naturalistas modernos e membros do redimido e reorganizado culto às bruxas me felicitaram pelo capítulo final que intitulei “A Escada”. Isto me compraz. Durante muito tempo não estive, em absoluto, interessado no tema da bruxaria. O que havia evitado por completo, não me sentindo atraído por sua literatura. De fato, apenas comecei a me informar a respeito do tema e sua literatura faz uns poucos anos, depois de ter lido *A Anatomia de Eva*, escrita pelo Dr. Leopold Stein, um analista seguidor de Jung. Na relação de seu estudo de quatro casos, incluiu um capítulo informativo sobre o tema. Isto serviu para me estimular a ler mais sobre o mesmo.

Em 1932, por sugestão de Thomas Burke, o romancista, apresentei o meu livro a um de seus editores, os Senhores Constable de Londres. Não puderam

aproveitá-lo, porém fizeram-me comentários alentadores e me aconselharam apresentá-lo a Riders. Com grande alegria e surpresa de minha parte, Riders o publicou, e com os anos a influência que tinha indicou que serviu para que outros estudantes satisfizessem suas necessidades de um estudo condensado e simplificado de um tema tão amplo como a cabala.

Para mim a importância do livro consistiu e consiste em cinco coisas:

- 1) Ele forneceu um critério com o qual medir meu progresso pessoal na compreensão da cabala;
- 2) por conseguinte, pode ter um valor equivalente para o estudante atual;
- 3) serve de introdução teórica ao fundamento cabalístico do trabalho mágico da Ordem Hermética ou da Golden Dawn;
- 4) lança uma luz considerável sobre os escritos, às vezes misteriosos, de Aleister Crowley;
- 5) está dedicado a Crowley, que foi o Ankh-af-na-Khonsu mencionado em *O Livro da Lei* — uma dedicatória que serviu como demonstração de minha lealdade e devoção pessoal à Crowley, porém foi também um sinal de minha independência espiritual dele.

Em sua profunda investigação sobre as origens e natureza básica do homem, Robert Ardrey, em *Gênese Africana*, fez recentemente uma afirmação surpreendente. Embora o homem tenha iniciado a conquista do espaço exterior, a ignorância de sua própria natureza, diz Ardrey: “tem-se institucionalizado, universalizado e santificado”. Observa, ainda, que se formasse uma fraternidade humana agora, seu único vínculo comum possível seria a ignorância daquilo que é o homem.

Essa condição é deplorável e às vezes aterradora, quando os meios para adquirir uma total compreensão e conhecimento de si mesmo estão ao alcance do homem — e ao fazê-lo consegue-se um conhecimento do próximo e do mundo aonde vive, assim como o Universo maior, do qual cada um constitui uma parte.

Quem ler esta nova edição de *Um Jardim de Romãs* poderá ser estimulado e inspirado para acender a sua própria luz de visão interior e iniciar sua viagem ao espaço ilimitado que se encontra dentro de si mesmo. Então, mediante a

compreensão de sua verdadeira identidade, cada estudante pode converter-se em uma lâmpada de seu próprio caminho. E ainda mais. A Consciência da Verdade de seu ser rasgará em pedaços o véu do desconhecido que até agora encerrou à estrela que ele já é, permitindo que o brilho de sua luz ilumine a escuridão daquela parte do Universo onde ele habita.

ISRAEL REGARDIE

PREFÁCIO

Baseado no versículo do Cântico dos Cânticos, “tuas plantas são um pomar de Romãs”, um livro intitulado *Pardis Rimonim* foi escrito no século XVI pelo rabino Moses Cordovero. Este filósofo é considerado por algumas autoridades na matéria como a maior lâmpada nos dias pós-zoháricos dessa Menorah espiritual, a cabala, que, com uma graça tão estranha e uma irradiação tão profusa da Luz Supernal, iluminou a literatura e a filosofia religiosa dos judeus de igual maneira que a seus imediatos e subsequentes vizinhos na Diáspora. Adotei o equivalente em inglês de *Pardis Rimonim*, ou seja, *A Garden of Pomegranates* (Um Jardim de Romãs, título em português) como título de meu modesto trabalho, embora me sinto obrigado a confessar que este último tem muito pouca relação com o fato real ou histórico com o de Cordovero.

Na colheita dourada de indicações puramente espirituais que a cabala fornece, sinto realmente que um verdadeiro jardim de alma pode ser construído; um jardim de imensa magnitude e grandioso significado, onde cada um de nós possa descobrir todo tipo e classe de frutos exóticos e flores graciosas de preciosas cores. Posso acrescentar que a romã sempre foi, e em todo lugar, para os místicos, um objeto propício para o simbolismo recôndito. O jardim ou pomar produziu, também, um tesouro quase inesgotável de metáforas de gosto esquisito e magnífico naquela obra intitulada *O Livro do Esplendor*.

Este livro sai, pois, com o desejo daquilo que um moderno escritor disse:

Há poucos que não têm um jardim secreto em sua mente. Pois apenas este jardim pode reabastecer-se quando à vida lhe falta paz ou sustento, ou uma resposta satisfatória. Tais santuários podem ser alcançados graças a certa doutrina ou filosofia, com a orientação de um autor querido ou um amigo compreensivo, pelo caminho dos templos da arte e da música, ou buscando tatear a verdade através dos

imensos campos do saber. Encerram quase sempre verdade e beleza, e resplandecem com a luz que nunca esteve sobre a terra ou sobre o mar. (Clare Cameron: Verdes Campos da Inglaterra.)

Humildemente ofereço este bem intencionado jardim de romãs que me foi legado àqueles tão pouco afortunados que não possuem um santuário tão sagrado, um construído com suas próprias mãos. Desejo que dele possam colher alguns frutos, flores, ou alguma fruta madura que possa servir de núcleo ou como os meios para plantar um jardim secreto na mente, sem o qual não existe a paz, nem a alegria, nem a felicidade.

É justo que umas notas de agradecimentos aos meus predecessores na investigação cabalística acompanhe esta obra, na qual me esforcei por apresentar uma exposição dos princípios básicos que fundamentam a cabala, para oferecer uma espécie de livro-texto para seu estudo. Evitei escrupulosamente a pretensão e as controvérsias desnecessárias.

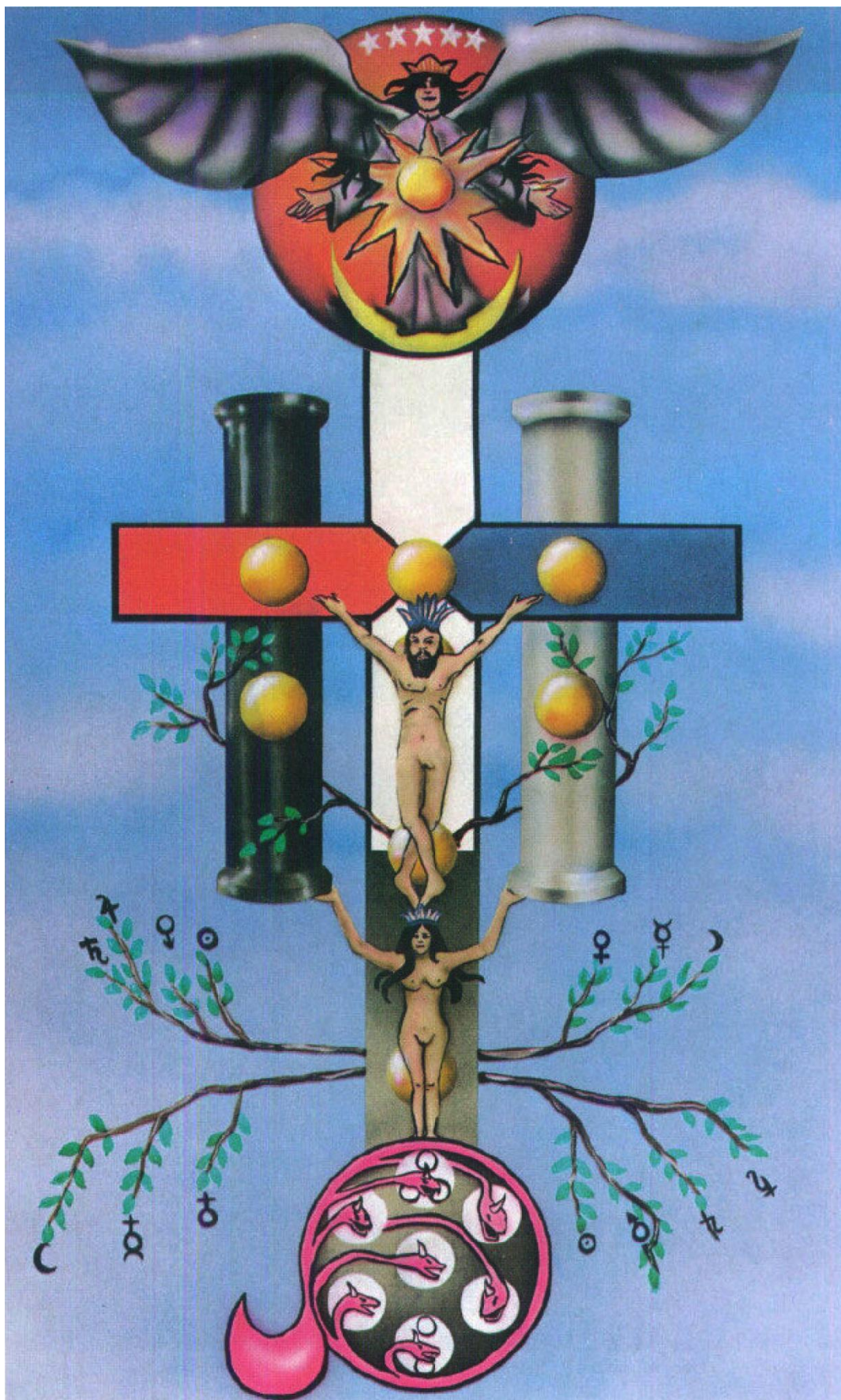
Estou em dívida com os escritos de Madame H. P. Blavatsky e creio que não serei demasiadamente egoísta ao pretender que o entendimento correto dos princípios aqui explicados revelará muitos pontos sutis e de interesse filosófico de seu livro *A Doutrina Secreta* e ajudar na compreensão desta obra monumental. O mesmo se pode dizer da tradução das partes do *Zohar* — *A Cabala Desvelada*, de S. L. MacGregor Mathers, e do excelente compêndio do *Zohar* — *A Doutrina Secreta de Israel*, de Arthur E. Waite, ambos são livros, em sua maior parte, obscuros para a maioria dos estudantes do saber e filosofia mística que não possuem os conhecimentos comparativos especializados que esforcei em incorporar neste livro.

Devo chamar a atenção sobre um tratado de autor desconhecido, intitulado *Os Trinta e Dois Caminhos de Sabedoria*, do qual realizou magníficas traduções W. Wynn Westcott, Arthur E. Waite e Knut Stenring. Com o passar do tempo, parece haver-se incorporado e unido ao texto do *Sepher Yetzirah*, embora vários críticos o situe em uma data posterior a dos genuínos mishnahs do *Sepher Yetzirah*. Sem dúvida, ao dar os nomes dos Caminhos neste tratado, os designei como no *Sepher Yetzirah* para evitar uma confusão desnecessária. Espero que isto não mereça uma crítica adversa.

Já que o tema da Magia tem sido ligeiramente tratado no último capítulo deste livro, talvez seja aconselhável observar aqui que a interpretação dada a certas doutrinas e a algumas das letras hebraicas estão estreitamente relacionadas com as fórmulas mágicas. Evidentemente, me absteve

expressamente de entrar em uma consideração mais profunda da Cabala Prática, embora possam encontrar algumas indicações valiosas na explicação do Tetragrammaton, por exemplo, que possam ser de grande ajuda. Como observei previamente, este livro se propõe ser um livro-texto elementar sobre cabala, interpretada como um novo sistema de classificação filosófica. Esta é a minha única desculpa para aquilo que parece ser uma recusa ao tratar mais adequadamente os métodos da Realização.

ISRAEL REGARDIE



O Jardim do Éden Antes da Queda

CAPÍTULO 1

PANORAMA HISTÓRICO

A cabala é uma sabedoria tradicional que pretende tratar *in extenso* os tremendos problemas da origem e natureza da Vida e a Evolução do Homem e do Universo.

A palavra “Qabalah” deriva de uma raiz hebraica קבל (QBL), que significa “receber”. A lenda conta que esta filosofia é um conjunto de conhecimentos sobre coisas primeiro ensinados pelo Demiurgo a uma seleta companhia de inteligências espirituais de alta categoria que, depois da Queda, comunicaram seus mandatos divinos à Humanidade — que, na realidade, eram eles mesmos encarnados. Chama-se também a Chokmah Nistorah, “A Sabedoria Secreta”, chamada assim porque foi transmitida oralmente pelos Adeptos aos Discípulos nos Santuários Secretos de Iniciação. A tradição conta que nenhuma parte desta doutrina foi aceita como autorizada até que tivesse sido submetida a uma crítica e investigações severas e minuciosas através de métodos de estudo prático e que descreveremos mais adiante.

Para seguir com seu fundamento histórico, a cabala é o ensinamento místico judeu que se refere à interpretação iniciada nas escrituras hebraicas. É um sistema de filosofia espiritual ou teosófica, usando esta palavra em suas implicações originais de Θεος Σοφία, que não somente exerceu durante séculos uma influência sobre o desenvolvimento espiritual de gente tão perspicaz e inteligente como os judeus, mas que chamou a atenção de teólogos e filósofos renomados, particularmente nos séculos XVI e XVII. Entre os dedicados ao estudo de seus teoremas estavam Raymond Lully, o metafísico escolástico e

alquimista; John Reuchlin, que fez renascer a Filosofia Oriental na Europa; John Baptista von Helmont, o físico e químico que descobriu o hidrogênio; Baruch Spinoza, o filósofo judeu excomungado “Deus ébrio”; e o Dr. Henry More, o famoso especialista em Platão de Cambridge. Estes homens, para citar tão somente alguns entre os muitos que se sentiram atraídos pela ideologia cabalística, depois de buscar ativamente uma visão do mundo que deveria revelá-los as verdadeiras causas da vida e mostrar o vínculo interior real que une todas as coisas, conseguiram satisfazer, ao menos parcialmente, as ansiedades de suas mentes através de um sistema psicológico e filosófico.

Hoje em dia, por norma geral, se aceita que o judaísmo e o misticismo se encontrem em polos opostos do pensamento e que, por conseguinte, o misticismo judaico é uma notória contradição em seus termos. A assunção errônea aqui surge da antítese da lei da doutrina como foi proposta pela mentalidade proselitista de São Paulo (e, em menor grau, pelos esforços racionais de Maimônides para conformar tudo com os princípios formais de Aristóteles), apontando falsamente o judaísmo como uma religião de absoluto legalismo. O misticismo é o inimigo irreconciliável do legalismo puramente religioso.

A confusão se deve não somente aos esforços daqueles teólogos da Idade Média que, desejosos de salvar seus ignorantes irmãos hebreus das dores da tortura e condenação eterna ao inferno, não somente desordenaram e falsificaram os textos originais, mas que também fizeram interpretações extremadamente sectárias para mostrar que os autores dos livros cabalísticos desejavam que os judeus se convertessem em apóstatas do cristianismo.

A cabala tomada em sua forma tradicional e literal — como está contida no *Sepher Yetzirah*, *Beth Elohim*, *Pardis Rimonim* e *Sepher haZohar* —, é em sua maior parte ininteligível ou, a primeira vista, um completo disparate para a pessoa “lógica” comum. Porém contém como instrumento fundamental de trabalho a joia mais preciosa do pensamento humano, essa disposição geométrica dos nomes, números, símbolos e ideias chamada “Árvore da Vida”. É chamada de a mais preciosa porque é considerada como o sistema mais conveniente descoberto para classificar e registrar suas relações, da qual a prova é as possibilidades ilimitadas para o pensamento analítico e sintético que acompanham a adoção deste esquema (figura 2 – página 27).

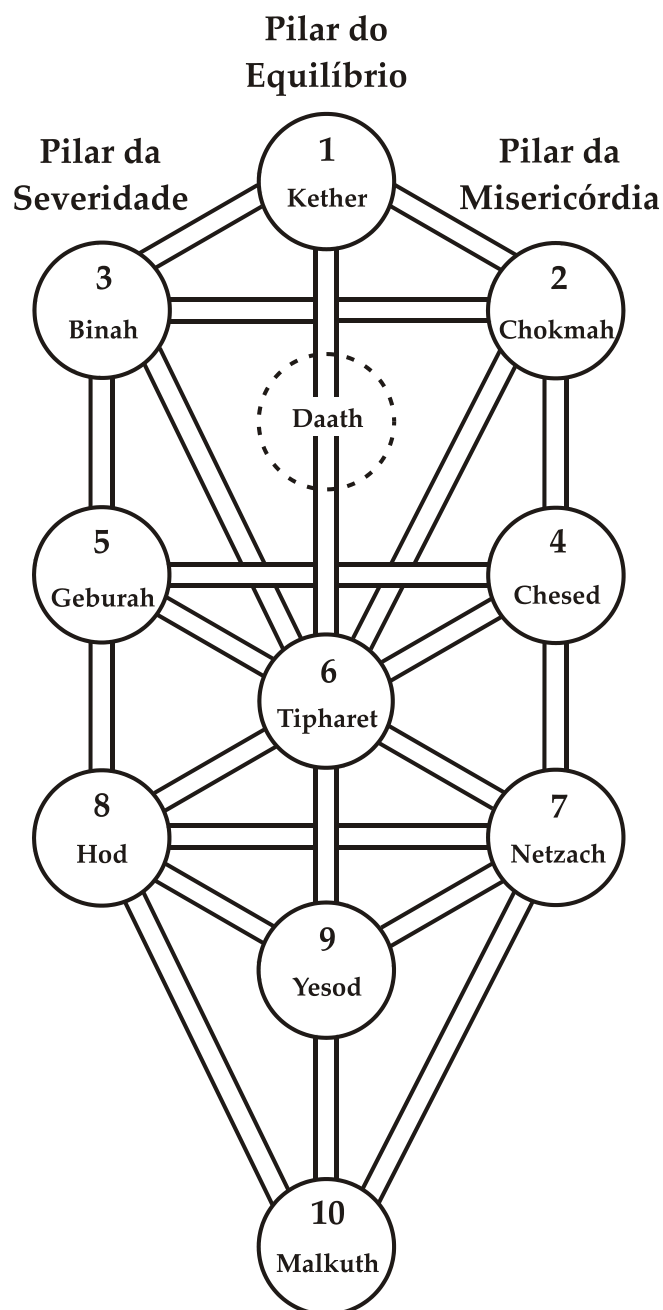


Figura 2: A Árvore da Vida

A história da cabala, ao que se refere à publicação de textos esotéricos, é vaga e indeterminada. A crítica literária apontou o *Sepher Yetzirah* (atribuído ao rabino Akiba) e o *Sepher haZohar* (do rabino Simeon Ben Yochai), como seus textos principais, no século XVIII no primeiro caso e no século III ou IV, em relação ao segundo. Alguns historiadores mantêm que a cabala é um derivado

das ideias pitagóricas, gnósticas e fontes napoleônicas. Esta última opinião reflete, em particular, a crença do Senhor Christian D. Ginsburg.

O grande pensador judeu Graetz também mantém a opinião nada histórica de que o misticismo judaico é um crescimento tardio e doentio, estranho ao gênio religioso de Israel e que tem sua origem nas especulações de um tal Isaac o Cego, na Espanha, entre os séculos XI e XII. Graetz vê a cabala, o *Zohar* em particular, como “uma falsa doutrina que, embora nova, se denomina a si mesma como um ensinamento judaico de Israel” (*História dos Judeus*, vol. III, página 565).

Esta afirmação não tem nenhum fundamento, pois uma leitura cuidadosa dos livros do *Antigo Testamento*, o *Talmude* e outros documentos rabínicos conhecidos que chegaram até nós indicam que ali pode ser encontrada as grandes e prematuras bases monumentais da cabala. É certo que a doutrina cabalística não está explícita ali, porém a análise a revela para ser tacitamente assumida; muitos críticos apontam que vários dos rabinos mais importantes possam não ser compreendidos sem a implicação de uma filosofia mística querida e venerada em seus corações e que afeta totalmente seus ensinamentos.

Em seu brilhante ensaio, *A Origem das Letras e Números de acordo com o Sepher Yetzirah*, o senhor Phineas Mordell sustenta que a Filosofia de Números de Pitágoras (o maior enigma de todos os sistemas filosóficos da antiguidade) é idêntica àquela do *Sepher Yetzirah* e que sua filosofia surgiu aparentemente de uma das escolas fonéticas hebraicas. Mordell, finalmente, aventura na opinião de que o *Sepher Yetzirah* representa os fragmentos genuínos de Philolaus, que foi o primeiro a publicar a filosofia de Pitágoras e que Philolaus parece corresponder-se curiosamente com Joseph ben Uziel, que escreveu o *Sepher Yetzirah*. Se a segunda teoria puder manter-se, podemos então supor uma origem pré-talmúdica para o *Sepher Yetzirah* — provavelmente o século II — anterior a Era Cristã.

O *Zohar*, se realmente o trabalho de Simeon ben Yochai não foi registrado por escrito naquele momento, porém havia sido oralmente transmitido pelos companheiros das Assembleias Santas, foi finalmente escrito pelo rabino Moses ben Leon, no século XIII. Madame Blavatsky aventura na hipótese de que o *Zohar*, como agora o possuímos, foi adaptado e reeditado por Moses de Leon depois de ter sido desfigurado em sua maior parte pelos rabinos judeus e eclesiásticos cristãos antes do século XIII. Ginsburg, em seu *Kabbalah*, dá várias razões de causa para justificar que o *Zohar* deve ter sido “escrito” no século XIII.

Seus argumentos, embora interessantes em muitos sentidos, não levam em consideração o fato de que sempre houve uma tradição oral. Isaac Myer, em seu amplo, e de certa forma autorizado, tomo intitulado *A Cabala*, analisa com muito cuidado estas objeções adiantadas por Ginsburg e outros, e me sinto obrigado a confessar que suas respostas, *ad seriatim*, confirmam a teoria da origem do *Zohar* no século XIII. O Dr. S. M. Schiller Szinessy, que foi professor de literatura rabínica e talmúdica em Cambridge disse: “O núcleo do livro é dos tempos mishnicos. Rabino Shimeon ben Yochai foi o autor do *Zohar* no mesmo sentido que o rabino Yohanan foi o autor do *Talmude* palestino; ou seja, deu o primeiro impulso à composição do livro”.

E considero que o senhor Arthur Edward Waite, em sua obra clássica e erudita *A Santa Cabala*, onde examina a maioria dos argumentos que se referem à origem e história deste *Livro de Esplendor*, se inclina pela opinião já expressa aqui, evitando posições extremas, acreditando que, enquanto uma grande parte realmente pertence à era de ben Leon, uma parte ainda maior leva de forma indelével o carimbo da antiguidade.

Seguramente não é de tudo improvável que o *Zohar* — com suas doutrinas místicas comparáveis, ou melhor dizendo, idênticas em quase cada um de seus detalhes com as de outras raças em outros climas —, deveria ter sido originalmente *composto* por Simeon ben Yochai, ou outro de seus chegados, ou estudantes, no século II, porém não levados ao papel até Moses de Leon, no século XIII.

Uma apresentação muito parecida à hipótese anterior é encontrada na excelente obra do Prof. Abelson, intitulada *O Misticismo Judeu*, onde lemos que:

Devemos tomar cuidado em seguir a opinião equivocada de determinado grupo de teólogos judeus que nos faria olhar para a totalidade da cabala medieval (da qual o Zohar é uma parte visível e representativa) como uma importação estrangeira, repentinamente e de forma estranha. Realmente é uma continuação da velha corrente de pensamento talmúdico e midráshico com a adição de elementos estranhos recolhidos, como era inevitável — pela trajetória da corrente através de muitas terras —, elementos cuja associação deve ter transformado em muitas formas o matiz e a natureza original da corrente.

Seja como for, e ignorando os aspectos estéreis da controvérsia, a aparição pública do *Zohar* foi o grande sinal no desenvolvimento da cabala; e hoje em dia podemos dividir sua história em dois principais períodos: pré-zohárico e pós-zohárico. Enquanto não se pode negar que houve Profetas judeus e Escolas

místicas de grande habilidade e que possuíam grande quantidade de saber recôndito nos tempos bíblicos, como o de Samuel, os essênios, e Philo, a primeira escola cabalística da qual possuímos *público e preciso registro*, foi conhecida como a Escola de Gerona na Espanha (século XII D.C.), chamada assim porque seu fundador, Isaac o Cego; e muitos de seus discípulos nasceram ali.

Não se sabe praticamente nada sobre o fundador da Escola. Dois de seus estudantes foram o rabino Azariel e o rabino Ezra. O primeiro foi o autor de uma clássica obra filosófica intitulada *O Comentário sobre as Dez sephiroth*, uma excelente e a mais lúcida exposição de filosofia cabalística e considerada uma obra autorizada por aqueles que a conhecem. Estes foram sucedidos por Nachmanides, nascido em 1195 D.C., que foi o artífice da atenção devotada a este sistema esotérico naqueles tempos na Espanha e na Europa em geral. Suas obras tratam, principalmente, sobre os três métodos de permutação de números, letras e palavras, como será descrito no Capítulo VI.

A filosofia experimentou uma profunda elaboração e exposição nas mãos de R. Isaac Nasir e Jacob ben Sheshet, no séculos XII; o último compôs um tratado em prosa rimada e uma série de oitos ensaios que tratavam das doutrinas do Infinito (*En Soph*), a Reencarnação (*Gilgolim*), a doutrina da Retribuição Divina (*Sod ha Gimol*), ou, para usar um termo oriental mais adequado, o Carma, e um tipo peculiar de cristologia.

A próxima, na sequência, foi a Escola de Segovia, e seus discípulos, entre os quais estava Todras Abulafia, um médico e investidor que ocupou uma das posições mais importantes e distintas na corte de Sancho IV, rei de Castilla. A predisposição característica desta Escola era a sua devoção aos métodos exegéticos; seus discípulos se esforçaram para interpretar a Bíblia e o Hagadah de acordo com a doutrina da cabala.

Outra Escola contemporânea achou que o judaísmo daquele momento, tomado por um ponto de vista exclusivamente filosófico, não indicava “o caminho correto ao Santuário”, e se esforçaram em combinar filosofia e cabala, ilustrando seus diversos teoremas com fórmulas matemáticas.

Pelo ano de 1240 D.C. nasceu Abraham Abulafia, que se converteu em uma célebre figura — desacreditou, contudo, o nome desta teosofia. Estudou filologia, medicina e filosofia, assim como os poucos livros sobre cabala que naquele momento existiam. Prontamente intuiu que a Filosofia dos Números de Pitágoras era idêntica à exposta no *Sepher Yetzirah* e, mais tarde, insatisfeito com

a investigação acadêmica, se dedicou àquele aspecto da cabala denominado *מעשית קבלה* ou Cabala Prática, que hoje em dia chamamos de Magia. Infelizmente os cabalistas públicos daquela época não dispunham da técnica desenvolvida e especializada que agora existe, derivada dos *Collegii ad Spiritum Sanctum*. O resultado foi que Abulafia se enganou bastante em seus posteriores experimentos e viajou à Roma para esforçar-se em converter o Papa (de todos) ao judaísmo. Deseja-se o juízo do leitor ao êxito que tiveram os seus esforços.

Mais tarde aclamou a si mesmo, de forma bastante entusiástica, como o Messias esperado durante tanto tempo e profetizou o milênio — que não ocorreu. Sua influência tem sido totalmente nociva. Um discípulo seu, Joseph Gikatilla, escreveu em interesse e defesa de seu mestre um número de tratados que estavam relacionados com os diversos aspectos da exegese estabelecidos por ele.

O *Zohar* representa o próximo grande desenvolvimento. Este livro, combinando, absorvendo e sintetizando as diferentes doutrinas e características das escolas anteriores, fez sua estreia, causando sensação nos círculos filosóficos e teológicos por causa de suas especulações a respeito de Deus, a doutrina das Emanações, a evolução do Universo, a Alma e suas Transmigrações e seu retorno final à Fonte de Tudo. A nova era na história da lenda, filosofia e anedota continuaram até os dias atuais. Todavia, hoje, quase todos os escritos que já se aderiram às doutrinas da cabala têm feito do *Zohar* seu principal livro-texto e seus expoentes tem se dedicado assiduamente a comentários, resumos e traduções — equivocando, contudo, com muito poucas exceções, sobre as possibilidades reais que servem de base à Árvore da Vida cabalística.

O *Zohar* impressionou de tal forma ao célebre metafísico escolástico e químico experimental Raymond Lully que ele sugeriu o desenvolvimento do *Ars Magna*, uma ideia cuja exposição exhibe as mais sublimes ideias da cabala, contemplando-a como uma ciência divina e uma revelação genuína de Luz na alma humana. Foi uma daquelas poucas figuras asiladas atraídas por seu estudo que entendeu seu uso de um tipo particular de símbolos e se esforçou em construir um alfabeto filosófico e mágico prático, sobre os quais se tentará fornecer uma explicação nos capítulos restantes deste livro.

Abraham Ibn Wakar, Pico della Mirandola, Reuchlin, Moses Cordovero e Isaac Luria, são uns poucos entre os pensadores mais importantes anteriores ao século XVII, cujas especulações afetaram de formas diversas o progresso de investigação cabalística. O primeiro nomeado (um aristotélico) fez uma

tentativa realmente nobre de reconciliar à cabala com a filosofia acadêmica de seu tempo e escreveu um tratado que é um excelente compêndio de cabala.

Mirandola e Reuchlin foram cristãos que empreenderam um estudo de cabala com o motivo oculto de obter uma arma adequada com a qual converteria os judeus ao cristianismo. Alguns judeus foram tão tristemente enganados e confundidos pela mutilação dos textos e pelas interpretações distorcidas que abandonaram o judaísmo. Paul Ricci, médico do imperador Maximiliano I; John Stephen Rittengal, um tradutor do *Sepher Yetzirah* ao latim; e em tempos mais recentes Jacob Franck e sua comunidade foram arrebanhados pela cristandade ante a indiscutível afirmação de que o *Zohar* conciliava e revelava as doutrinas do Nazareno. Tais provas, naturalmente, desprestigiaram seus autores e atualmente falam contra seus alegadores e seus aceitadores.

Cordovero se converteu em um mestre da cabala em idade precoce e suas principais obras são filosóficas e têm pouco a ver com a questão prática ou mágica.

Luria fundou uma Escola totalmente oposta à de Cordovero. Ele mesmo foi um zeloso e brilhante estudante do *Talmude* e do saber rabínico, porém percebeu que o simples retiro a uma vida de estudos não o satisfazia. Então ele se retirou para as margens do Nilo, onde se dedicou exclusivamente à meditação e às práticas ascéticas, recebendo visões de caráter surpreendentes. Escreveu um livro expondo suas ideias sobre a teoria da reencarnação (*ha Gilgolim*). Um aluno seu, rabino Chayim Vital, produziu uma obra abrangente, *A Árvore da Vida*, baseada nos ensinamentos orais do mestre, dando dessa forma um ímpeto tremendo ao estudo e prática cabalística.

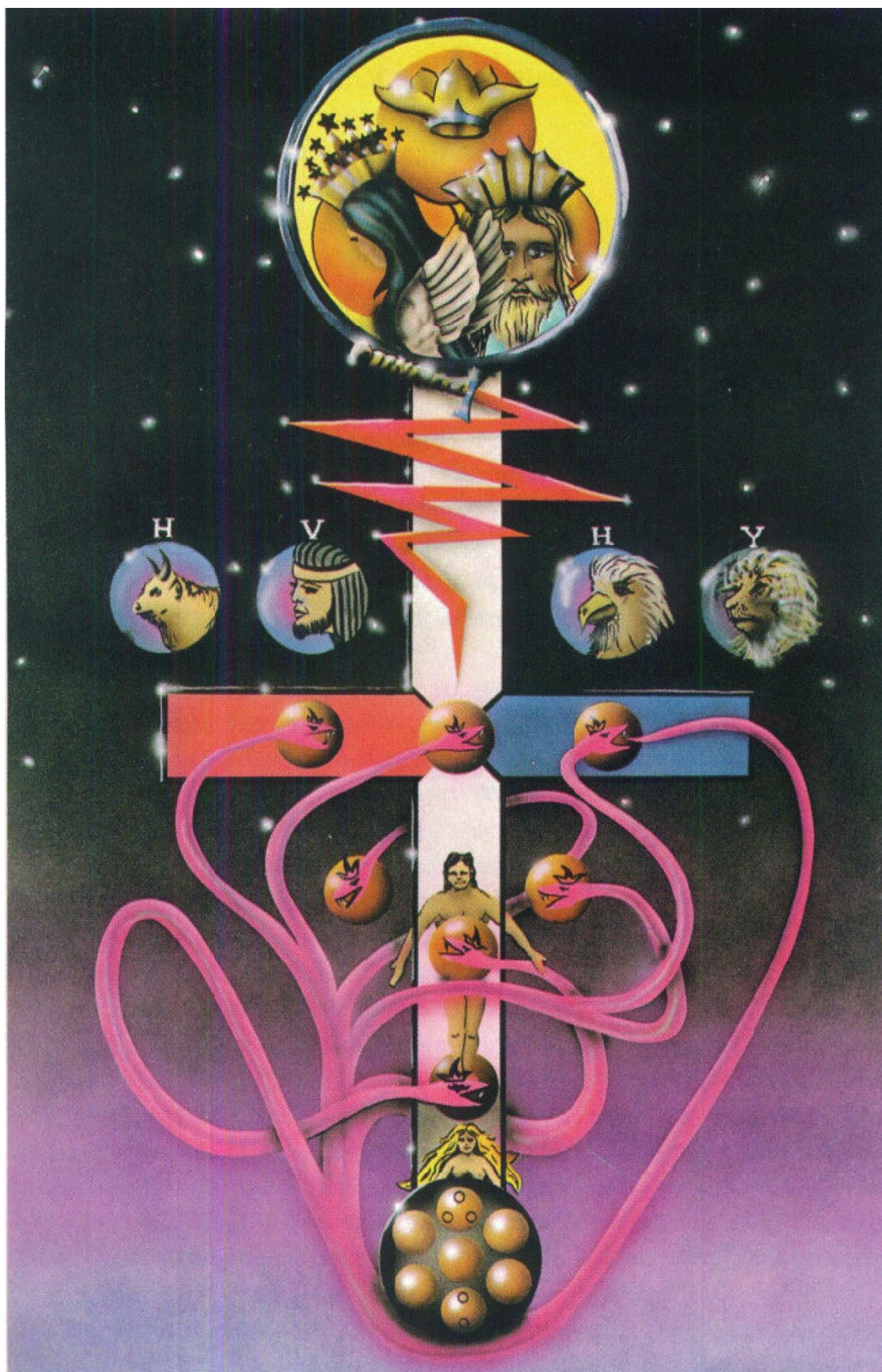
Existem vários cabalistas de diversas importâncias no período intermediário da história pós-zohárica. Rússia, Polônia e Lituânia deram refúgio a um grande número deles. Nenhum destes expôs publicamente aquela parte particular da filosofia à qual está dedicado este tratado. O movimento evangelista espiritual inaugurado entre os judeus da Polônia pelo rabino Israel Baal Shem Tov na primeira metade do século XVIII é suficientemente importante para justificar citá-lo aqui. Pois, embora o jasidismo, como se chamou este movimento, deriva seu entusiasmo do contato com a natureza e com o ar livre dos Cárpatos, tem sua origem literária e sua significativa inspiração nos livros que formam a cabala.

O hassidismo deu as doutrinas do *Zohar* ao “Am ha-aretz” como nenhum outro grupo de rabinos havia conseguido fazer, e além disso, parece que a

Cabala Prática recebeu ao mesmo tempo um impulso considerável. Pois encontramos que a Polônia, Galícia e certas regiões da Rússia foram cenários de atividades de rabinos errantes e especialistas do *Talmude*, a que se deu o nome de *tsadikim* ou magos, homens que assiduamente dedicaram suas vidas e seus poderes à Cabala Prática. Porém não foi até o século passado, com seu impulso a todo tipo de estudos de mitologia comparativa e controvérsia religiosa, que descobrimos uma intenção de unificar todas as filosofias, religiões, ideias científicas e símbolos em um Todo coerente.

Eliphas Lévi Zahed, um diácono católico romano de destacada perspicácia, publicou um brilhante volume em 1852, *Dogmas e Ritual de Alta Magia*, no qual encontramos sintomas claros e inequívocos de uma compreensão da base essencial da cabala. Suas dez sephiroth e as vinte e duas letras do alfabeto hebraico com uma organização adequada para a construção de um sistema prático de comparação e síntese filosófica. Diz-se que publicou esta obra em um momento em que a informação sobre todos os temas ocultos estava rigorosamente proibida por várias razões pessoais pela Escola Esotérica à qual pertencia. Encontramos depois um volume afim publicado pouco tempo depois, *A História da Magia*, onde — indubitavelmente para se proteger da censura que o apontava e para despistar a insuspeitos seguidores da pista — contradiz suas teorias e conclusões anteriores.

Vários fiéis expositores de impecável erudição da última metade do século XIX foram os artífices da moderna regeneração dos princípios fundamentais e sensatos da cabala, sem vieses teológicos nem superstições históricas que haviam sido depositados sobre esta venerável e arcana filosofia durante a Idade Média. W. Wynn Westcott, que traduziu o *Sepher Yetzirah* ao inglês e escreveu *Uma Introdução ao Estudo da Cabala*; S. L. MacGregor Mathers, o tradutor de partes do *Zohar* e *A Magia Sagrada de Abramelin o Mago*; Madame Blavatsky, aquela mulher de coração de leão, que atraiu a atenção de estudantes ocidentais pela filosofia oriental; Arthur Edward Waite, que realizou sumários acessíveis e muito bem expostos de várias obras cabalísticas; e o poeta Aleister Crowley com seu *Liber 777* e *Sepher sephiroth*, entre muitos outros escritos filosóficos; sinto-me muito em dívida com eles — todos aportaram informação vital que pode ser utilizada para a construção do alfabeto filosófico.



O Jardim do Éden Depois da Queda

CAPÍTULO 2

O FOSSO

A filosofia da cabala é essencialmente esotérica, já que os métodos práticos de investigações esotéricas e seculares são essencialmente idênticos — experimentações contínuas e persistentes, o empenho por eliminar o risco e erro, o esforço por averiguar as constantes e as variáveis das equações investigadas. A única e principal diferença é que se ocupam exclusivamente de diferentes campos de investigação.

A filosofia acadêmica formal glorifica o intelecto e assim investiga aquilo que são, depois de tudo, coisas acessórias — se considerarmos a filosofia como o meio supremo de investigar os problemas da vida e do universo. A cabala crê que o intelecto contém em si mesmo um princípio de autocontradição e que, portanto, é um instrumento pouco fiável para ser usado na suprema Busca da Verdade. Numerosos filósofos acadêmicos chegaram igualmente a uma conclusão semelhante. Alguns dos melhores perderam a esperança de obter em algum dia um método adequado para transcender esta limitação e caíram no ceticismo. Outros, vendo claramente a solução, confiaram na intuição ou, para ser mais exato, o conceito intelectual de intuição, o que, em consequência, tende a degenerar em conjecturas matizadas pela inclinação pessoal e incitadas por um enorme fantasma do desejo.

Os dois principais métodos da cabala tradicional e esotérica são a Meditação (Ioga) e a Cabala Prática (Magia). Por ioga entende-se esse rigoroso sistema de disciplina mental e autodisciplina que tem como objeto principal o controle completo e absoluto do princípio pensante, o *Ruach*; sendo seu objetivo final obter a faculdade de tranquilizar a corrente de pensamento à “vontade”,

para que aquilo que está por trás (por dizê-lo de alguma maneira), ou em cima, ou além da mente, possa manifestar-se na tranquilidade assim produzida. O essencial é a quietude da turbulência mental. Com esta faculdade a sua disposição ensina ao estudante a elevar a mente com os diversos métodos técnicos da Magia até que supera as limitações e barreiras de sua natureza, intuitivamente participa do saber universal, que se considera uma fonte mais fiável de informações que a introspecção racional do intelecto ou a investigação científica experimental do assunto possam dar. É o contato com a fonte da Vida em si mesma, o *fons et origo* da existência, mais do que um cego mover-se tateando na obscuridade atrás de símbolos confusos que aparecem unicamente no denominado plano prático ou racional do pensamento.

A ciência secular ou positivismo ocupou-se da investigação da matéria e do universo visível, assim como se percebe com os cinco sentidos. Afirma que, com um estudo dos fenômenos, podemos acercar-nos ao mundo como é em realidade, às coisas em si mesmas. Nesse sistema afirma-se que a percepção é apenas um nome para certas séries de mudanças biológicas e químicas que ocorrem em certos conteúdos de nossos cérebros e que, mediante uma investigação de coisas como parecem ser, podemos chegar a uma compreensão de suas causas, do que realmente são.

O argumento filosófico contrário das escolas idealistas é que, estudando as leis da Natureza, apenas podemos estudar as leis de nossas próprias mentes; que seria bastante fácil demonstrar que, depois de tudo, realmente chegamos a conhecer muito pouco sobre ideias como: matéria, movimento e peso, etc., mas do ponto de vista puramente idealista; que são simples fases de nosso pensamento.

Os cabalistas e todas as demais escolas de misticismo partem de um ponto de vista, todavia, mais absoluto, argumentando que a controvérsia em seu conjunto é puramente verbal; pois todas as propostas ontológicas podem, com um pouco de habilidade, reduzir-se a uma ou outra forma. A consequência desta observação existe no reino da filosofia moderna, aquilo que se considera francamente como um ponto morto. Os cabalistas afirmam que a Razão é uma arma inadequada para a busca da Realidade, já que sua natureza é essencialmente autocontraditória. Hume e Kant a compreenderam; porém um se tornou cético no mais amplo sentido da palavra e no outro a conclusão se ocultou atrás de um transcendentalismo carregado de verbosidade.

Spencer também a compreendeu, porém tentou encobri-la e enterrá-la sob a ponderação de sua erudição. A cabala, nas palavras de um de seus mais zelosos defensores, resolveu a disputa pondo o dedo no ponto mais débil: “Também a razão é uma mentira, pois existe um fator infinito e desconhecido; e todas as suas palavras são imprudentes.” O Universo não pode ser explicado mediante a razão; sua natureza é claramente irracional. Como observou o Prof. Henri Bergson: “Nosso pensamento em sua forma puramente lógica é *incapaz* de apresentar a natureza verdadeira da Vida” e a faculdade intelectual se caracteriza por uma “incapacidade natural para *compreender* a vida.” O Prof. Arthur S. Eddington observou igualmente que: “Em uma teoria sobre o mundo, os elementos essenciais devem ser de uma natureza *impossível* de definir em termos identificados para a mente.”

Uma afirmação mais recente de Julian Huxley, considerado um excelente expoente da opinião científica moderna, aparece em sua obra *O que me Atrevo a Pensar*:

Não existe nenhuma razão pela qual o universo tenha que ser perfeito; não há, em verdade, nenhuma razão pela qual deva ser racional.

Um dos paradoxos do intelecto é que, apesar do fato de que nosso conhecimento se baseia puramente nos fenômenos, inclusive esse conhecimento não é realmente profundo. Por exemplo, o critério *a é a* é uma tautologia sem sentido. Para que nosso pensamento seja significativo deve ir além da simples identificação de um objeto consigo mesmo, porém não deve passar a algo que não tem nada em comum com o objeto. Dessa forma se afirmarmos que *a* é igual a *b*, o critério é falso, já que passamos de *a* a *b*, e este último não tem nada em comum com *a*.

É óbvio, contudo, que uma definição desta variável *a* só pode ser conseguida dizendo-se que *a* é igual a *b* ou que *a* é igual a *cd*. No primeiro caso a ideia de *b* está realmente implícita em *a*; assim não aprendemos nada e, se não for assim, a afirmação é falsa. Simplesmente define-se uma variável a partir de outra — e isto não adianta nada. No segundo caso, *c* e *d* requerem sobre si uma definição como *ef* e *gh*, respectivamente. O processo se torna extenso; porém está destinado a chegar ao seu fim por esgotamento eventual do alfabeto, *y* é igual a *za*. Em suma, um não se consegue mais do que *a* é igual a *a*. A relação da série total de equações torna-se, então, aparente, e a conclusão de que um é

forçado é que todos os termos são *algo em si mesmo*, mas desconhecidos, em certa medida pela Intuição.

Existem várias provas disto, a mais simples é a seguinte, mostrando que a explicação mais clara não pode suportar uma análise. Uma pergunta simples como: “Que é vermelhão?” Esse “vermelhão é vermelho” é inegável, sem dúvida, porém há bastante falta de significado; pois cada um dos dois termos deve ser definido por meio de pelo menos dois termos, a partir dos quais ele mesmo é verdade.

Outra pergunta tão simples como “Por que o açúcar é doce?” implica em um grande número de investigações químicas altamente complicadas, cada uma das quais conduz finalmente a esse vazio das paredes em branco — O que é a matéria? O que é a mente observadora?

Se desejarmos, podemos continuar e perguntar: “O que é a lua?” A ciência (vamos supor que por brincadeira) responde: “Queijo verde!” Para nossa lua teremos agora duas ideias distintas e toda simplicidade se desvanece e se obscurece. “Verdura e Queijo”. Um depende da luz do sol, o aparato sensorial dos nervos e órgãos óticos, e de uma centena de coisas a mais; o outro da bactéria, da fermentação e da natureza da vaca. Seguiremos, então, discutindo coisas sem importância e fazendo malabarismo com as palavras — nada mais do que coisas insignificantes e palavras, e malabarismos com elas — e no final nós não conseguiremos responder uma simples pergunta de maneira definitiva.

Por conseguinte, não existe nenhuma escapatória possível a este fosso sem fundo de confusão, exceto pelo desenvolvimento de uma faculdade da mente que não será claramente inadequada em quaisquer destas formas. Devemos usar outros meios superiores ao raciocínio. Devemos nos aproximar do problema do desenvolvimento da *Neschmah* (intuição) e é neste ponto que a cabala difere em método e conteúdo da Ciência Secular e da Filosofia Acadêmica.

O progresso da ciência secular nos últimos trinta anos se aproxima certamente da concepção cabalística das coisas; as antigas sanções de um mecanismo científico desapareceram por completo, e os termos que aos vitorianos pareciam tão simples, objetivos e claros — como a matéria, a energia, o espaço, etc. —, fracassaram totalmente em resistir a uma análise. Alguns pensadores modernos vendo com clareza a absoluta ruína à qual a antiga ciência positivista estava condenada a levá-los, a dissolução dessa extensão

gelada de frios pensamentos, decidiram encontrar por todos os meios possíveis um *modus vivendi* para o Ateneu.

Esta necessidade foi enfatizada de modo muito surpreendente pelo resultado dos experimentos de Michelson-Morley, quando a mesma Física, calma e sinceramente, ofereceu uma contradição em seus termos. Não foram os metafísicos desta vez que estavam cavando no vazio. Foram os matemáticos e os físicos que encontraram o solo completamente aberto sob os seus pés. Não bastou substituir a geometria de Euclides pela de Riemann e Lobatchevsky, e a mecânica de Newton pela de Einstein, de modo que qualquer um dos axiomas do antigo pensamento e as definições de seus termos sobreviveu.

Abandonaram deliberadamente o positivismo e o materialismo por um misticismo indeterminado, criando uma nova filosofia matemática e uma nova lógica, onde as ideias infinitas — ou melhor, transfinitas — poderiam tornar equivalentes àquelas ideias do pensamento ordinário na falta de esperança de que tudo poderia ir perfeitamente a partir daquele momento. Em suma, para usar uma nomenclatura cabalística, torna-se relevante adotar a inclusão de termos de *Ruach* (intelecto) conceitos que são próprios da *Neschamah* (o órgão e a faculdade de percepção e intuição diretamente espirituais). Este mesmo processo teve lugar na filosofia anos antes. A dialética de Hegel somente foi entendida pela metade, a maior parte das especulações filosóficas dos escolásticos à percepção por parte de Kant das Antinomias da Razão havia sido lançadas ao mar.

C. G. Jung, o eminente psicanalista europeu, escreve em *O Segredo da Flor de Lótus*, de Wilhelm: “Por conseguinte, só posso considerar a reação contra o intelecto que se inicia no Ocidente... a favor da intuição, como um sinal de avanço cultural, uma ampliação da consciência além dos limites muito estreitos estabelecidos por um intelecto tirânico.” (p. 82.)

Uma das maiores dificuldades experimentadas pelo filósofo — quase insuperáveis para o estudante; uma dificuldade que continuamente tende a aumentar mais do que a diminuir com o avanço no conhecimento — é a seguinte: é praticamente impossível conseguir alguma compreensão intelectual clara do significado dos termos filosóficos usados. Cada pensador tem seu próprio conceito geral e seu próprio significado para termos tão comuns e tão universalmente usados como “alma” e “mente”; e na grande maioria dos casos não suspeita que outros escritores possam usar o mesmo termo com uma conotação diferente.

Inclusive os escritores técnicos, aqueles que às vezes consideram o problema de definir seus termos antes de usá-los, estão com demasiada frequência em desacordo entre si. A diversidade é muito ampla, como observamos antes, no caso da palavra “alma”. Encontramos-nos com um escritor que prega que a alma é *a*, *b* e *c*, enquanto que seus estudantes ou discípulos protestam veementemente que não há nada disso, senão *d*, *e* e *f*. Contudo, suponhamos por um momento, que mediante algum milagre, obtemos uma ideia clara do significado da palavra. O problema acaba de começar, pois imediatamente surge a questão da relação de um termo com os demais.

À vista desta fonte contínua de erros faz-se necessário estabelecer uma língua básica e universal para a comunicação de ideias. Chega-se a estar amargamente de acordo com o triste começo do ancião Fichte: *“Se tiver que viver minha vida novamente, a primeira coisa que faria seria inventar um sistema de símbolos totalmente novo, com o qual transmitiria minhas ideias.”* Na realidade, ele havia visto que certas pessoas — principalmente alguns dos antigos cabalistas, entre os quais podemos incluir Raymond Lully, William Postel, etc. —, haviam realmente tentado essa Grande Obra de construção de um sistema coerente. Aqueles que foram coerentes foram, é triste dizê-lo, mal compreendidos ou aprovados.

Às vezes é alegado que a terminologia budista contida no Abidhamma, forneça um alfabeto filosófico suficientemente completo. Embora ainda haja muito ser dito sobre o sistema budista, não podemos concordar plenamente com este ponto de vista, pelas seguintes razões:

Em primeiro lugar, as palavras reais são terrivelmente longas, impossíveis para o europeu mediano.

Em segundo lugar, uma compreensão deste sistema exige que se esteja totalmente de acordo com a doutrina budista, para o qual não estamos preparados.

Em terceiro lugar, o significado dos termos não é tão claro, preciso e nem tão global como seria desejável. Existe, com a máxima segurança, uma grande quantidade de pedantismo, assuntos contenciosos e confusão. Somente em data recente vi que a senhora. Rhys Davids publicou um livro sobre *As Origens do Budismo*, no qual a pergunta que expõe, entre outras, a respeito da tradução da palavra páli “Dhamma” é se significa “lei”, “consciência”, “vida” ou simplesmente a doutrina budista.

Em quarto lugar, a terminologia é exclusivamente psicológica e não leva em conta as ideias extra-budistas e mantém muita pouca relação com a ordem geral do universo. Naturalmente, poderia ser complementada com a terminologia hindu ou outras, porém agindo-se assim se introduziriam imediatamente mais elementos à controvérsia. Imediatamente estaríamos perdidos em discussões sem fim sobre se Nibbana era Nirvana e se a extinção ou algo a mais estava implicada; e assim seguiríamos durante muito tempo.

O sistema da cabala, cujos termos, como veremos, são amplamente simbólicos, está, naturalmente, superficialmente aberto a esta última objeção. Porém precisamente por ser altamente simbólico, tem a maior aprovação por parte daqueles considerados como autoridades eminentes nas ciências, pois o conjunto da ciência moderna se ocupa de diversos símbolos, através dos quais se esforçam em compreender o mundo físico — símbolos além dos quais, evidentemente, se confessa sinceramente incapaz de chegar. Uma citação significativa aparece na Conferência Swarthmore do Prof. Eddington, *Ciência e Mundo Oculto*:

Apenas posso dizer que a ciência física deu as costas para todos os modelos, contemplando-os como a um obstáculo para a compreensão da verdade que há por trás dos fenômenos... E se hoje em dia for perguntado a um físico sobre aquilo que finalmente se entende por éter ou elétron, a resposta não será uma descrição em termos de bolas de bilhar ou volantes de carros ou algo concreto; em vez disto associará a um número de símbolos e a uma série de equações matemáticas que satisfaçam. O que representam os símbolos? A misteriosa resposta que se dá é que à física não importa; não tem meios para investigar além do simbolismo. Para entender os fenômenos do mundo físico é necessário conhecer as equações às que os símbolos obedecem, porém não a natureza daquilo que está sendo simbolizado.

Sir James Jeans confirma esta visão do uso dos símbolos, pois na página 141 de seu livro *O Universo Misterioso*, escreve:

Construir modelos ou imagens para explicar fórmulas matemáticas e os fenômenos que elas descrevem não é um passo adiante, senão um passo que se afasta da realidade... Em suma, uma fórmula matemática nunca pode nos dizer o que é uma coisa, porém somente como se comporta. Unicamente pode designar um objeto através de suas propriedades.

O cabalista, por conseguinte, não tem medo de sofrer o ataque de fontes hostis por causa de seu uso de símbolos, pois a base real da Santa Cabala, as dez sephiroth e os vinte e dois Caminhos, é matematicamente lógica e definida.

Podemos descartar facilmente as interpretações teológicas e dogmáticas do Antigo Rabbanim por sua pouca utilidade e sem afetar a esta mesma base real, e relacioná-la tudo no universo com o sistema fundamental de puro Número. Seus símbolos serão compreensíveis para todas as mentes racionais em um sentido idêntico, já que as relações que se obtém entre estes símbolos estão determinadas pela natureza.

É esta consideração que levou à adoção da Árvore da Vida cabalística como a base do alfabeto filosófico universal.

A justificativa para este sistema — se for necessária — é que, como já se indicou, nossos conceitos mais puros são simbolizados pelas matemáticas. Bertrand Russell, Cantor, Poincaré, Einstein e outros muitos trabalharam duramente para substituir o empirismo vitoriano por uma interpretação compreensível e lógica do universo, mediante ideias e símbolos matemáticos. Os conceitos modernos de matemática, física e química são paradoxos completos para o “homem simples” que pensa no assunto, por exemplo, como algo com o qual pode chocar. Parece não haver dúvidas de que atualmente a natureza básica da ciência em qualquer de seus ramos, será puramente abstrata, poder-se-ia dizer que será de um caráter quase cabalístico, apesar de ela nunca poder ser denominada oficialmente Cabala. É próprio e natural representar o Cosmo ou qualquer parte dele, ou suas operações em qualquer de seus aspectos, com os símbolos de Número puro.

Os dez números e as vinte e duas letras do alfabeto hebraico, com suas correspondências tradicionais e racionais — considerando também suas relações numéricas e geométricas — nos permite um trabalho preliminar coerente e sistemático para o nosso alfabeto; uma base suficientemente rígida para nosso fundamento e o suficientemente elástica para nossa superestrutura.



Restauração na Tapa dos Pastos

CAPÍTULO 3

AS SEPHIROTH

No capítulo anterior sugeriu-se a ideia de que a cabala é o sistema mais adequado para a base de nosso alfabeto mágico, no qual podemos depositar todo nosso conhecimento e experiência — religiosa, filosófica e científica. O Alfabeto Cabalístico é, como vamos explicar, um sistema elaborado de atribuições e correspondências; um método conveniente de classificação que capacita o filósofo para classificar suas experiências e ideias tal e como as obtém. Ele pode ser comparado a um fichário de trinta e dois compartimentos, nos quais se arquiva um extenso sistema de informação.

Seria enganoso para o estudante esperar uma definição concreta de tudo que o fichário contém. É totalmente impossível por razões muito óbvias. Cada estudante deve trabalhar para si mesmo, uma vez que lhe foi proporcionado o método para situar a totalidade de sua constituição moral e mental nestes trinta e dois compartimentos. A necessidade do trabalho pessoal se faz evidente quando se compreende que nos trâmites de negócios, por exemplo, não se deve adquirir um fichário com os nomes de todo o passado, presente e futuro correspondente já classificado. Fica bastante evidente que o fichário cabalístico (nossos trinta e dois Caminhos) tem um sistema de letras e números sem nenhuma utilidade em si mesmos, mas como os arquivos são completados, preparados para tomar um significado, diferente para cada estudante. Com a experiência aumentada, cada letra e cada número receberiam ampliações novas de sentido e significado, e adotando esta disposição metódica poderíamos captar nossa vida interior de forma muito mais global. O objetivo da Cabala Teórica — quando a separamos da Prática — é capacitar o estudante para três coisas:

Primeiro, analisar cada ideia em termos da Árvore da Vida.

Segundo, traçar uma conexão e relação necessárias entre todas as classes de ideias, relacionando-as com este modelo típico de comparação.

Terceiro, traduzir qualquer sistema de simbolismo desconhecido em termos de qualquer sistema conhecido por seus próprios meios.

Para expressá-lo de outra maneira, a arte de usar a ordenação de nosso fichário nos proporciona a natureza comum de certas coisas, a diferença essencial entre outras e a inevitável relação de todas as coisas. Além disso, e isto é extremamente importante, mediante a aquisição de uma compreensão de qualquer sistema de filosofia mística ou religião se adquire automaticamente um entendimento de todos os sistemas quando relacionamos essa compreensão com a Árvore da Vida. Por isso, finalmente, por uma espécie de associação de ideias impessoais e abstratas, se *equilibra* pouco a pouco o conjunto da própria estrutura mental e obtém-se uma visão simples sobre a incalculavelmente vasta complexidade do Universo. Pois está escrito: “O equilíbrio é a base do trabalho”.

Os estudantes responsáveis necessitarão fazer um cuidadoso estudo das atribuições detalhadas neste livro e aprendê-las de memória. Quando, com constante aplicação ao seu próprio sistema mental, se entende em parte o sistema numérico com suas correspondências — opondo-se a ser simplesmente memorizado —, o estudante se assombrará ao encontrar uma nova luz iluminando-o a cada passo, enquanto segue relacionando todos os detalhes na experiência e na consciência com este modelo padrão.

Um cabalista recente, senhor Charles S. Jones (cujo pseudônimo é Frater Achad) escreveu o seguinte em seu *Q.B.L.*:

É de primordial importância que os detalhes do Plano sejam “memorizados”. Esta é possivelmente a razão principal para que nos primeiros tempos a cabala tenha sido transmitida de boca em boca e não por escrito, pois somente “dá fruto” na medida em que arraiga em nossas mentes; podemos falar dela, estudá-la em certa medida, fazer jogos com ela em um papel, etc., porém ATÉ QUE a mesma mente não assuma a Imagem da Árvore e possamos ir mentalmente de galho em galho, de correspondência em correspondência, visualizando o processo e convertendo-o dessa forma em uma Árvore Viva, não veremos a Luz da Verdade descender sobre nós. Havendo-o conseguido, teremos, por assim dizer, triunfado em levantar uma haste sobre a Terra — como no caso de uma árvore jovem — e assim nos encontraremos

em um novo Mundo, enquanto que nossas raízes estarão, todavia, firmemente implantadas em nosso elemento natural.

Mesmo o *Zohar* fala de uma influência espiritual chamada מֵזְלָה (Mezla), que descende de Kether à Malkuth, através dos Caminhos, vivificando e dando suporte a todas as coisas. Esforçando-nos por implantar as raízes desta árvore viva em nossa própria consciência, estendendo diariamente com devoção, ternura e perseverança, encontraremos quase imperceptivelmente um novo conhecimento espiritual que brota espontaneamente em nosso interior. O universo começará, então, a mostrar-se como um Todo sintético e homogêneo, e o estudante descobrirá que a soma total de seu saber se unifica, e lhe acha capaz de transmutar os Muitos no Uno, inclusive no plano intelectual. Este é, grosseiramente, descartando tudo aquilo que não é essencial, o objetivo de todos os místicos, não importa o nome que dão ao seu Caminho e qual dos muitos caminhos seguem.

Outro assunto preliminar deve ser tratado antes tentar uma verdadeira exegese das sephiroth. Muitos cabalistas relacionam as cartas do Tarô com a Árvore da Vida; estas são uma série de representações pictóricas do Universo. Eliphas Lévi escreve em *A História da Magia*:

A ciência hieroglífica absoluta tem como base um alfabeto no qual todos os deuses foram letras e todas as letras ideias, todas as ideias números e todos os números sinais perfeitos. Este alfabeto hieroglífico do qual Moisés fez grande segredo em sua Cabala, é o famoso livro de Thoth.

As páginas deste “famoso livro” se denominam, também, o Atus de Thoth, sendo este último o deus egípcio da sabedoria. Court de Gebelin (Paris, 1781) observa:

Se ouvirmos dizer que atualmente existe uma obra dos antigos egípcios, um de seus livros que escapou às chamas que devoram suas soberbas bibliotecas e que contém suas doutrinas mais puras... Se acrescentarmos que este livro esteve acessível a todos durante séculos, ele não seria surpreendente? E não chegaria essa surpresa a seu máximo nível se nos assegurassem que a gente não suspeitou nunca que fora egípcio, que apenas podem dizer que o possui, que ninguém tentou decifrar uma só página e que o resultado de uma sabedoria recôndita se contempla como um montão de desenhos indecifráveis, que não significam nada em si mesmos?... Pois bem, este é um fato real... Em uma palavra, este livro é o baralho das cartas do Tarô.

A lenda de Atus como a origem destas setenta e oito cartas é verdadeiramente uma das mais curiosas e interessantes, embora não se possa garantir a sua veracidade. Conta que os antigos Adeptos, vendo que um ciclo de degradação espiritual e estancamento mental iriam descender sobre a Europa com o advento da chamada Era Cristã, estavam preocupados por elaborar planos para poder preservar todo o seu saber acumulado. Seria guardado como reserva para a era em que os homens fossem suficientemente avançados e fossem espiritualmente imparciais para poder recebê-lo e que, não obstante, estivesse a sua disposição durante o período intermediário, inclusive durante o ciclo de total languidez mental, para que qualquer membro da comunidade que sentisse a necessidade interior de dedicar-se aos estudos relacionados com a cabala tivesse um fácil acesso a ela.

Em assembleia no Santuário da Gnose, começaram a considerar o tema em todos os seus aspectos. Um adepto havia aventurado a ideia de reduzir todos os conhecimentos em alguns símbolos e glifos, lavrando-os em rocha imperecível, como fez o Rei Asoka na Índia. Outros sugeriram escrever seus conhecimentos como eram e guardar os manuscritos em grandes bibliotecas subterrâneas — como a que Madame Blavatsky conta que existe atualmente no Tibete —, para ser abertos em uma data mais distante.

Nenhuma destas propostas cumpria as condições requeridas para satisfazer à maioria, até que um Adepto que estava, até então, descansado quase sem tomar parte nas discussões propôs algo:

Existe um método muito mais prático e inclusive mais simples. Reduzamos todo nosso saber sobre o homem e o universo em símbolos que possam ser representados em desenhos adequados para poder ser usado como um jogo simples. Desta forma a sabedoria acumulada durante séculos será preservada de maneira não ortodoxa, passando inadvertidamente pela massa, sendo a Filosofia dos Iniciados e, não obstante, se estará dando pistas aos que vão à busca da Verdade.

Esta admirável sugestão foi aceita pela Assembleia e um de seus membros, um Adepto hábil com o pincel, tinta e pena, pintou uma série de setenta e oito hieróglifos, representando cada uma um símbolo de um aspecto particular da vida, do homem e do cosmo.

E, desta forma, estas cartas chegaram até nós, sem deformar e praticamente intactas. É certo que alguns artistas não habilidosos no emaranhado da Santa Cabala e que nem adeptos como foram como os

inventores das cartas, ao pintar cópias das cartas do Tarô as desfiguraram lamentavelmente, sem harmonia e em alguns casos omitido totalmente alguns dos símbolos existentes no grupo original dos desenhos. Inclusive qualquer um com conhecimento da sabedoria arcana pode reconstruí-las com facilidade.

Foi apenas no século passado que tivemos uma declaração de Eliphas Lévi, que foi um homem encarcerado em uma masmorra, em solitário confinamento, sem livros nem instruções de nenhum tipo. Inclusive a ele foi possível obter deste grupo de cartas um saber enciclopédico sobre a essência de todas as ciências, religiões e filosofias. Ignorando a demonstração da típica verbosidade de Lévi, somente se faz necessário observar que, em vez de usar os dez dígitos e as vinte e duas letras do alfabeto hebraico como a base de seu alfabeto mágico, Lévi adotou como sistema fundamental as vinte e duas cartas dos trunfos do Livro de Thoth, atribuindo-lhes este conhecimento e experiência de maneira semelhante às atribuições dos trinta e dois Caminhos da Sabedoria.

Alguns críticos ousaram opinar que a interpretação da Árvore da Vida sugerida aqui, sua utilização como um método de classificação, não “representa a verdade” e que não tem autoridade nas obras padrão da cabala. Estas críticas não têm, de fato, nenhum fundamento. Uma tentativa nesta direção está mais evidente no *Sepher Yetzirah*; o *Sepher ha-Zohar* está cheio das mais recônditas atribuições, muitas das quais não reproduzirei aqui, pelo desejo de manter a simplicidade. Posso somente recomendar que aqueles que apresentam estas e semelhantes objeções deveriam consultar cuidadosamente o compêndio de Mr. Waite sobre a filosofia zohárica, *A Doutrina Secreta de Israel*, que substancialmente demonstra que a base de minha interpretação tem a aprovação da mais alta autoridade cabalística.

Vamos à exegese da Filosofia da Cabala em seus diversos aspectos. Em primeiro lugar, tratemos mais a fundo os dez conceitos sephiróticos, dando no último capítulo, ao estudante, exemplos da forma de tratamento que ele mesmo será, então, capaz de seguir, estudando as atribuições de todos os Caminhos.

0. AIN

O universo, como a soma total das coisas e criaturas viventes, se concebe tendo sua origem primitiva no Espaço Infinito. אֵין – Ain, “o Nada”, ou Parabrahman, a Causa Sem Causa de toda manifestação. Citando o *Zohar*:

Antes de ter criado nenhuma forma neste mundo, antes de ter produzido nenhuma forma. Ele estava só, sem forma, sem assemelhar-se a nada. Quem entenderia como era Ele, então, antes da criação, já que Ele não tinha forma?

O *Ain* não é um ser, é o NADA. Aquilo que é incompreensível, desconhecido e impenetrável não existe — ao menos, para ser mais exato, na medida em que se refere a nossa própria consciência. Blavatsky define esta realidade primal como um princípio onipresente, eterno e ilimitado, sobre o qual é impossível fazer qualquer especulação, já que transcende em tal medida o poder das ideias e do pensamento humano que somente se conseguirá diminuí-lo com qualquer similitude. O que é conhecido e denominado o é não a partir de um acontecimento de sua substância, mas de suas limitações.

Em si mesmo é impenetrável, impensável e indizível. O rabino Azariel ben Menahem (nascido em 1160 D.C.), um discípulo, já mencionado, de Isaac o Cego, afirma que *Ain* não pode ser compreendido pelo intelecto nem descrito com palavras, pois não há nenhuma letra nem palavra para representá-lo.

Em outro sistema muito importante, esta ideia é representada graficamente de forma muito pitoresca como a deusa Nuit, a Rainha do Espaço Absoluto e a Resplandecência desnuda do azul noturno do céu — a Mulher com “o leite das estrelas (a poeira cósmica) escorrendo de seus peitos”.

É o absoluto ou o impenetrável do agnosticismo de Herbert Spencer; as três vezes grande obscuridade do casto sacerdote egípcio, e o Tao chinês que “se assemelha ao vazio do espaço” e que “não teria Pai; está mais além de todos os demais conceitos, mais alto que o mais alto”. Em uma das meditações de Chuang Tzu encontramos que o “Tao é algo além das existências materiais. Não pode ser expresso, nem com palavras e nem com o silêncio. Nesse estado que não é nem de palavras e nem de silêncio, pode compreender-se sua natureza transcendental”. A este conceito cabalístico ou princípio do *zero* se associa a definição de Deus ou de substância de Baruch Spinoza: “O que requeira para seu conceito o conceito de nada”.

Outro dos muitos símbolos usados pelos hindus para representar este Zero era o da Serpente Ananta, que engloba o universo; sua calda desaparece em sua boca representa a natureza reintegrante da Infinitude.

1. KETHER

Para ser consciente de Si Mesmo, ou para fazer-se compreensível a Si Mesmo, *Ain* se converte em אֵין סוֹפַי *Ain Soph* (Infinitude) e todavia mais em אֵין סוֹפַי אֹוֶר *Ain Soph Aour*, a Luz Absoluta Ilimitada dos budistas); que então por contradição (*Tsimtsum*, de acordo com o *Zohar*) se concretizou em um Ponto Central Sem Dimensões, Kether, a Coroa, que é a primeira sephirah da Árvore da Vida.

Outra forma de expressar esta mesma ideia é através do conceito de negatividade absoluta, as Forças Giratórias (*Rashith haGilgolin*) que pressagiam a primeira manifestação do Ponto Primordial (*Nekudah Rishonah*), que se converte na raiz primitiva da qual surgirá tudo mais. Kether é a Mônada inescrutável, a raiz de todas as coisas, definida por Leibniz em relação à natureza extrema das coisas físicas e a unidade última de consciência, como um ponto metafísico, um centro de energia espiritual, não ampliável e indivisível, cheio de vida incessante, de atividade e força. É o protótipo do todo espiritual e, em verdade, de todas as coisas do cosmo.

Nesta relação o leitor deveria recordar o seguinte extrato de *O Universo Misterioso*, onde Sir James Jeans escreve:

Isto demonstra que um elétron deve, ao menos em certo sentido, ocupar a totalidade do espaço... Eles (Faraday e Maxwell) descreveram uma partícula eletrificada... que lançava... “linhas de força”, através de todo o espaço (páginas 54-55).

O conceito científico do elétron matemático que ocupa “a totalidade do espaço” corresponderia ao conceito cabalístico de Kether no Mundo de Assiah. Os quatro mundos se explicam no capítulo 7.

Na cabala se inclui aquilo que se conhece com as dez sephiroth. Especula-se a respeito sobre aquilo que estas implicam — Dez números, dez mundos ou dez sons? A dedução geral de Cordovero é que se trata de princípios substantivos de *kehlím*, vasos de força, ou ideias categóricas mediante as quais se expressa a Consciência do Universo. Uma passagem metafórica do *Zohar* afirma em relação a este ponto:

A água do mar é ilimitada e não tem forma. Porém, quando se estende sobre a terra, produz uma forma... O curso das águas do mar e a força que emite para estender-se sobre o solo são duas coisas. Depois se forma uma imensa bacia com as águas que surgem da fonte; é o mesmo mar e que pode ser contemplado com uma terceira coisa. Esta ampla concavidade d'água se divide em sete canais, que são como muitos tubos largos através dos quais se comunicam as águas. A fonte, a corrente, o mar e os sete canais formam todos juntos o número Dez...

Depois a passagem segue explicando que a fonte ou Causa Primária de todas as coisas é Kether, a primeira sephirah; a corrente proveniente dela, a inteligência mercurial primitiva, é Chokmah, a segunda; e o mar em si mesmo é a Grande Mãe, Binah, a terceira; os sete canais citados são as sete sephiroth abaixo ou inferiores, como são denominadas. Os cabalistas postulavam dez sephiroth, pois para eles o dez era um número perfeito, um número que incluía todos os dígitos sem repetição e continha a essência total de todos os números. Isaac Myers escreve que o 0-1 acaba e 1-0, e o rabino Moses Cordovero, em seu *Pardis Romonim*, diz que “o número dez é um número que abarca tudo. Fora dele não existe outro, pois aquilo que está além de dez volta novamente à unidade”.

Kether, a Coroa, é, pois, a Primeira sephirah. Como Causa Primeira ou Demiurgo se denomina também Macroprosopus, ou o Grande Rosto no *Zohar*. O número um tem sido definido por Theon de Smyrna como “o elemento principal dos números que, enquanto muitos podem ser diminuídos por subtração e está em si mesmo privado de todos os números, permanece firme e estável.” Os pitagóricos diziam que a Mônada é o princípio de todas as coisas e disseram, de acordo com Photius, os nomes de Deus, a Primeira de todas as coisas, o Criador de todas as coisas. É a fonte das ideias.

A cabala doutrinal atribui a cada sephirah inteligências chamadas de diversas maneiras, Deuses, Dhyan Chohans, Anjos e Espíritos, etc., pois a totalidade do Universo nesta filosofia é guiada e animada por séries completas destas hierarquias de seres sensitivos, cada um com uma missão e função

particular, variando em seus graus respectivos e estados de consciência e inteligência. Contudo, há uma consciência indivisível e absoluta, surpreendente em todas as partes de cada partícula e cada ponto infinitesimal no universo manifesto no Espaço. Porém sua primeira diferenciação, por emanção ou reflexo, é puramente espiritual e permite a ascensão a um número de “seres” que podemos chamar deuses; sua consciência é de tal natureza, de tal grau de sublimidade, que superam os nossos entendimentos. Sob certo ponto de vista os “deuses” são as forças da natureza; seus “nomes” são as leis da natureza; são, por conseguinte, eternos, onipresentes e onipotentes — unicamente, contudo, para o ciclo de tempo, embora seja infinito, onde se manifestam ou se projetam.

Os nomes dos deuses são importantes, pois de acordo com a doutrina mágica, saber o nome de uma inteligência supõe possuir, de imediato, um controle peculiar sobre ela. O Prof. W. M. Flinders Petrie, em seu livrinho sobre *A Religião do Antigo Egito*, afirma que “o conhecimento do nome dá poder a seu conhecedor.”

À Coroa, o primeiro dígito, se atribui o nome-Deus de Eheieh (Eheieh), traduzido por “Serei”, significando de forma distintiva que o esquema da natureza não é estática nem um sistema de existência onde os processos criativos tenham sido consumados já faz tempo, senão vibrante, progressivo e sempre favorecedor. Seus deuses egípcios são Ptah, que, uma vez mais, de acordo com prof. Flinders Petrie, era um dos deuses abstratos — e o criador do ovo cósmico; e Amon-Ra — com o qual se identificava a Osíris —, rei dos deuses e “senhor dos tronos do mundo.” Seu equivalente grego é Zeus — identificado com Júpiter na teogonia romana — que se representa geralmente como o pai onipotente e o rei dos deuses e dos homens. Os romanos consideravam Júpiter como o Senhor do Céu, o maior e mais poderoso dos deuses e lhe chamavam de o Melhor e o Supremo. Nos sistemas religiosos da Índia é Brahma o criador, do qual surgiram os sete Prajapati — nossas sete sephiroth inferiores — que, por sua ordem, completaram a criação do mundo.

O diamante é atribuído a Kether, pois é a mais duradoura e reluzente das pedras preciosas. Também, por várias razões, os antigos fizeram do cisne uma atribuição deste dígito. Em todas as lendas o cisne é o símbolo do Espírito e do Êxtase. As lendas hindus contam que o cisne (Hansa), quando lhe davam leite misturado com água, separava os dois, bebendo o leite e deixando a água — supunha-se que isto demonstrava sua destacável sabedoria. O falcão também é uma correspondência. Se recordarmos que Kether é a Mônada, o ponto de vista

individual, podemos entender a atribuição do falcão, pois tem o hábito de permanecer sereno no ar, olhando para baixo, desde o éter azul à terra e contemplando tudo com total objetividade.

O âmbar cinza é o mais raro e preciso dos perfumes — embora contenha pouco perfume em si mesmo é o mais admirável como base de compostos, destacando o melhor de qualquer outro perfume com aquilo que possa estar misturado —, tem seu lugar nesta categoria de ideias. A cor atribuída a Kether é o branco; suas atribuições no Tarô são os quatro Ases e no *Sepher Yetzirah* é chamado de “A Inteligência Admirável ou Oculta”.

De acordo com o *Comentário das Dez sephiroth*, do rabino Azazel, cada sephirah tem três qualidades diferentes. Primeiro, tem sua própria função como sephirah já descrita. Seu segundo aspecto é o de receptor para comprovar a sephirah acima, ou a partir de acima, no caso, de Kether; e terceiro, transmite sua própria natureza, e aquilo que são recebidos de cima àquelas sephiroth inferiores (figura 3, abaixo).

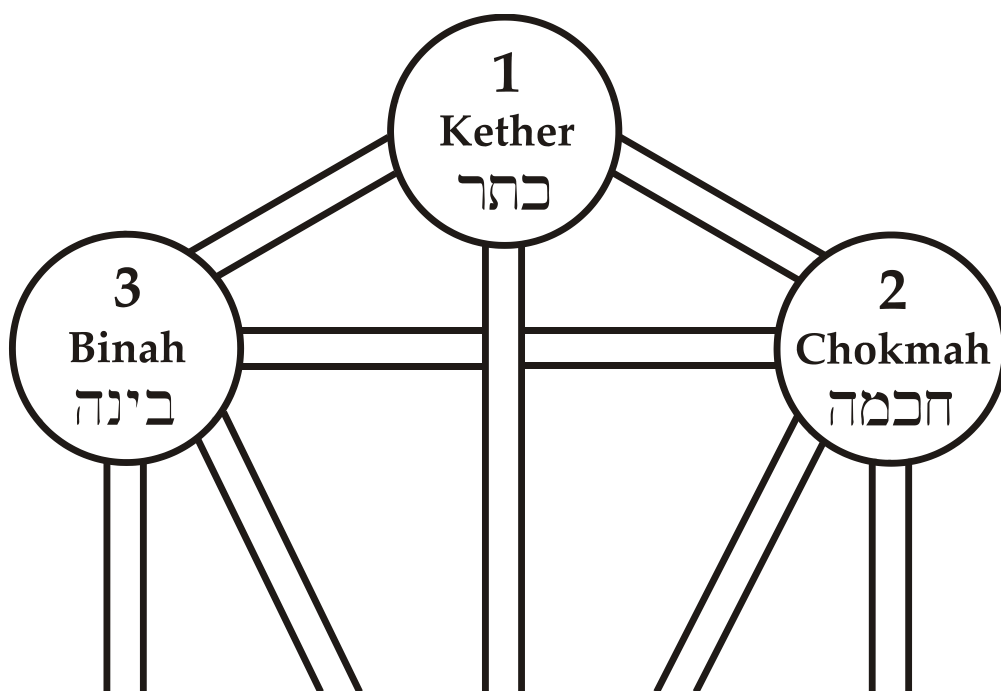


Figura 3: A Tríade das Supremas

2. CHOKMAH

A primeira sephirah (a essência do Ser — Espírito — Matéria) continha em essência e potencialidade às demais e dava lugar a elas em um processo que pode ser matematicamente estabelecido. Samuel Liddell MacGregor Mathers pergunta: “De onde e como nasce o número dois?”, e responde à pergunta em sua introdução de *A Kabbala Revelada*:

Pelo reflexo do Um em si mesmo. Este último nos poderia fazer pensar que nos encontramos diante de outro conceito indefinível, mas o Um é perfeitamente definível. E a definição que lhe corresponde, para conformar o número dois, simplesmente passa por um processo de duplicação, por intermédio de sua própria imagem; esse processo é chamado de Eidolon. Dessa maneira, confirma-se a qualidade dual do número Um. Com o Um também temos o começo de uma vibração estabelecida, que o Um vibra alternativamente, de sua imutabilidade à sua definição, para regressar novamente à sua imutabilidade.

Isaac Ibn Latif (1220-1290 D.C.) também nos dá uma definição matemática dos processos de evolução:

Assim como o ponto se estende e se faz mais denso em uma linha, a linha no plano, o plano no corpo desenvolvido, da mesma forma se revela a manifestação de Deus.

Se por um momento tentamos pensar o que é a última diferenciação da Existência, veremos que, na medida em que podemos captá-la, é um mais e um menos, positivo e negativo, masculino e feminino, e assim esperaríamos encontrar na Árvore da Vida que as duas emanções que seguem de Kether participem destas características. Descobrimos como a segunda sephirah, Chokmah ou Sabedoria, é masculina, vigorosa e ativa. Chama-se o Pai, é o nome divino, é י"ה (Yah), e o coro de anjos apropriado é o Ophanim.

Tahuti ou Thoth é uma atribuição desta sephirah de Sabedoria, pois era o deus das escrituras, da aprendizagem e da magia. Thoth é representado com a cabeça do deus Íbis e, de vez em quando, tem um macaco ou um mandril ao seu serviço. Palas Atenea atribui a Chokmah na medida em que era a outorga de dons intelectuais e nela estão harmoniosamente combinados o poder e a sabedoria; é a deusa da Sabedoria que surgiu totalmente armada do cérebro de Zeus. Na mitologia grega aparece como preservadora da vida humana e

instituiu a antiga corte do Areópago em Atenas. Também é Minerva no sistema romano, cujo nome os filólogos consideram que contém a raiz do *mens*, o pensar; é, portanto, o poder pensante personificado. Maat, a deusa da Verdade, unida a Thoth, é outra correspondência egípcia. Urano, como os céus estrelados, e Hermes com o Logos e o Transmissor da influência de Kether também são atribuições. No taoísmo o *yang* positivo corresponderia a esta sephirah.

Chokmah é o elemento ativo vital da existência, o Espírito ou o Purusha da filosofia sankiana da Índia, pela qual se implica a realidade básica subjacente em todas as manifestações da consciência. No sistema de Blavatsky, Chokmah seria aquilo que ali se denomina Mahat ou “Ideação Cósmica”. Para os budistas chineses seria Kwan Shi Yin; Vishnu e Ishvara para os hindus. Chokmah é a Palavra, o Logos grego e o Menrah do Targum. O *Sepher Yetzirah* a chama de “A Inteligência Iluminadora”; seu planeta é Urano — embora, tradicionalmente, se associa a esfera do zodíaco.

Sua cor é o cinza, seu perfume é o almíscar da orquídea; sua planta é o amaranto, que é a flor da imortalidade; e os quatro Dois do Tarô. Suas pedras preciosas são o rubi, que representa a energia masculina da estrela criativa e a turquesa, que sugere *Mazloth*, a esfera do zodíaco.

O *Zohar* atribui também a Chokmah a primeira letra do Tetragrammaton YHVH, uma fórmula que explicaremos mais adiante. O Yod (י) também tem a atribuição dos quatro Reis do Tarô. Deveriam seguir-se as atribuições do Tetragrammaton cuidadosamente, pois a ele se devem muitas das especulações do *Zohar*.

3. BINAH

Chokmah dá passagem à Binah, a terceira sephirah, *Aimah* a Mãe, que é negativa, passiva e feminina. Será necessário consultar o diagrama adjunto para compreender como continua a formação da Árvore.

O três é Binah, traduzido por Entendimento e se atribui a Saturno, o mais ancião dos deuses, e o Cronos grego, o deus do tempo. É Frigg, a esposa de Odin escandinavo, e a mãe de todos os deuses. O três também é Sakti, a

consorte do deus Shiva, que é a Destruidora da Vida. Sakti é aquela energia universal, elétrica e vital que une e reconcilia todas as formas, o plano do Pensamento Divino, que é Chokmah. Binah é *maya*, a energia universal da Ilusão, Kwan Yin do budismo chinês, o *yin* do taoísmo, a deusa Kali das religiões hindus ortodoxas e o Grande Mar de onde surgimos.

A imagem hindu de quatro braços de Kali é a mais gráfica. Em seu pescoço está pendurado um colar de caveiras e ao redor de sua cintura está um cinturão de braços humanos em ouro. Em sua mão esquerda que está mais abaixo, sustenta uma cabeça humana decapitada, também de ouro e na superior uma espada. Com sua mão direita inferior oferece favores a seus devotos, com a superior um símbolo para não temer nada. As caveiras e a espada representam seu terrível lado destrutivo, Kali; e suas mãos direitas oferecem favores e intrepidez; seu lado benigno é similar ao comunicado pelo conceito egípcio de Ísis. É, às vezes, doce e terrível — como a natureza —, criando e destruindo alternativamente.

No sistema teosófico, um aspecto de Binah é *Mulaprakriti*, ou substância de raiz cósmica que, como observa Blavatsky, deve contemplar-se como a objetividade em sua abstração mais pura — a base auto-existente cujas diferenciações constituem a realidade objetiva subjacente nos fenômenos de cada fase da existência consciente. É aquela forma sutil da matéria que tocamos, sentimos e respiramos, sem o mais ligeiro conhecimento de sua existência. A *Cabala*, de Isaac Myers, estabelece o princípio de que a matéria (a Substância passiva espiritual de Ibn Gabirol) se corresponde sempre com o princípio feminino passivo para ser influenciada pelo princípio formativo ativo ou masculino. Em suma, Binah é o veículo substancial de cada fenômeno possível, físico ou mental, da mesma forma que Chokmah é a essência da consciência.

Sua cor é o preto, já que é negativo e receptivo de todas as coisas; a pedra preciosa que lhe é atribuída é a pérola, por ser a pedra típica do mar, e também por referir-se à maneira em que a pérola tem sua origem, no interior da matriz obscura de uma ostra. Seu título no *Yetzirah* é “A Inteligência Santificante”; suas plantas sagradas são o cipreste, o lírio e a papoula; as cartas do Tarô são os quatro Três. Seu símbolo é a pomba choca — o verdadeiro Shechinah ou Espírito Santo. A letra do Tetragrammaton é o primeiro He (ה), e a atribuição do Tarô são as quatro Rainhas.



As três primeiras sephiroth, chamadas as Supremas, transcendem em todas as formas possíveis todos os conceitos intelectuais e somente podem ser entendidas mediante uma aprendizagem especializada em meditações e cabala prática. As Supremas estão separadas daquilo que está abaixo delas por uma grande extensão, o Abismo. As Supremas são Ideais; as outras sephiroth são Reais; o Abismo é o espaço metafísico entre ambos. Em um sentido não tem nenhuma conexão ou relação com as Inferiores, as sete sephiroth situadas abaixo, refletidas por elas — apenas com Espaço em si mesmo é independente e não se vê afetado pela existência ou não há nada manifestado em seu vazio.

A causa da aparição de Kether, a primeira sephirah, é o ponto central sem dimensão, apresenta tremendos problemas. Lao Tsu nos ensina que: “Tao criou a Unidade, a Unidade criou a Dualidade, a Dualidade criou a Trindade e a Trindade criou todas as coisas existentes.” A cabala doutrinal do rabino Azariel pressupõe que Ain Soph, a fim de criar o Mundo (a décima sephirah), foi incapaz de fazê-lo diretamente, porém o fez mediante Kether, que sucessivamente cria as outras sephiroth ou potências, culminando em Malkuth e o universo eterno. O *Zohar* volta a apresentar esta hipótese. Porém existe uma dificuldade, já que é claramente impossível para um conceito tão abstrato como zero o poder fazer algo. Blavatsky, em sua obra monumental *A Doutrina Secreta*, reconhece esta dificuldade e se esforça por solucionar o problema estabelecido que o Absoluto (Ain) é incompreensível em si mesmo, tem vários aspectos a partir dos quais podemos considerá-lo — Espaço Infinito, Duração Eterna e Movimento Absoluto. Este último aspecto está representado pela expressão hindu do Grande Alento de Brahma, indo e vindo, criando e destruindo os mundos. Com a inalação cíclica do universo é afastado e deixa de existir; porém com a exalação começa a manifestação com a aparição de um *laya*, ou centro neutral, que chamamos Kether. Esta lei cíclica ou periódica de manifestação cósmica não pode ser outra do que a Vontade do Absoluto em manifestar-se. Em cujo caso necessitamos cair novamente, com toda precisão no antigo postulado de que O Absoluto manifesta o ponto, *laya* ou Kether, a partir do qual, finalmente, vai surgir tudo.

A visão de outro sistema é que o Universo é o eterno jogo do amor (*lila*, em sânscrito) de duas forças, sendo a positivas o ponto central Hadit —; o Espaço Negativo Absoluto. Este último, representado como a Rainha do Espaço, Nuit — a “incitada filha do Ocaso” —, se concebe dizendo: “Pois estou dividida pelo amor de Deus, em virtude da união. Esta é a criação do mundo, em que a dor da divisão é nada e a alegria da dissolução é tudo.”

Do ponto de vista de nossa doutrina cabalística, contudo, da incapacidade das faculdades intelectuais para solucionar estes problemas filosóficos insuperáveis — um fato que grande número de loquazes cabalistas ignoram constantemente ou esquecem —, seria melhor e muito mais razoável admitir que com a lógica não podemos justificar a existência da primeira sephirah, a partir da qual criou-se tudo.

4. CHESD

O número quatro é chamado de Chesed — Misericórdia —, inicia a segunda Tríade de sephiroth, que é o reflexo da Tríade das Supremas, além do Abismo (figura 4, abaixo). As três cores primárias ou elementares atribuídas às sephiroth desta Segunda Trindade são: azul a Chesed, vermelho a Geburah e amarelo a Tiphareth.

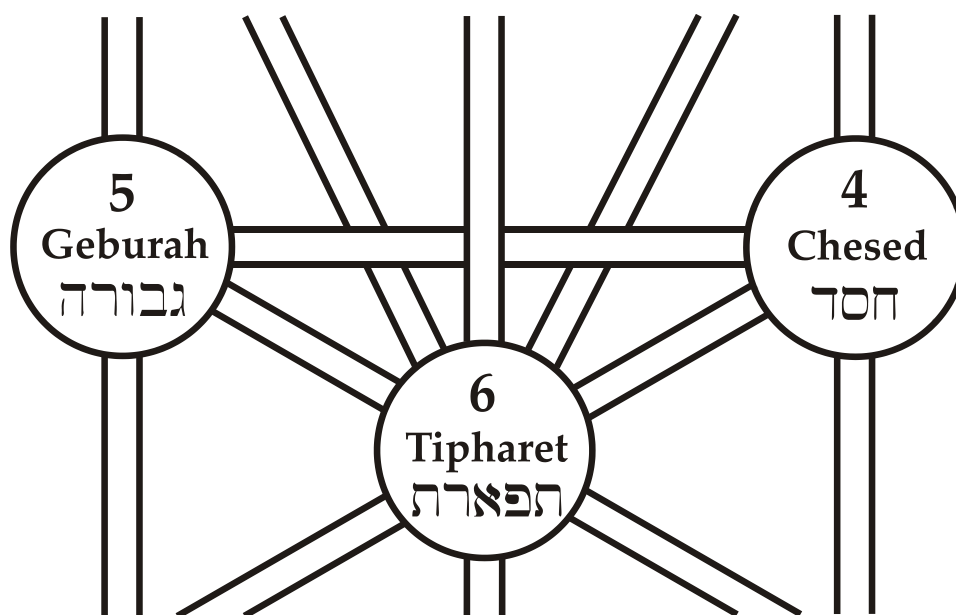


Figura 4: A Segunda Tríade

Da quarta à nona sephirah inclusive, são conhecidas como as *sephiroth habinjon* — as Potências da Construção —, e Myers mantém que simbolizam as dimensões da matéria, seja um átomo ou um universo: as quatro direções do espaço (de acordo com o *Sepher Yetzirah*) e os polos positivos e negativos de cada uma destas.

Chesed é masculino e positivo, embora lhe atribua a dualidade feminina da água (∇). O *Zohar* dá a Chesed outro título, *Guedulah* (גְּדוּלָּה), a “Majestade” ou a “Grandeza”, ambas são qualidades do grande e benéfico Júpiter (♃), que é o planeta atribuído a Chesed. O *Sepher Yetzirah* lhe dá o título de “A Inteligência Receptiva”.

Por causa do aspecto aquoso desta sephirah, teremos a correspondência de Poseidon, o governador dos mares na mitologia, e Júpiter ou esse aspecto dele que originalmente, na antiga Roma, era uma divindade elementar ou tutelar, adorada como o deus da chuva, as tempestades e do trono. Seu equivalente grego seria Zeus, armado com o trovão e o raio, o agitar em cujo eixo produz a tormenta e a tempestade. A atribuição hindu é Indra, o senhor do fogo e do raio. Amon é o deus egípcio e Thor, com o raio na mão, é a correspondência escandinava. Aeger, o deus do mar nas sagas nórdicas, poderia também situar-se nesta categoria; e as lendas insinuem que estava especializado em magia. Encontramos, então, com o fato de que Júpiter (♃) é o planeta que rege essa operação de magia prática, chamada a Fórmula do Tetragrammaton.

De seus anjos se diz que são os “brilhantes” e seu arcanjo é Tsadkiel, que representa a Justiça de Deus.

Os animais sagrados de Chesed são o unicórnio e o cavalo, este último porque, segundo a lenda, Poseidon criou o cavalo e ensinou aos homens a nobre arte de guiar um cavalo com a rédea. Suas plantas são o pinheiro, a oliveira e o trevo. Suas pedras preciosas são a ametista e a safira. Sua cor é o azul e as atribuições do Tarô são os quatro Quatros; seu metal é o estanho e seu perfume é o cedro.

5. GEBURAH

De Chesed surge Geburah, que é essencialmente um reflexo de Binah. Geburah, significando Fortaleza ou Poder, é a quinta sephirah feminina, à qual é dado o Nome Divino de *Elohim Gibor* (אלהים גבור), os “Deuses Poderosos”.

Apesar de Geburah ser uma potência feminina, como são todas as sephiroth da coluna lateral esquerda da Árvore, praticamente todas as suas atribuições são masculinas e vigorosas. Há um aforismo alquímico que diz: “O Homem é paz, a Mulher é o poder”. Esta ideia é confirmada pelo sistema cabalístico. As três sephiroth masculinas da coluna lateral direita são denominadas de Pilar da Misericórdia; enquanto que as três sephiroth femininas da esquerda formam o Pilar da Severidade. A maioria das atribuições dadas a Chesed, a sephirah masculina, são femininas por sua qualidade. Não se trata de uma confusão de pensamento, senão da necessidade de um equilíbrio.

Os deuses de Geburah são: Marte, que inclusive em linguagem popular é o acreditado deus da guerra, e o Ares dos gregos, que é representado disfrutando no estrondo e fragor da batalha, na matança de homens e na destruição de cidades. Geburah representa, em um plano muito inferior, o elemento de força de Sakti atribuídos a Binah. Nephthys, a Dama da Severidade, o duplo obscuro e a irmã de Ísis, se atribui a este dígito de número cinco, e desta forma esperaríamos que se manifestasse nesta sephirah uma qualidade semelhante à de Binah, porém muito menos pura, como uma força espiritual abstrata. Thor é o deus norueguês da guerra e segundo as sagas, uma nuvem de cor escarlate sobre sua cabeça refletia o feroz lampejo de seus olhos; estava cheio de força e vestido com uma armadura e que o representava lutando em seu carro.

As armas mágicas de Geburah são: a espada, a lança, o chicote e o buril, todos sugerindo guerra e derramamento de sangue. Seu metal é o ferro e sua árvore sagrada é o carvalho, ambas as atribuições são bastante claras, sugerindo fortaleza. De fato, a qualidade de Geburah se resume na ideia geral de fortaleza, poder e força.

Tem-se sugerido que esta quarta e quinta sephiroth representam as energias expansivas e contrativas, centrípetas e centrífugas entre os polos das dimensões, atuando sob a vontade do Logos, Chokmah.

O tabaco e a urtiga são correspondências, ambas por causa de sua natureza ardente e picante. Sua cor é o vermelho, claramente marcial; e, portanto, o rubi, que é escarlate brilhante, o é harmonioso. Sua criatura sagrada é o lendário basilisco de olho fixo, e as cartas do Tarô são os quatro Cinco. De acordo com o *Sepher Yetzirah*, Geburah é chamado de “A Inteligência Radical”.

6. TIPHARETH

A ação da quarta e quinta sephiroth, masculina e feminina, cria em sua reconciliação a sephirah Tiphareth, que é a “Beleza” e a “Harmonia”. O diagrama a mostrará no centro de todo o sistema sephirótico, como comparável ao Sol — que, com efeito, é sua atribuição astrológica —, com os planetas que se movem ao seu redor.

Seus deuses são Ra, o deus solar egípcio que, às vezes, é representado como uma divindade com cabeça de falcão, e outras por um simples disco solar com duas asas; o deus Sol dos gregos, Apolo, no qual se reflete o lado mais brilhante da mente grega. Em *Estudos Gregos*, de Walter Peter, lemos:

Apolo, a “forma espiritual” dos raios do sol, se torna exclusivamente ético (o elemento simplesmente físico de sua constituição se suprime quase por completo) — a “forma espiritual” de luz interna ou intelectual —, em todas as suas manifestações. Representa a todas aquelas ideias especialmente europeias, de um estado razoável; da santidade da alma e do corpo... é um tipo de religião de equidade personificada, seu propósito é lograr a razão imparcial e a justa consideração da verdade de todas as coisas em todos os momentos.

Um conceito semelhante se encontra nessa seção do *Zohar* chamada *Idra Zuta*: Tiphareth é “a mais alta manifestação da vida ética, a soma de tudo que é bom; em suma, o Ideal”.

Hari, a atribuição hindu, é outro nome para Shri Krishna, o Avatar divino, atribuído aqui porque, sendo uma encarnação divina — nos quais ambos, o espírito e a matéria, estavam em completo equilíbrio —, expressava a ideia

essencial implicada em Tiphareth. Adônis, Iacchus, Rama e Asar são outras correspondências do número seis, devido a sua natureza inerente de beleza ou porque representam, de uma forma ou de outra, o disco solar, o qual todas a psicologia mística, antiga e moderna, são unânimes em atribuir a consciência espiritual.

O *Sepher haZohar* denomina o hexagrama agrupado ao redor de Tiphareth, o Microprosopus, ou o Rosto Menor.

Dionísio é outro deus atribuído à sephirah de número seis, por causa de sua juventude e sua forma graciosa, combinando a doçura afeminada e a beleza, ou por causa de seu cultivo do vinho que, usado cerimonialmente nos mistérios de Elêusis, produzia uma embriaguez espiritual análoga ao estado místico. Também pode ser porque se dizia que Dionísio se transformou em um leão, que é o animal de Tiphareth, sendo o rei dos animais selvagens, e a realeza sempre foi representada em forma de leão. Para explicar este paralelismo existem razões astrológicas, pois o Sol (☉) tem sua exaltação no signo astrológico de Leo (♌), o leão, que se considera um símbolo criativo do semblante feroz do sol do solstício de verão.

Baco, outro nome de Dionísio para fins guerreiros, é o deus da embriaguez, da ebriedade, um outorgador de vida sobrenatural ou imortal. Em suas notas sobre *Baccus de Eurípides*, o Prof. Gilbert Murray escreve, em relação ao orfismo:

Todos os verdadeiros fiéis, em um sentido místico, se convertem em uma unidade com o Deus; nascem novamente e são “Bacchoi”, sendo Dionísio o deus interior, a alma perfeitamente pura é possuída totalmente pelo deus e não se transforma em nada senão no deus.

A correspondência escandinava é, com toda probabilidade, o deus Balder, o favorito de toda a natureza, o filho de Odin e Frigg. Anderson escreve: “na verdade pode-se dizer que ele é o melhor deus e que toda a humanidade o louvava com entusiasmo”.

Além do leão, o animal sagrado de Tiphareth é a fabulosa ave fênix, que abre seu peito para que sete jovens possam alimentar-se de seu sangue e da vitalidade que brotam de sua ferida. O pelicano tem uma lenda similar. Ambos sugerem a ideia de um Redentor dando a sua vida por outros. Murray conta em suas notas introdutórias, já mencionadas, uma anedota com uma implicação muito semelhante:

Semele, filha de Cadmus, sendo amada por Zeus, pediu a seu divino amante que aparecesse em toda sua glória; veio em forma de uma labareda de milagroso raio, no êxtase do qual Semele morreu, dando a luz prematuramente a um filho. Zeus, para salvar a vida da criança e convertê-la em deus o mesmo que em homem, desgarrou a sua carne e ali dentro criou a criança até que, a seu devido tempo, mediante um milagroso e misterioso Segundo Nascimento, o filho de Semele nasceu à vida completa como deus.

A acácia, o símbolo maçônico da ressurreição, e a videira, são as plantas de Tiphareth. Seu perfume é a resina do olíbano. Sua cor é o amarelo, devido ao Sol — a fonte tanto de existência espiritual como de vida física —, é sua iluminação.

As cartas do Tarô são os quatro Seis. À Tiphareth se dá o título de Filho e a letra Vau (ו), do Tetragrammaton, e os quatro Príncipes ou Cavalheiros (Valete) do Tarô. O *Sepher Yetzirah* chama esta sephirah de “A Inteligência Mediadora”. Suas joias são o topázio e o diamante amarelo, assim atribuídos por causa de sua cor.

7. NETZACH

Tiphareth completa a trindade de sephiroth que forma a Segunda Tríade que, por sua vez, se projeta na matéria formando uma terceira Tríade da seguinte maneira:

Netzach é a primeira sephirah da Terceira Tríade e que significa Vitória. Às vezes é denominada Eternidade e Triunfo. É a sétima potência e é atribuída a Niké (Vitória). Em seus *Estudos Gregos*, Walter Pater escreve:

A Vitória, nos conta a ciência mitológica, significou originalmente somente a grande vitória do céu, o triunfo da manhã sobre a obscuridade. Porém esta manhã física de sua origem exerce também seu ministério sobre o sentido estético posterior. Pois se Niké, quando aparece em companhia dos mortais, e como herói totalmente encarnado, em cujo carro permanece para guiar os cavalos, ou a quem coroa com sua grinalda de salsa ou de louro, ou cujos nomes ela escreve em seu escudo, é concebida imaginativamente, é porque as antigas influências celestes não estão,

todavia, suficientemente suprimidas em seus olhos penetrantes e o orvalho da manhã está, todavia, aderido a suas asas e a seu cabelo flutuante.

Astrologicamente seu planeta é Vênus (♀). Em consequência, os deuses e qualidades de Netzach estão relacionados com o Amor, a Vitória e a Colheita. Afrodite (Vênus) é a Dama do Amor e da Beleza com o poder de oferecer sua beleza e seu encanto aos demais. O conjunto das implicações desta sephirah é de amor — embora se trate de um amor de natureza sexual. Hator é o equivalente egípcio e é um aspecto menor da Mãe Ísis. Representa-se como uma deusa vaca, indicando as forças reprodutoras da natureza, e era a protetora da agricultura e os frutos da terra. Bhavani é a deusa hindu de Netzach.

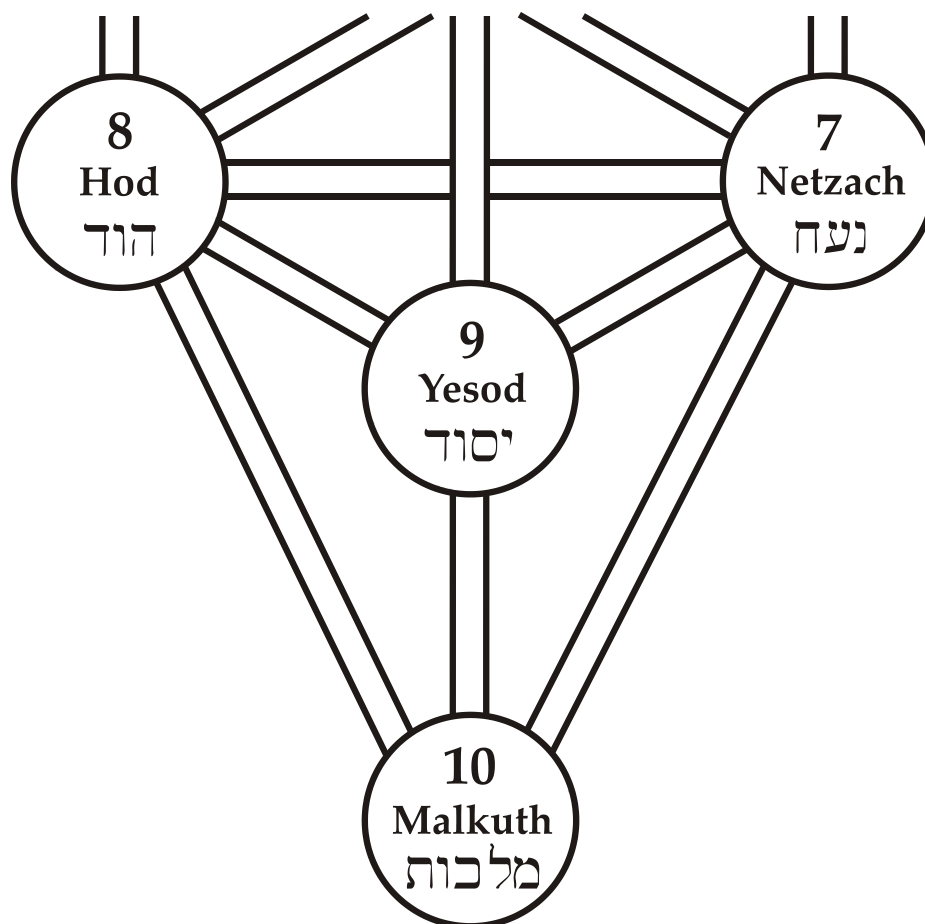


Figura 5: O Quaternário Inferior

A rosa é sua flor; o sândalo vermelho é seu perfume. É de conhecimento geral que em algumas enfermidades de origem venérea (♀) se usavam azeites de sândalo. O benjoim também é um perfume de Vênus e sua sedução sensual é inconfundível. Atribui-se a rosa porque fica harmoniosa com o caráter de Afrodite.

O *Sepher Yetzirah* chama Netzach de “A Inteligência Oculta”; sua cor é o verde, que deriva da união do azul e o amarelo de Chesed e Tiphareth, e suas cartas do Tarô são os quatro Setes.

8. HOD

Oposta a Netzach na Árvore da Vida está Hod, o “Esplendor”, a esfera de Mercúrio (♿). Em consequência, seus símbolos são claramente mercuriais em qualidade. Para dar uma ideia da implicação desta sephirah será muito útil entender Hermes, o deus grego atribuído a ela. É um deus de prudência, astúcia, perspicácia e sagacidade, que é considerado o autor de uma grande variedade de inventos, como o alfabeto, as matemáticas, a astronomia e os pesos e medidas. Também presidia o comércio e a boa sorte e era o mensageiro e arauto dos deuses do Olimpo.

Segundo Virgílio os deuses o empregavam para conduzir as almas dos mortos do mundo superior aos mundos inferiores. Neste último aspecto o deus egípcio com cabeça de chacal, Anúbis, é similar, pois era o patrão dos mortos e era representado guiando a alma ao juízo de Osíris em Amennti. Será muito útil ao estudante recordar que a esfera de Hod representa, em um plano inferior, as qualidades semelhantes às aquelas que se obtém de Chokmah.

De Netzach a Hod, a sétima e oitava sephiroth, o *Zohar* diz que por Vitória e Esplendor se entende extensão, multiplicação e força; porque todas as forças que nasceram no universo surgiram de seu seio.

O deus hindu é Hanuman, representado por um símio ou um macaco. Blavatsky explica amplamente em *A Doutrina Secreta* a interessante teoria de que no interior dos macacos estão aprisionadas as almas humanas de uma

natureza mercurial-solar, almas quase com categoria de Divindades, chamadas *Manasaputras*, “O Filhos Nascidos da Mente de Brahma”; que pode explicar porque os deuses hindus da mente e da inteligência são representados desta forma, aparentemente uma besta sem inteligência como o antropoide.

Sua planta é a Moli (espécie de alho; planta fabulosa de flor branca e raiz negra dada por Hermes a Odisseu como um antídoto contra as feitiçarias de Circe; identificada com a *Galanthus Nivalis*) e sua droga vegetal é o mescal (*Anhalonium Lewinii*, uma variedade de cacto mexicano), que causa, quando se ingere, visões de anéis de cores e de natureza intelectual, intensificando a autoanálise. Seu perfume é o estoraque, sua joia é a opala, sua cor é o alaranjado — derivado do vermelho de Geburah e o amarelo de Tiphareth —; seu título no *Yetzirah* é “A Inteligência Absoluta ou Perfeita”. As atribuições do Tarô são os quatro Oitos.

9. YESOD

Netzach e Hod derivam em Yesod, o Fundamento, completando uma série de três tríades. Yesod é a base sutil sobre o qual se fundamenta o mundo físico; segundo Eliphas Lévi Zahed e Madame Blavatsky, é o Plano Astral que, em certo sentido, é passivo e reflete as energias de cima, a lunar (♌); inclusive, como a lua, reflete a luz do sol. A luz astral é um fluido onipresente e permeável ou um meio de matéria extremamente sutil; a substância em um estado altamente tênue, elétrico e magnético em sua constituição, que é o modelo sobre o qual está constituído o mundo físico. O interminável, imutável fluxo e refluxo das forças astrais que, em último termo, garantem a estabilidade do mundo e proporcionam sua base. Yesod é este fundamento estável, este fluxo e refluxo imutável de forças astrais, e o poder reprodutivo universal da natureza. “Tudo voltará a seu fundamento de onde surgiu. Toda medula, semente e energia se reúnem neste lugar. Daqui surgem todas as potencialidades que existem” (*Zohar*).

Seu deus egípcio é Shu, que era o deus do espaço, representado levantando a noite, a Rainha do Céu, do corpo de Seb à Terra. Seu equivalente hindu é Ganesha, o deus elefante que derruba todos os obstáculos e sustenta o Universo enquanto está de pé sobre uma tartaruga. Diana era a deusa da luz, que nos tempos romanos representava a Lua. O conceito geral de Yesod é a mudança com estabilidade. Alguns escritores se referiram à Luz Astral que é a esfera de Yesod como o *Anima Mundi*, a Alma do Mundo. O psicanalista Jung tem um conceito muito semelhante ao que denomina o *Inconsciente Coletivo* que, como eu o entendo, não difere em absoluto da ideia cabalística.

Suas plantas são a mandrágora e a damiana, cujos poderes afrodisíacos são bem conhecidos. Seu perfume é o jasmim, também um excitante sexual; sua cor é a púrpura; seu nome no *Sepher Yetzirah* é “A Inteligência Pura ou Clara”; seu número é o 9 e suas correspondências no Tarô são os quatro Noves.

Uma consideração importante do ponto de vista cabalístico é a atribuição da lua que, de acordo com a tradição oculta, é um corpo morto, todavia vivente, cujas partículas estão cheias de vida ativa e destrutivas, de forte poder mágico.

10. MALKUTH

Dependente do sistema das três Tríades e sintetizando todos os números anteriores está Malkuth, o Reino — a décima sephirah. Malkuth é o mundo dos quatro elementos, totalmente matéria, e todas as formas percebidas por nossos cinco sentidos, resumindo-se em uma cristalização os nove dígitos anteriores ou série de ideias.

Seb é o deus egípcio atribuído a Malkuth, já que está representado com a cabeça de um crocodilo, o hieróglifo egípcio de matéria densa. Psyche, o Nephthys inferior, e a solteira Ísis são os outros deuses atribuídos. A Virgem ou a Noiva é outro título zohárico para Malkuth, usado, entretanto, em um sentido particular que veremos no capítulo cinco. Perséfone é a Terra Virgem e suas lendas indicam as aventuras da alma não redimida; e Ceres também é a

divindade solteira da Terra. Outras deidades são Lakshmi e a Esfinge, atribuídas porque representam a fertilidade da terra e de todas as criaturas.

Em Malkuth, a mais inferior das sephiroth, a esfera do mundo físico da matéria, onde se encarnam as exiladas *Neshamoth*, do Palácio Divino, ali habita a Presença espiritual de Ain Soph, como uma herança da humanidade, e recordador onipresente das verdades espirituais. Esta é a razão daquilo que está escrito: “Kether está em Malkuth e Malkuth em Kether, embora de outra maneira”. O *Zohar* sugeriria que o Shechinah verdadeira, a real Presença Divina, está atribuído a Binah pela qual nunca descende, porém que o Shechinah em Malkuth é um eidolon ou Filha da Grande Mãe Suprema. Isaac Myer sugere que: “Alguns cabalistas a consideram a energia executiva ou poder de Binah, o Espírito Santo ou a Mãe Superior”.

O *Sepher Yetzirah* denomina Malkuth como “A Inteligência Resplandecente”. Seu perfume é o dictamnino de Creta (*Origanum dictamnus*), por causa das espécies nuvens de humo denso desprendidas por seu incenso. Suas cores são: citrino, oliva, castanho-avermelhado e o preto. Suas cartas do Tarô são os quatro Dez. O *Zohar* lhe dá a Hé final (𐤠) do Tetragrammaton e a autoridade lhe atribui as quatro cartas da Princesa do Tarô.



Antes de passar a considerar o próximo capítulo, que trata das correspondências numéricas que pertencem aos vinte e dois Caminhos da Árvore da Vida, julgo ser necessário fazer algumas advertências com vistas a uma possível má interpretação que poderia fazer-se sobre algumas das atribuições que foram dadas as estas sephiroth e aos Caminhos.

Por exemplo, o tabaco, Marte, o basilisco e a espada estão entre as qualidades que pertencem ao fichário de Geburah ou a quinta sephirah. Aqui o leitor deve evitar cometer o erro quase imperdoável de confundir as premissas lógicas. Por exemplo, pensando assim “Já que todas estas são correspondências do número cinco, então o tabaco é uma espada e o deus Marte é um equivalente do basilisco”. Este é um perigo real e um erro tremendo de graves consequências.

Ao princípio do estudo comparativo que aqui se apresenta, a implicação básica deste método de classificação das correspondências selecionadas de

religiões e filosofias comparativas deverão ser assimiladas a fundo. Neste caso, as quatro coisas mencionadas anteriormente possuem certa qualidade ou grupo de atribuições de natureza semelhante às dadas. Há uma relação subjacente que as associa com o número cinco. Esta ideia deve ser totalmente memorizada se quiser obter algum proveito da cabala e desvanecer toda confusão desde o princípio.

DIAGRAMA Nº 5

I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X
NÚMERO	LETRA HEBRAICA	INGLÊS	PRONÚNCIA	SIGNIFICADO	UNIÃO DE SEPHIROTH	VALOR NUMÉRICO	CAMINHOS DA ÁRVORE	SÍMBOLO ASTROLÓGICO	TRUNFO DO TARÓ
1	א	A	Aleph	Boi	Kether-Chokmah	1	11	♈	0. O Louco
2	ב	B, V	Beth	Casa	Kether-Binah	2	12	♉	I. O Mago
3	ג	G, J	Gimel	Camelo	Kether-Tiphareth	3	13	♊	II. A Sacerdotisa
4	ד	D, Th	Daleth	Porta	Chokmah-Binah	4	14	♋	III. A Imperatriz
5	ה	H	Heh	Janela	Chokmah-Tiphareth	5	15	♌	IV. O Imperador
6	ו	V, U, O	Vau	Prego	Chokmah-Chesed	6	16	♍	V. O Hierofante
7	ז	Z	Zayin	Espada	Binah-Tiphareth	7	17	♎	VI. Os Enamorados
8	ח	Ch	Cheth	Cerca	Binah-Geburah	8	18	♏	VII. O Carro
9	ט	T	Teth	Serpente	Chesed-Geburah	9	19	♐	VIII. A Força
10	י	Y	Yod	Mão	Chesed-Tiphareth	10	20	♑	IX. O Ermitão
11	כ	K, Ch	Kaph	Punho	Chesed-Netzach	20	21	♒	X. A Roda da Fortuna
12	ל	L	Lamed	Aguilhão de boi	Geburah-Tiphareth	30	22	♓	XI. A Justiça
13	מ	M	Mem	Água	Geburah-Hod	40	23	♊	XII. O Pendurado
14	נ	N	Nun	Peixe	Tiphareth-Netzach	50	24	♋	XIII. A Morte
15	ס	S	Samekh	Suporte	Tiphareth-Yesod	60	25	♌	XIV. A Temperança
16	ע	O (Nasal)	Ayin	Olho	Tiphareth-Hod	70	26	♍	XV. O Diabo
17	פ	P, F	Peh	Boca	Netzach-Hod	80	27	♎	XVI. A Torre
18	צ	Ts	Tsaddi	Anzol	Netzach-Yesod	90	28	♏	XVII. A Estrela
19	ק	Q	Qoph	Orelha, Nuca	Netzach-Malkuth	100	29	♐	XVIII. A Lua
20	ר	R	Resh	Cabeça	Hod-Yesod	200	30	♑	XIX. O Sol
21	ש	Sh, S	Shin	Dente	Hod-Malkuth	300	31	♒	XX. O Juízo
22	ת	T, S	Tau	Cruz	Yesod-Malkuth	400	32	♓	XXI. O Mundo



O Gênio Superior e Divino

CAPÍTULO 4

OS CAMINHOS

Uma das muitas dificuldades encontradas ao apresentar um esquema novo ou uma interpretação nova da filosofia é o preconceito popular contra a nova terminologia. Espera-se que haja objeções ao alfabeto hebraico e aos termos utilizados pela cabala por pessoas que possam ignorar o fato de que, no estudo de astronomia, física ou química, por exemplo, uma nomenclatura completamente nova deverá ser dominada. Inclusive no comércio se usa um sistema de palavras e termos desprovidos de sentido sem um conhecimento dos métodos e procedimentos comerciais. A terminologia usada pela cabala é devida a várias razões.

No hebraico não existem números (que procedem dos árabes), porém cada letra do alfabeto é usada para um número. Este fato proporciona a base sobre a qual descansa a cabala, afastando-se de ideias correntes sobre números e letras. Cada letra hebraica tem um valor múltiplo. PRIMEIRO, tem sua posição individual no alfabeto; SEGUNDO, tem um valor numérico; TERCEIRO, é atribuído a algum dos trinta e dois Caminhos da Árvore da Vida; QUARTO, tem uma atribuição nas cartas do Tarô; QUINTO, tem um símbolo definido ou significado alegórico quando se escreve sem abreviar.

Blavatsky escreve: “Cada cosmogonia, da primeira à última, está baseada, inter-relacionada e totalmente entrelaçada com os números e as figuras geométricas... Por conseguinte, encontramos números e figuras usadas como uma expressão e um registro de pensamento em cada escritura arcaica.” Ginsburg, referindo-se ao alfabeto hebraico, afirma: “Como as letras não têm nenhum valor absoluto — nem se pode usá-las como meras formas, porém serve como o meio entre a essência e a forma; e como palavras, assume a relação

da forma com a essência real e da essência com o embrião e pensamento não expressado —, um grande valor está unido a estas letras e às combinações e analogias de que são capazes.”

Os trunfos do Tarô proporcionam uma série de símbolos, porém a grande dificuldade até agora experimentada em sua atribuição às vinte e duas letras do alfabeto hebraico é que estes trunfos estão numerados de I à XXI, acompanhados por outra carta marcada com o 0, que tem sido sempre o obstáculo, sendo atribuído por diversas pessoas às diferentes letras do alfabeto, dependendo — aparentemente — de seu capricho em qualquer momento. Deveria estar bastante claro que o único lugar lógico para esta carta Zero é sendo a anterior ao I, e quando se situa assim as cartas adquirem um sentido de sequência definida, profundamente explicativo das letras.

É essencial, aqui, destacar algo ao contemplar a natureza dos símbolos revelados pelo Tarô e utilizados pelo *Zohar* e o *Sepher Yetzirah*. O simbolismo que tão amiúde é claramente e decididamente fálico; é usado simplesmente para formar processos e conceitos cósmicos e metafísicos mais preparados para a compreensão por parte da mente humana. Blavatsky se sentiu repetidamente ofendida pelo uso do simbolismo sexual e por este motivo atacou as formas de expressão cabalísticas com acaloradas injúrias. Sua indignação era desnecessária, pois na cabala nunca se usou nenhum método de interpretação lascivo. Não posso dedicar-me a explicar seu desgosto pela cabala de forma satisfatória. A única explicação que parece remotamente possível é que, descendendo, como ela, de uma nobre família russa, onde o antissemitismo estava em todas as partes, qualquer coisa que cheirasse ao judaísmo era profundamente censurado. Seus contínuos ataques aos zoharistas, mais a sua real ignorância sobre os livros de cabala — corroborado pelo fato de que citou principalmente Lévi (que sabia muito pouco sobre ele) e Knorr von Rosenroth, ambos eram católicos romanos —, pode, talvez, ser explicado desta maneira.

O simbolismo fálico foi utilizado principalmente porque se acreditava que o processo criativo no Macrocosmo é paralelo, num grau destacado, ao do pequeno mundo do homem. O excelente livro de viagens de Nicholas Roerich intitulado *Allai-Himalaya* nos dá uma boa apreciação deste ponto de vista:

Observe quão notáveis são as comparações fisiológicas trazidas pelos hindus entre as manifestações cósmicas e o organismo humano. A matriz, o umbigo, o falo e o coração, todos eles têm sido, desde muito tempo, incluídos no sistema sutil de desenvolvimento da célula universal.

Sobre a questão do falicismo deve-se obrigatoriamente referir-se à *Psicologia do Inconsciente* de C. J. Jung, segundo o qual há uma grande interpretação equivocada do termo “sexualidade”. Por ele, Freud entende “amor” e inclui ali dentro todos os sentimentos tenros e emoções que tiveram sua origem em uma fonte erótica e primitiva, inclusive se seu objetivo primário se perdeu totalmente e foi substituído por outro. E deve também recordar-se que os mesmos psicanalistas enfatizaram rigorosamente o lado psíquico da sexualidade e sua importância além de sua expressão somática.

O *Sepher Yetzirah* afirma:

Vinte e duas letras como base. Ele as desenhou, as trabalhou, as pesou, as intercambiou e formou através delas o conjunto da criação e tudo o que deveria ser subsequentemente criado.

Esta citação é fundamental na filosofia dos números na cabala, indicando que a existência destas letras e o sinal que deixam em cada partícula da criação constitui a harmonia do cosmo. A posição idealista de que os *pensamentos são coisas* é análoga. No *Sepher Yetzirah* as vinte e duas letras, ou grupos de ideias, se consideram as formas e essências subjacentes que fazem surgir o universo inteiro manifestado em toda sua claridade.

A Árvore da Vida consiste em trinta e dois Caminhos de Sabedoria, dos quais as dez sephiroth se consideram como os primeiros Caminhos ou galhos, cujas correspondências são as mais importantes, e as vinte e duas letras, os Caminhos inferiores que conectam as sephiroth, harmonizando e equilibrando os conceitos atribuídos aos diversos números. Ao referirmos a estes vinte e dois Caminhos restantes seguiremos o mesmo procedimento que adotamos com as sephiroth, passando por cima de cada detalhe, dando várias correspondências, prestando particular atenção à forma e significado das letras, junto com uma questão importante que se relaciona com a sua pronúncia, que parece nunca ter sido apresentada sistematicamente antes em tratados sobre a filosofia dos números da cabala.

§ - A

ALEPH

Primeira letra do Alfabeto Hebraico.

Caminho Nº Onze da Árvore da Vida, unindo Kether a Chokmah.

Valor Numérico: 1

Pode-nos servir de ajuda para encontrar uma explicação satisfatória desta letra aquilo que represente um jugo de boi ou a cabeça de um boi, formando os chifres na parte superior da letra. Isto é muito significativo, pois quando a letra é pronunciada como Aleph (אֵלֶף) e escrita na íntegra — Aleph, significa um “boi” ou um “touro”, um símbolo magnífico para indicar o poder reprodutor da natureza. O Aleph é atribuído à Cruz Suástica , quase um  por sua forma, ou o Raio de Thor — um glifo excelente para expressar o conceito de movimento primordial do Grande Alento que, pondo o Caos em movimento giratório faz surgir um centro criativo.

Aleph tem traços de Kether e é denominada “A Inteligência Cintilante”. Hoor-paar-Kraat, o Senhor do Silêncio egípcio, representado com um dedo sobre seus lábios, é uma de suas atribuições, como também são Zeus e Júpiter, fazendo particular ênfase com o aspecto destes dois deuses como partes elementais da natureza. A atribuição hindu é o Maruts (Vayu), referindo-se ao aspecto aéreo de Aleph () , como acontece também com as Valquírias do panteão escandinavo.

O animal apropriado para Aleph é a águia, a rainha das aves, já que aprendemos da mitologia clássica que a águia era sagrada a Júpiter, cujos sacrifícios, posso acrescentar, geralmente consistiam em touros e vacas. Seu elemento é o Ar () , correndo ao acaso daqui para lá, sempre pressionando ou tendendo a abaixar.

Seu trunfo no Tarô é o 0, *O Louco*, implicando assim este despropósito aéreo da existência. A carta mostra uma pessoa vestida com um bobo da corte, sustentando um bastão sobre suas costas no qual pendura um fardo. Diante dele se abre um precipício, enquanto um cãozinho fraldiqueiro late aos seus pés, atrás dele. Em sua túnica está o desenho , que simboliza o Espírito. *Spiritus* é a palavra latina que significa Ar ou respiração.

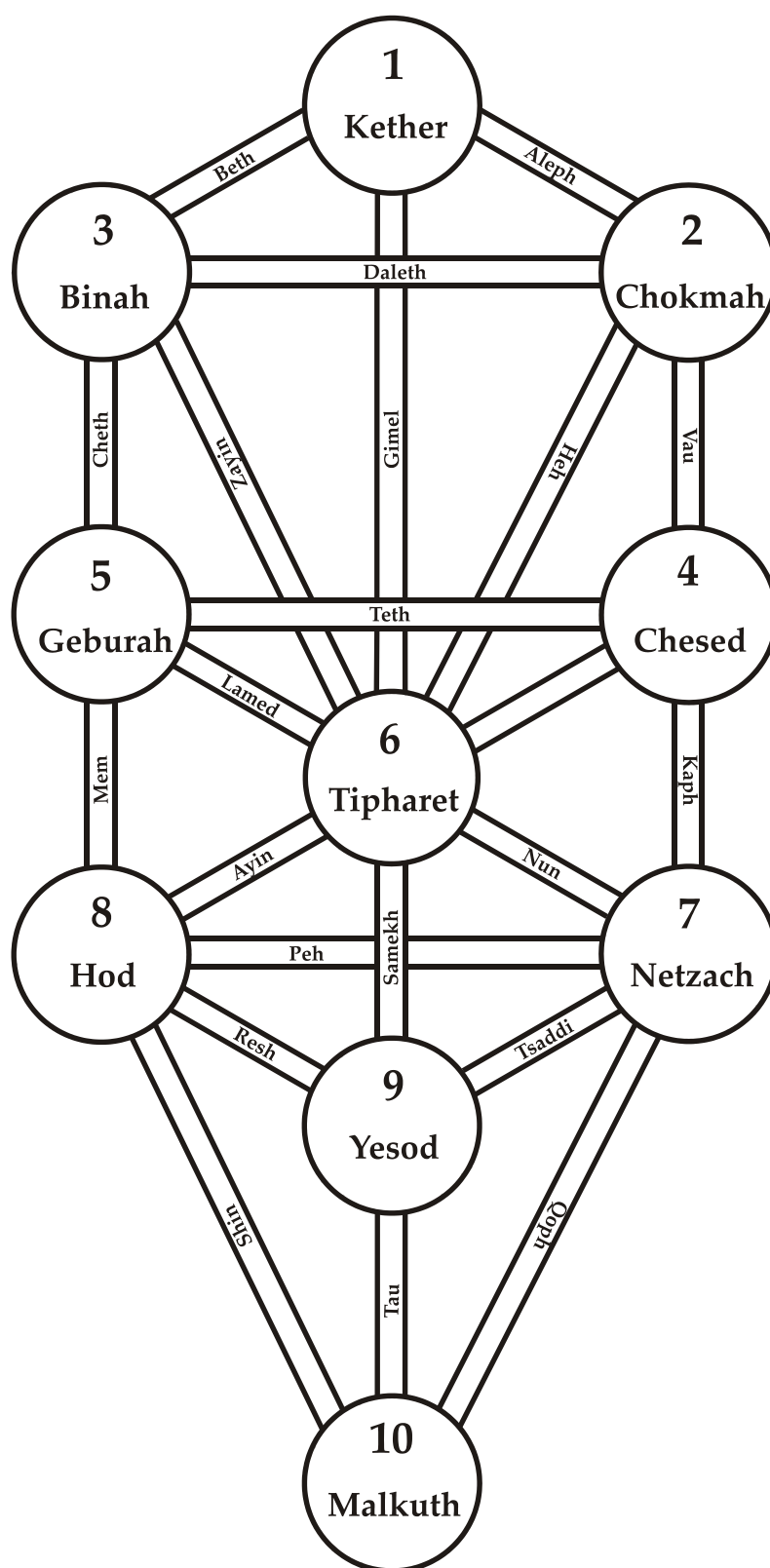


Figura7: Os Caminhos

O leque como arma mágica é atribuído à Aleph, fazendo uma clara referência ao Ar. Sua cor é o azul celeste; suas joias são o topázio e a calcedônia; seu perfume é o gálbano.

ב - B

BETH

Segunda letra do alfabeto.

Caminho Nº Doze da Árvore, unindo Kether a Binah.

Valor Numérico: 2

“B” é um som de atividade interna, produzindo-se em um espaço fechado pelos lábios e a boca — portanto, em uma casa simbólica. Sua pronúncia é Beth, traduzida por “Casa”.

O *Sepher Yetzirah* afirma que a letra “B” reina em Sabedoria. A Sabedoria é naturalmente o deus Hermes; e sua atribuição planetária é, em consequência, Mercúrio (♿). Thoth, e seu Cinocéfalos, e Hanuman estão incluídos como correspondências. Este Caminho, chamado de “A Inteligência Transparente”, participa da natureza de Chokmah e Hod, ambos são mercuriais. A concepção alquímica do Mercúrio universal era a de um princípio fluido, agitado e instável, inclusive mutável. Isto pode justificar o mandril ou macaco ao serviço de Thoth, pois o macaco está inquieto, sempre se movendo e nunca imóvel, tipificando o Ruach humano, que deve ser tranquilizada. O Odin norueguês — o andarilho infinito —, possivelmente seria atribuído aqui e precisamente por esta razão. É o espírito da vida que, de acordo com as lendas, não cria o mundo por si mesmo, senão que unicamente o *planeja* e o *ordena*. Todo conhecimento surge dele e também é o inventor da poesia e das runas nórdicas.

Sua arma mágica é bastão de Caduceu, que faz particular referência ao fenômeno Kundalini que surge enquanto se realizam práticas de ioga, particularmente Dharana e Pranayama.

Sua carta do Tarô é a I, *O Mago*, que está de pé próximo a uma mesa, sobre a qual tem vários utensílios mágicos, sua espada, taça, pantáculo e bastão,

enquanto que em sua mão direita sustenta uma varinha levantada. Aponta ao solo com sua mão esquerda, afirmando assim a fórmula mágica “o que está encima é igual ao que está abaixo”. Sobre sua cabeça, como uma auréola ou nimbo, está ∞, o símbolo matemático do infinito. Já que Mercúrio e Thoth são os deuses da Sabedoria e da Magia, está claro que esta carta é uma atribuição harmoniosa.

O mástique (almecega), o macis e o estoraque são os perfumes deste décimo segundo Caminho; a ágata é sua joia; a verbena a sua planta sagrada. O íbis é sua ave sagrada, pois se observou que tinha o curioso costume de permanecer sobre uma pata durante longos períodos de tempo; e para a fértil imaginação dos antigos isto sugeriu a absorção em meditação profunda. Na prática de Ioga há uma postura chamada O Íbis, onde o praticante se mantém em equilíbrio sobre uma perna. Os rituais, além disso, apontam Thoth como: “Oh, Tu, aquele da cabeça de íbis”.

Agora devo me referir a um ponto importante da gramática hebraica. Os sons de algumas letras do alfabeto hebraico mudam quanto um ponto, chamado de “dogish”, se situa nestas letras. A letra “B” muda para “V” quando o ponto no centro é omitido, assim ב. É imperativo que você se lembre deste pequeno detalhe, pois é de grande importância no trabalho de pesquisa ainda mais, sabendo o escritor por experiência que as investigações de um cabalista altamente experimentado têm sido dificultadas extraordinariamente por este e outros fatos semelhantes que foram omitidos em sua formação cabalística básica.

ב - G

GIMEL

Terceira letra do alfabeto.

Caminho Nº Treze da Árvore, unindo Kether a Tiphareth

Valor Numérico: 3

Se nos remetermos ao esquema veremos que este Caminho une a primeira sephirah com a sexta, cruzando o Abismo que, na simbologia cabalística, se concebe como um deserto árido de areia, onde morrem os pensamentos e os egos empíricos dos homens, “criaturas estranguladas ao nascer”, como observa a expressão. Agora, Gimel (ג) é a letra dada a este Caminho, e quando é pronunciada Gimel (גמל), significa um Camelo. O camelo é o convencional “barco do deserto”.

O título deste Caminho é “A Inteligência Unificadora” e sua atribuição yetzirática é a Lua (ד). Sua carta no Tarô é a II, a *Sacerdotisa da Estrela de Prata*, representando uma mulher em seu trono, coroada com uma tiara, o Sol sobre a sua cabeça, uma estola sobre o seu peito, e o *signal da Lua em seus pés*. Está sentada entre dois pilares, um branco (masculino) e outro negro (feminino), comparáveis aos pilares laterais, direito e esquerdo, da Árvore da Vida, e a lei maçônica. É, em certo sentido, o Shechinah, e nossa Dama Babalon de acordo com outro sistema.

No velho sistema de graus da Rosacruz, a Tríade das Supremas constitui o Colégio Interno dos Mestres, e se chama a Ordem da Estrela de Prata. Como o Caminho de Gimel ou da Lua une a Tríade das Supremas com Tiphareth, servindo como meio de entrada ao Colégio Interno, então se observa que os símbolos do Tarô são consistentes. Alguns estudantes associaram carta a Beth (ב).

Ártemis, Hécate, Chomse e Chandra são as deidades atribuídas, todas elas são divindades lunares. Sua cor é o prateado, a cor resplandecente da Lua; a cânfora e aloés são seus perfumes; a pedra da lua e a pérola são suas joias. O cachorro é sagrado para Gimel, provavelmente porque a caçadora Ártemis sempre tinha cães em sua presença. O arco e a flecha, pela mesma razão, são seus instrumentos mágicos simbólicos.

Quando se omite o dogish Gimel tem um som suave, semelhante ao “J” inglês.

⌈ – D

DALETH

Quarta letra do alfabeto.

Caminho Nº Catorze da Árvore, unindo Chokmah a Binah.

Valor Numérico: 4

Como este Caminho une, na região das Supremas, o Pai à Mãe, logicamente anteciparíamos correspondências que expressariam a atração do positivo pelo negativo, e o amor do macho pela fêmea pela qual o Yod (י) e o He (ה) formarão a unidade primordial. Sua atribuição astrológica é Vênus (♀), a Dama do Amor. A pronúncia desta letra como Daleth significa uma “Porta” que inclusive no simbolismo freudiano possui o significado de “a matriz” (“útero”).

As cores são o verde e o verde esmeralda. As joias são a esmeralda e a turquesa; as flores são a murta e a rosa; as aves são o pardal e a pomba. A equivalência mágica é o cinturão; de acordo com a lenda qualquer um que leve o cinturão de Afrodite se tornaria em um objeto de amor e desejo universal.

O nome deste décimo quarto Caminho é “A Inteligência Luminosa”, e seus deuses são Afrodite, Lalita — o aspecto sexual de Sakti, a esposa de Shiva — e a delicada testa abaixada de Hator, que é uma deusa vaca.

Para tentar ilustrar mais uma vez a implicação da ideia de um deus, trago uma citação adequada para ser memorizada e aplicada em profundidade. Esta citação procede de *Hipólito de Eurípides*, de Gilbert Murray:

A crença real de Afrodite de Eurípides, se alguém atrever-se a dogmatizar sobre tal tema, foi seguramente não aquilo que deveríamos chamar uma divindade, senão mais uma força da natureza, ou um espírito desenvolvendo seu trabalho no mundo. Para negar a sua existência não se deveria dizer simplesmente: “Não existe tal pessoa”, porém “Não existe tal coisa”; e tal negação seria um desafio contra fatos óbvios.

A divindade do amor na mitologia nórdica era Freyja, a filha de Njord, uma deidade tutelar jupiteriana.

A carta do Tarô é a III, *A Imperatriz*, que tem em sua mão direita um cetro que é um globo coroado por uma cruz, o sigilo astrológico de Vênus (♀). Suas

roupas repetem o símbolo, e ao lado de seu trono está um escudo em forma de coração que tem, também, o signo de Vênus. À frente dela está um campo de trigo, dando ênfase no fato de que é uma divindade não somente do amor, mas também da agricultura. Leva uma grinalda verde sobre a cabeça, e um colar de pérolas.

Para dar uma pequena explicação de como a agricultura podia estar associada à Deusa do Amor, devo remeter meus leitores a *Os Problemas do Misticismo*, do Dr. Silberer, em cujo livro se pode encontrar um valioso material. Ao mesmo tempo não deve pensar-se que eu confirme a totalidade das conclusões de Silberer. Como já indiquei, *Os Problemas do Misticismo* pode mostrar ao leitor cuidadoso como poderia ter surgido a associação antes mencionada.

Daleth (ד) é uma letra dupla, e conseqüentemente se pronuncia como um “th” forte como em “the” e “lather” quando há um dogish.

ד - H

HE

Quinta letra do alfabeto.

Caminho Nº Quinze, unindo Chokmah a Tiphareth.

Valor Numérico: 5

Sua pronúncia é He, cuja palavra significa uma “Janela”. Seu título yetzirático é “A Inteligência Constituinte”, e sua atribuição astrológica é Áries (♈), o signo do Carneiro, regido por Marte (♂), no qual o Sol (☉) está em exaltação. Suas atribuições são, por conseguinte, paixão e marcialidade.

Seus deuses são: Atena, na medida em que protegia o Estado de seus inimigos; Shiva e Marte. Minerva também é uma atribuição, pois se acreditava que havia guiado os homens na guerra, onde ia conseguir a vitória mediante a prudência, a coragem e a perseverança. A Mut egípcia também é uma deusa da guerra, representada com a cabeça de um falcão. O Tyr escandinavo é uma

atribuição deste Caminho, pois é o mais ousado e intrépido dos deuses e é aquele que reparte a valorização, coragem e honra nas guerras.

A lança é a arma apropriada; a flor é o gerânio e a joia é o rubi, por causa de sua cor.

A carta do Tarô é a IV, *O Imperador*, que veste uma túnica vermelha e está sentado em um trono — em sua coroa há rubis —, suas pernas formam uma cruz. Seus braços e cabeça formam um triângulo. Teremos, portanto, o símbolo alquímico do enxofre (⚡ — um triângulo sustentado por uma cruz), um princípio ígneo ativo, o Gunam hindu dos Rajás; e como qualidades tem-se a energia e a vontade. Nos braços de seu trono estão gravadas duas cabeças de carneiro, indicando que esta atribuição é harmoniosa.

ו – V

V A U

Sexta letra do alfabeto.

Caminho Nº Dezesseis da Árvore, unindo Chokmah a Chesed.

Valor Numérico: 6

Vau é sua pronúncia e significa um “Prego”. Ele é usado como um símbolo do falo. Este uso se confirma pelo signo zodiacal do Touro (♉) que, como já observamos, é um glifo da força universal reprodutora. O falo, no misticismo da cabala, é um símbolo criativo de uma realidade criativa, a vontade mágica. Para que sirva de ajuda na compreensão desta ideia cito uma definição da *Psicologia do Inconsciente*, de Jung:

O falo é um ser que se move sem membros, que vê sem olhos, que conhece o futuro; e como um representante simbólico do poder criativo universal existente em todas as partes, a imortalidade se justifica nele... É um vidente, um artista e um fazedor de milagres.

Esta definição é particularmente apropriada para a *Chiah*, da qual o linga é o símbolo terrestre, bem como seu veículo.

As atribuições seguem as astrológicas muito de perto, pois encontramos aqui o Asar Ameshet Ápis egípcio, o touro lutador de Memphis, que pisoteava seus inimigos.

As congregações órficas, em algumas de suas convocatórias secretas mais santas, bebiam solenemente do sangue de um touro; de acordo com Murray, o dito touro era, por algum mistério, o sangue do mesmo Dionísio-Zagreu, o “Touro de Deus” morto em sacrifício para a purificação do homem. E as Mênades da poesia e da mitologia, entre as mais belas provas de seu caráter sobrenatural, sempre tinham que cortar o touro em pedaços e provar seu sangue. O leitor também deve recordar a justa promessa da mais interessante história de Lord Dunsany, *A Benção de Pan*.

Na Índia vemos à vaca sagrada reverenciada como uma representação de Shiva em seu aspecto criativo; também há glifos em seus templos com um linga ereto. Hera, a divindade do casamento, e Himeneu, o deus que leva o véu nupcial, também são correspondências.

A carta V, *O Hierofante*, é a atribuição do Tarô. Está representado levantando sua mão direita com o sinal da bênção sobre as cabeças de seus ministros, e em sua mão esquerda leva um cetro sacerdotal coroadado por uma tríplice cruz. Aos seus pés estão duas chaves, as da Vida e da Morte, que solucionam os mistérios da existência.

Vau também é o “Filho” do Tetragrammaton — Baco ou Cristo no Olimpo (Céu), salvando o mundo. Também representa a Percival como o Sacerdote Real em Montsalvat celebrando o milagre da redenção. O nome de Baco é um derivado de uma raiz grega e significa uma “vara”. Junto com seus múltiplos nomes de: Brômio, Zagreu e Sabázio têm muitas formas — assim diz o prof. Gilbert Murray —, aparecendo como um touro e uma serpente. Muitas das correspondências de Tiphareth, a sexta sephirah, têm uma íntima relação com este décimo sexto Caminho. Adônis, Tamuz, Mitras e Átis são associações adicionais.

O Estoraque é o seu perfume, a malva sua planta, o topázio sua joia e o índigo a sua cor.

Dependendo totalmente do lugar onde está situado o dogish, esta letra pode ser:

U – 𐤅

O – 𐤌

V – 𐤆

Ṿ – Z

ZAYIN

Sétima letra do alfabeto.

Caminho Nº Dezessete, unindo Binah a Tiphareth.

Valor Numérico: 7

Zayin significa uma “espada”, e examinando a forma da letra se poderia imaginar que a sua parte superior é a empunhadura e a parte inferior o gume.

Na astrologia o signo de Gemini (♊), os Gêmeos. Todos os deuses gêmeos são, portanto, atribuídos a este Caminho. Rekht e Merti dos hindus, e Castor e Pólux dos gregos. Apolo também é uma correspondência, porém somente é seu aspecto de adivinhador, tendo o poder de comunicar o dom da profecia aos deuses e aos homens. Nietzsche, em *O Nascimento da Tragédia*, diz de Apolo que não somente é um deus de todas as energias com forma, mas também o deus da adivinhação.

Aquilo — como a etimologia do nome indica — é o brilhante, a deidade da luz, também governa sobre a aparência bela do mundo interior das fantasias. A verdade suprema, a perfeição destes estados em contraste com o apenas parcialmente compreensível mundo cotidiano e a profunda consciência da natureza, curando e ajudando quando se dorme e quando se sonha. É, ao mesmo tempo, o análogo da faculdade da adivinhação e, em geral, de todas as artes, através das quais a vida se faz possível e vale a pena viver.

Juno é uma de suas atribuições, pois é representado com duas caras, cada uma olhando em distinta direção. Hoor-paar-Kraat é outra atribuição, principalmente porque reúnem os deuses gêmeos de Hórus, o Senhor da Força, e Harpócrates, o Senhor do Silêncio, em uma só personalidade divina.

No *Sepher Yetzirah* é denominado de “A Inteligência Disponente”. Todos os híbridos são atribuídos aqui; sua ave é a pega; e a alexandrita e a turmalina são suas pedras preciosas. Sua cor é a malva, e suas plantas são todas as formas e espécies de orquídeas.

A carta do Tarô é a VI, *Os Amantes*. Os antigos baralhos a descreve representando um home entre duas mulheres, que são o Vício e a Virtude;

Lilith, a esposa do malvado Samael, e Eva. As cartas modernas, contudo, mostram um homem e uma mulher desnudos, com um Anjo ou Cupido com as asas estendidas, suspenso sobre eles.

𐌗 - Ch

CHETH

Oitava letra do alfabeto.

Caminho Nº Dezoito, unindo Binah a Geburah.

Valor Numérico: 8

Cheth (“ch” gutural como em “loch”) é uma “cerca”. Em astrologia é o signo do caranguejo, Câncer (♋). É Khephra, o deus escaravelho, representando o sol da meia-noite. Na filosofia astrológica do antigo Egito, Câncer (♋) era considerado como a Casa Celestial da Alma. Mercúrio, em seu aspecto do mensageiro dos deuses, e Apolo em seu papel de auriga, são outras atribuições. A correspondência nórdica é Hermódr, o enviado dos deuses, o filho de Odin, quem lhe deu um elmo e um corselete que Hermódr levava quando ia à suas perigosas missões. Infelizmente, os deuses hindus não são suficientemente determinantes para nos permitir fazer uma atribuição satisfatória devido ao seu grande número, a menos que decidamos escolher Krishna, em seu papel de condutor do carro de Arjuna na batalha de Kurukshetra, como se descreve no Mahabharata.

A carta do Tarô é mais interessante, a VII, *O Carro*. Indica um carro, cujo toldo é azul e decorado com estrelas (representando a Noite, a noite de céu azul, o espaço e nossa Dama das Estrelas). No carro está uma figura coroada e armada, sobre cuja testa resplandece uma Estrela de Prata — o símbolo do renascimento espiritual. Sobre seus ombros estão duas meia-lua, a crescente e a minguante. Conduzindo o Carro há duas esfinges, uma branca e a outra negra, representando as forças conflitantes em seu ser que ela dominou. Na frente do carro está um glifo do Linga, seu *id* regenerado ou sublimado, ou libido, coroado pelo globo alado, seu Ego transcendental ao qual se uniu.

O conjunto da carta simboliza adequadamente a Grande Obra, esse processo pelo qual um homem chega a conhecer a Coroa desconhecida, e alcança o conhecimento e o diálogo com seu Sagrado Anjo Guardião, perfeitas auto-integração e a consciência.

No termo “libido”, Jung vê um conceito de natureza desconhecida, comparável ao *elã vital* de Henri Bergson, uma hipotética energia vital, que tem relação não somente com a sexualidade, mas com outras diversas manifestações fisiológicas espirituais. Bergson fala deste *elã vital* como sendo um movimento de autocriação, um tornar-se, e como a verdadeira substância e realidade de nosso ser.

Seu animal sagrado é a Esfinge, cuja expressão enigmática combinando o masculino, feminino e as qualidades animais; é um símbolo apto para a Grande Obra levada à perfeição. O *Sepher Yetzirah* chama Cheth (ח) de “A Casa da Influência”. O lótus é a sua flor; a ônica é seu perfume; o castanho avermelhado é sua cor e o âmbar a sua joia.

ח – T

TETH

Nona letra do alfabeto.

Caminho N° Dezenove, unindo Chesed a Geburah.

Valor Numérico: 9

Aqueles Caminhos da Árvore da Vida que são horizontais e que unem uma sephirah feminina e uma masculina são denominados *Caminhos Recíprocos*. O décimo quarto Caminho é o primeiro deste tipo; o décimo nono Caminho é o segundo e une o Poder com a Misericórdia.

Esta letra significa “Serpente”. Seu signo zodiacal é o Leo (♌), o Leão. Pasht, Sekhet e Mau são lhe atribuídos, pois são deusas gato. Ra-Hoor-Khuit é outra correspondência, representando o Sol que governa Leão. Demeter e Vênus, como deusas da agricultura também são atribuídas a Teth.

Seu animal é, claro, o leão; sua flor, o girassol; sua joia é o olho de gato e seu perfume é o olíbano. Sua cor é a púrpura.

Sua carta no Tarô é a VIII, *A Força*, mostrando uma mulher coroada e enfeitada com flores que, calmamente e sem esforço aparente, fecha as mandíbulas de um leão.

Devido às correspondências da “Serpente” e do “Leão”, alguns especialistas supõem uma conotação fálica para Teth. A serpente e o leão são muito importantes no estudo da literatura alquímica. Na moderna teoria psicanalítica a serpente é reconhecida claramente como um símbolo do falo e também do conceito abstrato de Sabedoria.

’ – Y

YOD

Décima letra.

Caminho Nº Vinte, unindo Chesed a Tiphareth.

Valor Numérico: 10

Yod (’) é uma Mão, ou melhor dizendo, o Dedo Indicador da mão levantada, com todos os outros dedos fechados. Também é um símbolo fálico, representando o espermatozoide ou a essência volitiva secreta inconsciente (libido) e, em várias lendas, a juventude empreendendo suas aventuras depois de receber a Vara — ou ter alcançado a puberdade. As armas mágicas são a Vara — na qual o significado freudiano é claramente perceptível —, a Lamparina e a Hóstia Eucarística. O significado de a Mão de Deus ou a consciência Dhyan-Chohaníc, pondo em ação às forças mundanas, também pode ser lida nesta letra Yod.

A carta do Tarô é a IX, *O Ermitão*, que dá a ideia de um ancião Adepto, com um capuz e uma túnica negra, sustentando uma lamparina em sua mão direita e uma vara ou bastão na esquerda.

A concepção deste Caminho como um todo é de virgindade, seu signo astrológico é Virgem (♍). Por conseguinte, atribuímos a ela às solteiras Ísis e Nephthys, ambas virgens. O equivalente hindu são as crianças vaqueiras Gopi, ou as pastoras de Brindaban, que se tornam amantes com o amor de Shri Krishna. Narciso, o belo jovem inacessível à emoção do amor, e Adônis, que foi o jovem amado de Afrodite, são as outras correspondências. Balder, como o belo deus virgem que residia na mansão celestial chamada Breidablik, na qual nada sujo podia entrar, é, indubitavelmente, a atribuição nórdica.

Sua joia é o peridoto; suas flores são a campânula branca e o narciso, sugerindo pureza e inocência; e sua cor é o cinza.

𐌖 - K

KAPH

Décima primeira letra.

Caminho Nº 21, unindo Chesed a Netzach.

Valor Numérico: 20

Kaph (𐌖) significa “colher” ou “a palma de uma mão”, símbolos receptivos e, por conseguinte, femininos. É atribuída a Júpiter, e como ela conecta Chesed (a esfera de Júpiter [♃]) com Netzach, que é a esfera de Vênus (♀), o Caminho de Kaph compartilha do caráter magnânimo e generoso de Júpiter (♃) e a natureza amorosa de Vênus (♀). Voltam a repetir em um plano consideravelmente inferior, as atribuições de Júpiter, Zeus, Brahma e Indra já comentadas anteriormente. Plutão também é uma atribuição, já que é o dador cego da saúde, símbolo de prodigalidade infinita e abundante da natureza. Nas sagas nórdicas encontramos que é Njord que governa sobre os ventos e

tempestades e controla a fúria do mar e do fogo; é, além disso, o guardião da saúde e dá possessões àqueles que o invocam.

Kaph é denominada “A Inteligência Conciliadora”; suas joias são o lápis lazuli e a ametista; suas plantas são o hissopo e o carvalho; seu perfume é o açafraão e todos os perfumes magnânimos, e sua cor é o azul.

A carta do Tarô é a X, *A Roda da Fortuna*, que em alguns baralhos é uma roda de sete raios com uma figura de Anúbis em um lado sustentando um caduceu, e no outro um demônio com um tridente. No alto da circunferência está uma Esfinge sustentando uma espada. A roda representa o Ciclo Cármico de Samsara sempre em movimento, da existência depois da existência, em um momento elevando-nos como príncipes e reis da terra, e em outros arremessando-nos abaixo do nível dos escravos e do pó da terra. Sobre a roda, em cada um dos pontos cardeais, estão inscritas as letras TARO, e entre elas as quatro letras hebraicas do Tetragrammaton (יוד הוה ווה יוד). A cada um dos quatro lados da carta, sentada sobre uma nuvem, está uma das criaturas contempladas na Visão do Profeta Ezequiel.

Quando se suprime o dogish esta letra tem um som gutural, J (j como espanhol, ch como no inglês), semelhante à de Cheth. Tem uma forma final, ך, para usar no final das palavras, e seu valor numérico como tal é 500.

ל - L

LAMED

Décima segunda letra.

Caminho Nº 22, unindo Geburah a Tiphareth.

Valor Numérico: 30

A letra Lamed significa um Aguilhão de Boi ou um Chicote, e sugere tal tradução apenas pela sua forma. Seu signo astrológico é Libra (♎), a balança, é a sua atribuição mais importante e resume as características do Caminho.

A atribuição do Tarô é a XI, *A Justiça*, representada por uma mulher muito sombria, sentada entre dois pilares, sustentando uma espada em uma mão e umas balanças na outra. Seu título secundário no Tarô é “A Filha dos Senhores da Verdade” e “A Governante das Balanças”.

O deus grego é Themis, quem nos poemas homéricos, é a personificação da lei, a norma e a equidade abstrata, pelo que se descreve nas assembleias dos homens e convocando a Assembleia dos Deuses no Monte Olimpo. Seu deus egípcio corrobora com a ideia de justiça, pois é Maat, a deusa da verdade, que no *Livro dos Mortos* aparece na cena do juízo pesando o coração dos falecidos. Nêmeses também é uma correspondência, já que media a felicidade dos mortais e também a miséria; e aqui também está o conceito hindu de *Yama*, a personificação da morte e o inferno onde os homens tinham que expiar suas más ações.

A planta de Lamed é o aloés; seus animais são a aranha e o elefante; seu perfume é o gálbano e sua cor é o azul.

Seu título yetzirático é “A Inteligência Fiel”.

𐤌 – M

MEM

Décima terceira letra.

Caminho Nº 23, unindo Geburah a Hod.

Valor Numérico: 40

Mem é sua pronúncia, significando Água, e também lhe é dada o elemento água (∇). Em sua forma, alguns especialistas percebem as ondas do mar. Seus deuses são Tum, Ptah, Auromoth, combinando a ideia de Deus do Sol Poente, o Rei dos Deuses, e uma divindade puramente elemental. Poseidon e Netuno são novamente atribuídos, visto que representam a água e os mares.

Mem é chamada de “A Inteligência Estável”, e sua cor é o verde mar. O Cálice e o Vinho Sacramental (*soma*, o elixir da imortalidade) é seu instrumento mágico para o cerimonial. Os denominados Kerubs da Água são a Águia, a

Serpente e o Escorpião, representando o homem não redimido, sua força mágica e sua “salvação” final. Todas as plantas da água e o lótus são as correspondências adequadas. A água-marinha ou o Berilo é sua pedra preciosa, e a ônica e a mirra são os seus perfumes.

A atribuição do Tarô é a carta XII, *O Pendurado*, uma das cartas mais curiosas, representando um homem com uma túnica azul, pendurado de cabeça pra baixo (rodeado por um halo dourado) através de uma forca em forma de T em um pé, o outro está dobrado por trás do joelho, sugerindo uma cruz. Seus braços estão atados às suas costas, formando um triângulo, com a base invertida. É a Fórmula do Salvador, dando luz aos homens da Terra.

Mem tem uma forma final, $\beth$, valor 600.

⌋ – N

NUN

Décima quarta letra.

Caminho Nº 24, unindo Tiphareth a Netzach.

Valor Numérico: 50

Pronuncia-se Num, e significa um “Peixe”. As correspondências aparecem novamente para seguir a interpretação astrológica, que é o Escorpião (♏), o réptil que segundo a fábula se cravava o agulhão até morrer. Marte (♂) rege em Escorpião e seu deus grego é, por conseguinte, Marte; seu deus romano é Ares. Apep, o deus egípcio, uma serpente imensa, é atribuída aqui. Kundalini é a deusa hindu que representa a força criativa (libido), enrolada como uma serpente na base da coluna vertebral, no chamado lótus do chakra Muladhara.

Sua fórmula mágica é a Regeneração mediante a Putrefação. Os alquimistas antigos usavam principalmente esta fórmula. A primeira matéria comum de suas operações era básica, e tinha que passar através de vários estados de corrupções ou putrefação (ou mudança química, como se denomina

hoje) quando se chamava o dragão negro. Porém deste estado pútrido se derivava o ouro puro.

Outra aplicação da mesma fórmula aplica-se a este estado psicológico do qual todos os místicos falam, a Seca Espiritual ou “A Obscura Noite da Alma”, onde todos os poderes se mantêm temporalmente em suspenso, reunindo-se, na realidade, a força para assaltar e transformar-se na luz do Sol Espiritual. Seu animal sagrado é, portanto, o escaravelho, representando o deus egípcio Khephra, o deus escaravelho do Sol da Meia-Noite, simbolizando a Luz da Obscuridade. Durante o estado místico o qual nos referimos, toda a vida interior aparece da forma mais angustiante que se pode imaginar, para se dilacerada.

A atribuição do Tarô é a carta XIII, *A Morte*, que continua esta ideia, retratada por um esqueleto negro montado em um cavalo branco — recordando-nos de um dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse —, armado com uma gadanha, ceifando tudo e qualquer coisa com a qual ele tenha contato.

Seu título yetzirático é “A Inteligência Imaginativa” e a sua joia é o amonite; sua cor é o marrom de um escaravelho, seu perfume é o opópanax, sua planta é o cacto e todas as venenosas.

Esta letra também tem uma forma final, ך, cujo valor número é 700.

ד - S

SAMEKH

Décima quina letra do alfabeto.

Caminho N° 25, unindo Tiphareth a Yesod.

Valor Numérico: 60

Esta letra significa um “Apoio”. O Caminho é atribuído ao signo zodiacal de Sagitário (♐), a Flecha, e se denomina “A Inteligência Experimental”. Sagitário é essencialmente um signo de caça e Diana, como a Arqueira Celestial

e a deusa da caça, encontra-se seu lugar nesta categoria. Apolo e Artêmis como caçadores com o arco e a flecha estão também incluídos.

O símbolo de Sagitário é o Centauro, metade homem e metade animal, que está tradicionalmente relacionado com o disparo com arco e flecha; e o cavalo também é uma correspondência de Samekh. A planta apropriada é o junco, usado para fazer flechas; o perfume é o *lignum aloés* (*Aquilaria malaccensis*, conhecido também como pau-de-águila), e sua cor é o verde. O arco-íris também é uma correspondência de Samekh, e nesta relação está atribuído o deus Ares.

A atribuição do Tarô é a carta XVI, *A Temperança*, mostrando um anjo coroado com o sigilo dourado do Sol, vestido com belas roupas brancas, e sobre seu peito estão escritas as letras do Tetragrammaton (יהוה) sobre um quadrado branco, onde existe um triângulo dourado. Verte um líquido azul de um cálice dourado a outro.

Este Caminho vai de Yesod à Tiphareth, a esfera do Sol (☉). O Anjo do Tarô tipificaria o Sagrado Anjo Guardião, a quem o homem aspira. A ideia fundamental do signo astrológico, a flecha apontando ao céu, é a Aspiração, e o sigilo do Sol e o triângulo dourado sobre o coração do Anjo, tudo aponta ao objeto de aspiração, representando o Asar-Un-Nefer, o homem feito perfeito.

Difícilmente se pode duvidar sobre a exatidão dessas designações do Tarô.

Sua pedra é o jacinto que, na realidade, se refere ao belo rapaz Hyacinty, que foi assassinado acidentalmente com um arco por Apolo.

י – O

AYIN

Décima sexta letra.

Caminho Nº 26, unindo Tiphareth a Hod.

Valor Numérico: 70

Pronunciada como Ayin, com um ligeiro som nasal, significa um “Olho” — referindo-se ao Olho de Shiva, do que se dizia que tinha a glândula pineal atrofiada. Astrologicamente é Capricórnio (♑), a cabra montesa brincando acima e abaixo, de forma audaz, sem medo, permanecendo próxima dos cumes.

Seus símbolos, novamente, são Yoni e o Linga, e seus deuses são emblemas das forças criativas da natureza. Khem é o princípio criativo egípcio, quase sempre representado com a cabeça de uma cabra lasciva. Príapo é o deus grego, na medida em que era o deus da fecundidade sexual e a fertilidade. Pan, quando é representado como a cabra do rebanho “lascivo e descomedido, farrista e promíscuo” se atribui também aqui.

Baco, o jovial representante do poder reprodutor e embriagante da natureza, é outra correspondência. O cânhamo, do qual se deriva o haxixe, é uma atribuição devida a suas qualidades inebriantes e produtoras de êxtase.

Ayin representa a força espiritual criativa da divindade que se fizera abertamente manifesta em um homem, faria dele o Aegipan, o Todo. Este Caminho é um símbolo do Deus-Homem, veemente e exaltado, conscientemente conhecedor de sua Verdadeira Vontade e preparado para iniciar sua longa e enfadonha viagem de redenção do mundo.

A carta do Tarô é a XV, *O Diabo*, mostrando um sátiro com cabeça de bode e com asas, com um pentagrama na testa, apontando pra cima com sua mão direita, e segurando com a sua mão esquerda um tição chamejante apontando para baixo. Em seu trono estão atadas uma figura masculina e uma figura feminina desnudas, que têm os chifres de um bode.

A joia apropriada para o vigésimo sexto Caminho é o diamante negro; os animais são a cabra (bode) e o asno. Recorde-se que Jesus era descrito no Evangelho como alguém que entrava em Jerusalém sobre o lombo de um jumento; e se a memória não me falta, em algum lugar se faz referência a Dionísio também montando um asno. Seu título é “A Inteligência Renovadora”; seu perfume é o almíscar e sua cor é o preto.

פ - P

PEH

Letra 17.

Caminho Nº 27, unindo Netzach a Hod.

Valor Numérico: 80

O leitor notará que, por sua forma (פ), é similar a Kaph (כ), significando a palma da mão, com a adição de uma pequena língua de Yod (י). O significado de Peh (פ) é uma “Boca”. É o terceiro dos Caminhos Recíprocos.

Seu título yetzirático é “A Inteligência Ativa ou Excitante”. Sua atribuição astrológica é Marte (♂) e, portanto, este Caminho repete grande parte das atribuições da esfera de Geburah, embora em um plano menos espiritual. Hórus, o Senhor da Força, com cabeça de falcão; Mut, o deus da guerra dos egípcios; Ares e Marte dos gregos e romanos; Krishna, como o auriga na batalha de Kurukshetra, são as correspondências de outros panteões. Odin também foi descrito nos ritos nórdicos como um deus da guerra e mandava as Valquírias dar as boas-vindas aos heróis caídos às festivas moradas de Valhalla. Anderson, em sua *Mitologia Nórdica*, diz que as Valquírias “eram donzelas de Odin, e o deus da guerra mandava seus pensamentos e sua vontade à carnificina do campo de batalha em forma de mulheres armadas até os dentes, da mesma forma que mandava seus corvos por toda a terra”.

Seu metal é o ferro, seus animais são o urso e o lobo; suas joias, o rubi e qualquer outra pedra vermelha; suas plantas são a arruda, a pimenteira e o absinto; seus perfumes são a pimenta e todos os odores acres, e sua cor é a vermelha.

A carta do Tarô é a XVI, *A Torre*, a parte superior da qual tem forma de coroa. É chamada alternativamente de A Casa de Deus, e seu título secundário é “O Senhor das Hostes dos Poderosos”. A carta ilustra a torre que é golpeada por um vívido raio em ziguezague, que destruiu a parte de cima, e vermelhas línguas de fogo lambe as três janelas das quais duas figuras saltaram. Esta letra, junto com a Kaph, refere-se particularmente a uma fórmula mágica que é admiravelmente adequada ao grau do Adeptus Major.

Quando se suprime o dogish desta letra, se pronuncia como “Ph” ou “F”. Sua forma final é פ, com valor numérico 800.

פ – Ts

TZADDI

Letra 18.

Caminho Nº 28, unindo Netzach a Yesod.

Valor Numérico: 90

Tzaddi, um “Anzol”. Sua atribuição astrológica é Aquário (♒), o signo do portador da água. Esta ideia continua na carta do Tarô XVII, *A Estrela*, representando uma figura feminina desnuda, ajoelhada próxima de uma corrente d’água, vertendo água de dois jarros, sustentando um em cada mão. Sobre ela há sete estrelas de oito pontas rodeando uma estrela maior. O título secundário é “A Filha do Firmamento. Aquela que habita entre as Águas”.

Este Caminho é claramente feminino, unindo Vênus (♀) e a Lua (☾), ambas são influências femininas. Juno, a deusa grega que vela sobre o sexo feminino, e se considerava o Gênio da Feminilidade, é sua principal atribuição. Atena, como a patrona das artes úteis e elegantes (as artes são as características astrológicas dos nativos de Aquário) é uma correspondência, como também é Ganimedes, por causa de sua beleza quase feminina e porque era o copeiro. Ahepi e Aroueris são os equivalentes egípcios.

A planta de Tzaddi é a oliveira que, segundo a crença, Atena criou para a humanidade; seu animal é a águia, sobre a qual se conta que levou Ganimedes ao Olimpo; seu perfume é o gálbano e sua cor é o azul celeste. Seu título yetzirático é “A Inteligência Natural”. Sua joia é a calcedônia, sugerindo por sua aparência as nuvens suavemente aquosas e as estrelas.

Tzaddi tem uma forma final, פ, com um valor numérico de 900.

𐤒 - Q

QOPH

Décima nona letra.

Caminho Nº 29, unindo Netzach a Malkuth.

Valor Numérico: 100

Sua pronúncia é Qoph, significando a “Parte de Trás da Cabeça”. Seu título yetzirático é “A Inteligência Corpórea” e sua atribuição é Piscis (𐤒), o signo de Peixes.

Este Caminho é muito difícil de descrever, já que, indubitavelmente, se refere a algum aspecto do Plano Astral e é, também, um símbolo fálico; o peixe referindo-se ao espermatozoide nadando nos fundamentos de seu próprio ser. Sua atribuição hindu é Vishnu, como o Matsu ou Peixe Avatar. Netuno e Poseidon, na medida em que seu reino inclui o domínio onde mora o peixe, e Khephra, como o escaravelho ou caranguejo, são outras correspondências. Todos estes símbolos ocultam, ou se referem, a uma classe de Magia relacionada com a aplicação da fórmula do Tetragrammaton.

Jesus de Nazaré é, às vezes, denominado o Pescador, e os leitores recordarão os amuletos cristãos dos primeiros tempos, onde estava inscrita a palavra grega *Ichthus*, significando peixe, e fazendo referência à personalidade reconhecida como Filho de Deus pelas igrejas cristãs. O babilônio professor de sabedoria, Oannes, também era representado em forma fálica de peixe.

Sua criatura sagrada é o golfinho, sua cor é a camurça e sua joia é a pérola. A pérola se aplica a Peixes devido ao seu brilho nublado, contrastada com a transparência de outras joias, recordando assim o plano astral, com suas formas e visões semi-opacas, como oposto aos flashes de luz sem forma que se relaciona com os planos puramente espirituais.

A carta do Tarô é a XVIII, *A Lua*; descreve uma paisagem de meia-noite sobre a qual está brilhando a Lua. De pé, entre duas torres, há um chacal e um lobo, com os focinhos apontados para o ar e uivando à lua, e uma lagosta ou caranguejo se arrasta fora d'água sobre a terra seca.

ר - R

RESH

Vigésima letra.

Caminho Nº 30, unindo Hod a Yesod.

Valor Numérico: 200

Sua pronúncia é Resh e significa uma “Cabeça”. O Sol (☉) é atribuído a este Caminho e todos seus símbolos são claramente solares.

Ra, Hellos, Apolo e Surya são os deuses do disco solar. O amarelo é a cor que é dada a Resh; a canela e o olíbano são seus perfumes — claramente solares —; o leão e o gavião são seus animais. O ouro é o metal apropriado; o girassol, o heliotrópio e o louro são suas plantas. A crisólita é sua joia, sugerindo a cor dourada do Sol. Seu título é “A Inteligência Coletiva”.

A carta do Tarô é a XIX, *O Sol*. Parece extraordinariamente difícil crer que alguns escritores sobre a cabala atribuíam esta carta à letra Qoph (ק). A carta representa um sol chamejante sobre o Hórus Criança Coroado e Conquistador, que monta triunfalmente sobre um cavalo branco — o símbolo do Avatar Kalki. Ao fundo da carta tem vários girassóis que, novamente, indicam a atribuição solar da associação.

O *Sepher Yetzirah* chama Resh de “letra dupla”, porém tenho sido incapaz de descobrir qualquer outro som além do “R” para esta letra, nenhum outro reconhecido pelos gramáticos hebreus modernos. Talvez a forma francesa do “R” — pronunciado com um nítido prolongamento — seja o som em questão.

ש - Sh

SHIN

Letra 21.

Caminho Nº 31, unindo Hod a Malkuth.

Valor Numérico: 300

Shin significa um “Dente”, provavelmente fazendo referência ao molar de três pontas. Esta letra leva um dogish e quando este se encontra no lado esquerdo: Shin (𐤱) se pronuncia como um “S”.

O fogo (△) é seu elemento yetzirático (em hebraico Esh — 𐤅𐤱 — é fogo, o “sh” majoritariamente proeminente na pronúncia) e é simbolizado por esta letra sibilante (𐤱), porque uma característica do fogo é o seu som sibilante, e o equivalente hebraico para uma “consoante sibilante” é uma palavra que também significa “sibilante”.

A implicação deste Caminho é a do Espírito Santo descendo em línguas de fogo — recordando um dos Apóstolos de Jesus em Pentecostes — e todas as suas atribuições são ardentes. Agni é o deus hindu de Tejas, o tattwa ou elemento do fogo. Hades é o deus grego do inferno chamejante, como também o são Vulcano e Plutão. Seus deuses egípcios mostram divindades elementais ardentes: Thoum-aesh-neith, Kabeshunt e Tarpesheth.

Suas plantas são a papoula vermelha e o hibisco. Conhecendo as atribuições anteriores se compreende e se sente o grito lastimoso do poeta: “Coroa-me com a papoula e o hibisco”. A joia deste Caminho é a opala de fogo e seus perfumes são o olíbano e todos os perfumes ardentes. O título dado pelo *Sepher Yetzirah* é “A Inteligência Perpétua”.

A correspondência do Tarô é a carta XX, *O Juízo Final*, mostrando o Anjo Guardião tocando uma trombeta e levando uma faixa, na qual há uma cruz vermelha. Os mortos abrem suas tumbas e se colocam de pé, olhando pra cima, dirigindo seus braços em rogo ao Anjo.

𐤱 – T

TAU

Letra 22.

Caminho Nº 32, unindo Yesod a Malkuth.

Valor Numérico: 400

Esta letra significa uma “Cruz” em forma de T. Quando não leva um dogish é pronunciada como um “th” (o som de “th” em inglês, ou “S”).

Este Caminho representa:

a) os sentimentos mais baixos do Plano Astral, ao qual se atribui Saturno (♄) como o grande astro maléfico;

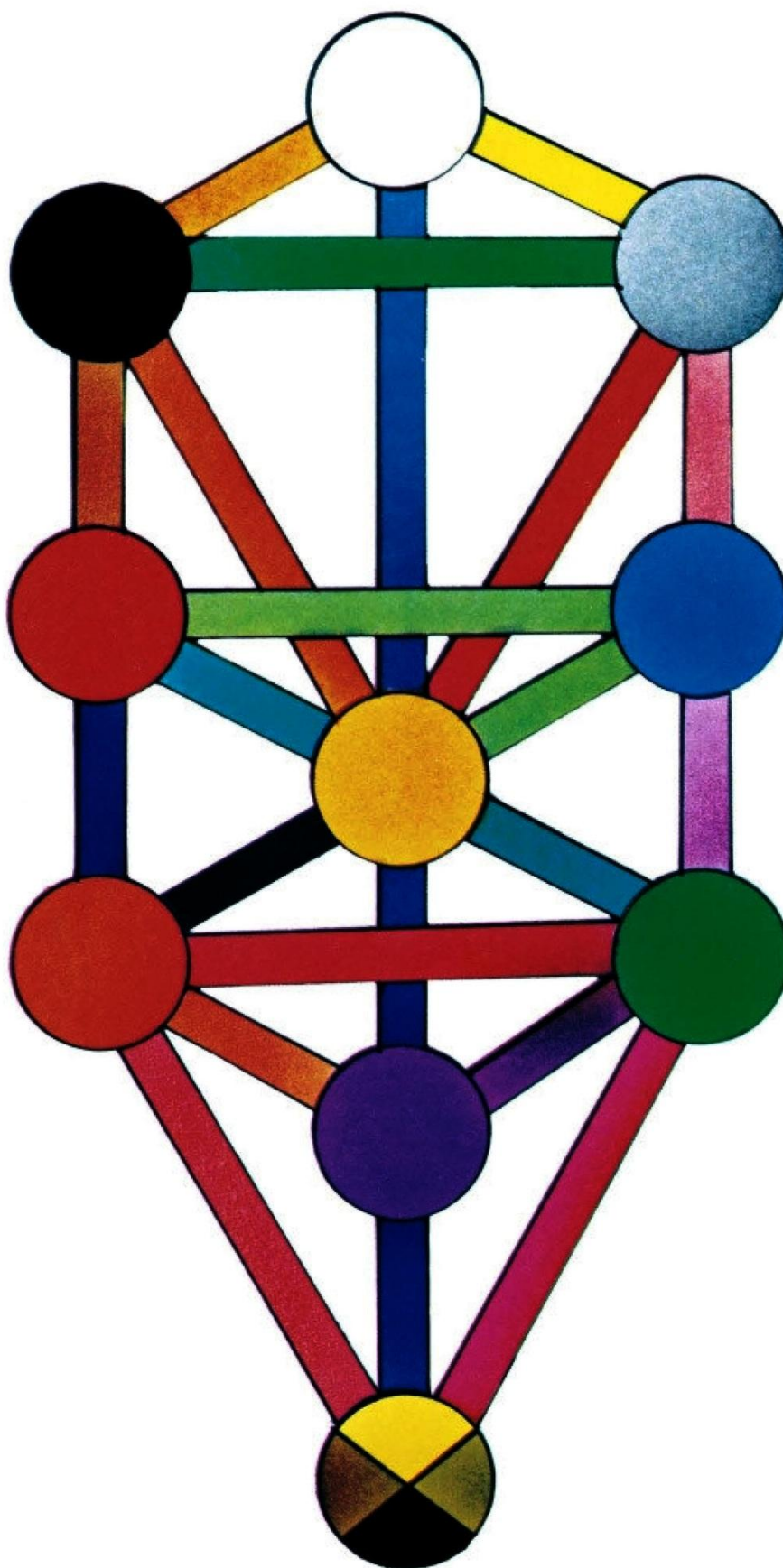
b) o Universo *in toto*, representado por Brahma e Pan, como a soma total de todas as inteligências existentes.

Na última categoria é Gaea ou Gé, a personificação da Terra. Temos também o Vidar nórdico, cujo nome indica que se trata da natureza imperecível do mundo, assemelhando à imensidão dos bosques indestrutíveis, e como o grego Pan, é o representante dos arvoredos silenciosos, secretos e idílicos. Anderson, novamente, diz que Vidar é a natureza eterna, selvagem e original, o deus da matéria imperecível. Saturno, um deus italiano antigo, é uma deidade terrena também; ensinou aos agricultores, suprimiu a selvageria e lhe introduziu a civilização.

Em relação com ele, entretanto, temos Sebek, o deus crocodilo, significando a matéria mais bruta; e correspondências como a assafétida e todos os perfumes malévolos, e o Tamogunam hindu, a qualidade da preguiça e da inércia.

Sua cor é o preto, suas plantas são o freixo e a erva-moura, e seu título yetzirático é “A Inteligência Administrativa”.

A carta do Tarô é a XX, *O Mundo*, mostrando uma figura feminina dentro de uma grinalda de flores, que é reconhecido como a Virgem do Mundo, dando a este Caminho um significado extra, já que descende sobre Malkuth, à que o *Zohar* associa a He final (𐤠), a Filha, que é um reflexo abaixo do Shechinah de cima. Nos quatro cantos da carta estão os quatro animais querúbicos do Apocalipse: o homem, a águia, o touro e o leão.



A Árvore da Vida Cabalística

CAPÍTULO 5

ADAM KADMON

(O HOMEM CELESTIAL)

Os cabalistas consideram as dez sephiroth e os Caminhos como uma unidade indivisível, para formar aquilo que se denomina *Adam Kadmon*, ou o Homem Celestial. Podemos supor que as sephiroth são os princípios cósmicos operativos no macrocosmo — universais, e correspondentemente, então, ao “Assim acima como é abaixo” —, elas têm seus reflexos no homem como características. Neste capítulo tentaremos correlacionar as sephiroth com os princípios que existem no homem e nos esforçaremos em traçar as correspondências e os paralelismos entre os diversos sistemas da psicologia mística. Se o estudante recordar perfeitamente algumas das importantes atribuições dadas nos capítulos anteriores terá muito poucas dificuldades para compreender o que se segue.

O que é o homem? É simplesmente pele, carne, ossos e veias?

Não! Aquilo que constitui o verdadeiro homem é a Alma; e aquilo que se chama pele, carne, ossos e veias, tudo isto é simplesmente um véu — uma cobertura exterior, porém não do Homem em si mesmo. Quando o homem se põe em marcha, se despoja de todas essas vestimentas com as quais estava vestido. E são todos estes ossos e tendões e as diferentes partes do corpo estão formadas nos segredos da Sabedoria Divina, atrás da Imagem Celestial. A pele tipifica os céus que são infinitos em extensão, cobrindo todas as coisas como uma vestimenta... Os ossos e as veias simbolizam o carro divino, os poderes internos do Homem. Porém estas são as vestimentas exteriores, pois na parte interior está o profundo mistério do Homem Celestial (Zohar).

Esta citação do *Sepher haZohar* é a base sobre a qual se construiu um sistema coerente de psicologia ou pneumatologia, que pode parecer realmente muito estranho àqueles que não estejam familiarizados com as ideias gerais sustentadas pelo misticismo. Porém a ideia de um homem interno que usa uma mente e um corpo como instrumentos para a obtenção de experiência e, dessa forma, autoconsciência, é inerente a cada sistema místico que viu a luz do sol. As classificações da natureza do homem usada pelas diversas escolas de misticismo estão tabuladas no esquema adjunto, usando as dez sephiroth como a base para a comparação (figura 8, página 103)

Em suas análises do homem, os cabalistas encontraram que, de mãos dadas com o corpo físico, o homem teria uma consciência-desejo automática, ou formadora de hábitos, que lhe dava ímpeto e vontade em certas condições. Cuidava-se das funções de seu organismo, ao qual raramente se prestava atenção consciente, tais como a circulação do sangue, o pulsar do coração e os movimentos involuntários do diafragma que produzem a inspiração e expiração da respiração. Eles também notaram a faculdade da razão e da crítica, o poder pelo qual um homem vai desde as premissas à conclusão. E acima e além disto estava a entidade espiritual que usava este corpo, que utilizava este desejo e esta consciência racional.

Também deveria estar bastante claro para a análise ordinária, que no homem aparece estas três “vidas” distintas. Para explicar o parágrafo anterior em uma forma ligeiramente diferente, podemos dizer que há a vida do corpo, com sua multidão de desejos e instintos e com toda a maravilhosa maquinaria do corpo em funcionamento. Alguns cabalistas denominaram este aspecto do homem como *Nephesch*, a alma animal — não redimida. Depois está sua personalidade — o *Ruach*, um “EU” constantemente mutável e inquieto, que conhecemos e pelo qual somos conscientes de nós mesmos. Finalmente, uma consciência superior, transcendendo a todas estas e abrangendo-as ao mesmo tempo, é o *Neschamah*, o Ego Verdadeiro.

A *Nephesch* foi parcialmente investigada por Freud, Adler e Jung, e além de todas as teorias, seus fatos observados concordam com a tradição cabalística. O *Ruach* tem merecido a atenção dos filósofos e o *Neschamah* parece ter sido tristemente esquecido.

Figura 7

	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX
	ÁRVORE DA VIDA	ASTROLOGIA	TEOSOFIA	VEDANTA	RAJA YOGA	HATHA YOGA	EGÍPCIOS	RABBI AZARIEL (REVISADO)	INGLÊS DA COLUNA VIII
1	Kether	Netuno (♆)	Atma	Atma	Atma	Chakra Sahasrara	Khabs	Yechidah	O Ponto, ou Mônada
2	Chokmah	Urano (♅)	Buddi	Ananda-maykosa	Karano-padhi	Chakra Ajna	Khu	Chiah	O Self Criativo
3	Binah	Saturno (♄)	Manas Superior	Vijnana-maykosa	Suksh-mopadhi	Chakra Visuddhi	Ab	Neschamah	O Self Intuitivo
4	Chesed	Júpiter (♃)	Manas	Mano-maykosa		Chakra Anahata	Sekhem	Ruach	O Intelecto
5	Geburah	Marte (♂)							
6	Tiphareth	Sol (☉)				Prana-mayakosa	Sthulo-padhi		
7	Netzach	Vênus (♀)	Khat	Nephesh	Subconsciência ou Consciência Automática				
8	Hod	Mercurio (☿)						Corpo Físico	
9	Yesod	Lua (☾)							
10	Malkuth	Terra (♁ ♁ ♁ ♁)							

A divisão anterior se chama a tríplice classificação do homem e é semelhante ao conceito cristão ortodoxo do Corpo, Alma e Espírito. Nesta relação se poderia acrescentar, todavia, outro princípio postulado pela cabala: o Neschamah desta classificação corresponderia ao conceito hindu de *Jevatma*, a alma ou o si mesmo condicionado. Nesta mesma filosofia teremos o conceito de *Paramatma*, o Eu Superior (Self Supremo), tendo um paralelismo no texto zohárico chamado *Zureh*, um protótipo celestial, espiritual e perfeito que nunca abandona sua morada no *Olam Atsiluth* (veja o capítulo sete). Os zoharistas concebem o *Zureh* relacionado de alguma forma com o Neschamah por laços espirituais e magnéticos. Isaac Myers tem umas referências muito interessantes que faz a este respeito. Diz que por devoção, a vontade mágica elevará a Neschamah até seu *Zureh*, unindo-se então. “A alma superior prototípica se excita e, por influência mística, se encadeia entre si.” Esta ideia cai dentro do misticismo da cabala, onde a doutrina do êxtase desempenha um papel determinante e pertence, portanto, a um capítulo posterior.



Os cabalistas têm outra maneira de olhar a constituição do homem — desta vez sob um ponto de vista mais prático. Está baseado naquilo que se chama a fórmula do Tetragrammaton, que consiste em atribuir as quatro letras YHVH (יהוה) às diversas partes do homem.

A primeira sephirah, Kether, a Coroa, não costuma incluir-se neste método particular; ou, quando o está, se chama simplesmente Deus, ou o objetivo da vida na qual um homem aspira unir-se.

Yod (י) se atribui a Chokmah e é denominado o Pai. Nos sistemas hindus corresponderia ao *Atma*, o Si mesmo. A Mãe é Binah, o Shechinah Celestial, e a primeira He (ה) é sua letra. O Envoltório Causal deveria ter o equivalente da ioga. A seguinte é o Filho, que está em Tiphareth, mas na realidade o agregado hexagonal de seis sephiroth tem sua base ou centro em Tiphareth. A letra do Filho é Vau (ו) — correspondendo ao conceito geral ao *Sukshmopadhi*, ou o Corpo Sutil. Agora, Malkuth, o Reino, é denominada a Virgem Não Redimida, e é a *Nephesh*, a alma animal do Homem, ou o *Sthulopadhi*. É a letra He final (ה).

O Filho é o *Augoeides*, Aquele que Brilha com Luz Própria, a Alma Espiritual do Homem. Também é, de acordo com outro sistema, o Sagrado Anjo Guardião; e o objetivo desta classificação particular é que a Virgem não redimida, a “Nephesch”, deve desposar o Noivo Celeste, o Filho do Pai de Tudo, que está em Tiphareth. Este processo se denomina o êxito do Conhecimento e a Conversação com o Sagrado Anjo Guardião. É a boda alquímica, as núpcias místicas da Noiva e o Noivo Celestiais.

Esta união faz da Virgem uma mulher grávida (*Aimah*, que é Binah), e finalmente a ela se une o Pai — e ambos, por esta razão, são absorvidos pela Coroa. Esta aparente obscuridade pode classificar-se de forma considerável: a He final é a Nephesch ou subconsciência. Normalmente a mente consciente de um, Vau ou o Filho, está em terrível conflito com o si mesmo subconsciente, e o resultado é a confusão e desorganização de toda a consciência. O primeiro objetivo de uma pessoa deve ser reconciliar o ego consciente com a mente subconsciente e situar o fator de equilíbrio entre os dois. Esta ideia é elaborada por Jung em seu comentário *O Segredo da Flor de Ouro*, de R. Wilhelm.

Quando esta fonte corrente de conflito desaparece ou, como este velho simbolismo diz, quando Vau (ו) e He final (ה) se casam, um está em posição de obter o Entendimento, que é Binah, a primeira He (ה), e a Mãe. Desde o Entendimento que é Amor, pode surgir a Sabedoria. A Sabedoria é Yod (י), o Pai, Chokmah. Com a união em um mesmo de Sabedoria e Entendimento, pode adivinhar-se o propósito da vida e também o objetivo previsto ao final da mesma, e os passos que conduzem à consumação da União Divina podem se estabelecer sem perigo, sem medo e sem os conflitos ordinários da personalidade.

Posso acrescentar, só de passagem, que uma fórmula mágica muito influente se deriva desta classificação.



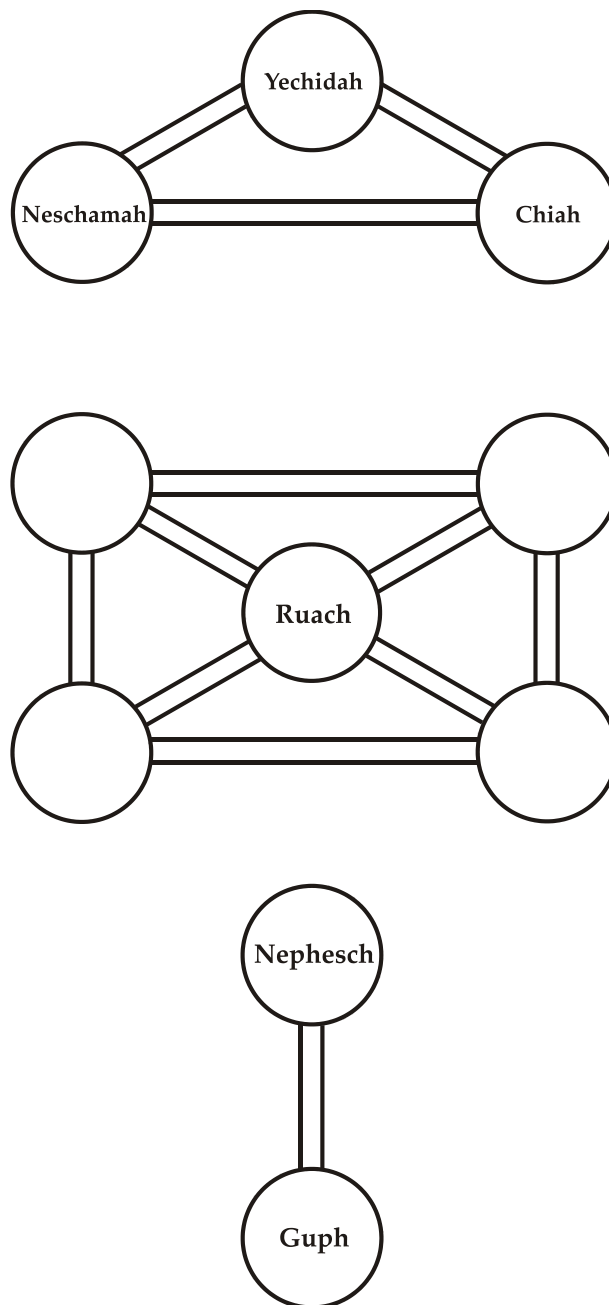


Figura 9: A Constituição do Homem

Existe outra classificação, um pouco mais filosófica, que muitos preferem. Deriva, essencialmente, de *O Comentário as Dez sephiroth*, escrito em hebraico pelo rabino Azariel ben Menaham, já mencionado. Distinguiu-se como filósofo, cabalista e Talmudeista e foi aluno de Isaac o Cego, o fundador da Escola Cabalística de Gerona. Seu comentário, antes mencionado, está escrito de forma notavelmente lúcida e acadêmica, e a classificação é extremamente satisfatória.

Sua classificação fazia do homem uma entidade que possuía seis aspectos diferentes. Não se deve acreditar grosseiramente que o rabino Azariel supunha que estas seis divisões do homem podiam ser separadas e qualquer uma delas ser afastada. As seis divisões são apenas aspectos de “uma” entidade cuja natureza é a consciência. O Homem, como um todo, compreendendo suas diversas funções e poderes e as sephiroth formam uma Unidade Integral.

Rabino Azariel caracterizou a Tríade de sephiroth das Supremas como o denominado Homem Imortal. Kether é a Mônada, o centro não ampliado e indivisível de força espiritual e consciência — o “Yechidah”, que se traduz por “o Único”, ou o Si Mesmo Real, que é o Peregrino Espiritual Eterno, que se encarna de vez em quando “para disfrutar entre os vivos” (veja figura na página 106). É o ponto quintessencial de consciência, fazendo o homem idêntico a qualquer outra faísca de divindade e, ao mesmo tempo, diferente em relação ao seu ponto de vista individual. Alguns lhe chamam de Khabs ou a Estrela, do qual foi escrito: “Adora, portanto, o Khabs e contempla sua luz derramada sobre ti.” É o Atma dos hindus, a Superalma Universal, ou Si Mesmo no coração de cada ser, a Eterna Fonte de Vida, Luz, Amor e Liberdade.

Nesta série particular de correspondências, a Kether se atribui o planeta Netuno, que é o vice-regente, por dizê-lo de alguma maneira, da Noite, a personificação do Espaço Infinito. Está, dessa forma, remoto, só, perdido em sonhos, cochilos, aspirações e santidade, — suspenso sobre as coisas cósmicas — longe e além das coisas insignificantes da Terra. Também se atribui aqui o mais alto dos chakras, o *Sahasrara*, que no sábio iluminado se compara a um belo lótus de mil e uma pétalas.

Na descida até a manifestação e a matéria, o Yechidah adiciona a si mesmo um veículo criativo de uma natureza ideal, a *Chiah*, que é a Vontade ou impulso criativo do Ponto de Vista Original. Seu título teosófico é *Buddhi*, o veículo espiritual direto de Atma. O termo vedanta é *Anandamayakosa*, o Envoltório de Bênção, e no Raja Yoga é *Karanopadhi*, ou o instrumento ou veículo causal. Seu chakra ou centro nervoso astral é o *Ajna*, de duas pétalas, situado no cérebro, perto da glândula pineal, que alguns ocultistas afirmam ser um Terceiro Olho atrofiado, o órgão físico de clarividência espiritual verdadeira ou intuição. Seu planeta é Urano, simbolizando o altruísmo e o poder mágico do homem, capaz de maldades sem nome, o mesmo que de bondades, porém vital e necessário ao seu ser; além disso, está capacitado para a redenção, e quando está redimido constitui o maior poder para o bem possível.

O terceiro aspecto da entidade imortal é a “Neschamah” ou Intuição, a faculdade para a compreensão da Vontade da Mônada. Em teosofia este é o Supremo ou *Buddi-Manas*, que juntamente com o *Atma-Buddi* é o deus de alta e nobre categoria que se encarna nas formas grosseiras das raças primitivas da humanidade para dotá-los de mente. Os *Manasaputras* têm ambas as relações, as de Mercúrio e as do Sol. Os vedantistas chamam este princípio de *Vijnanamayakosa*, o Envoltório de Conhecimento; e seu chakra correspondente na ioga é o *Visuddi*, que se supõe localizado no corpo sutil, na coluna vertebral, em um ponto localizado na laringe.

Esta Trindade da Mônada espiritual original, seu veículo criativo e a intuição, formam uma Unidade Integral sintética que, filosoficamente falando, pode denominar-se o Ego Transcendental. É uma Unidade em uma única forma, e seus atributos se resumem nas três hipóteses hindus, mais reais talvez nas sephiroth, que as partes do homem de *Sat, Chit, Ananda*; o Ser Absoluto, a Sabedoria e a Bem-aventurança.

“Mais abaixo” do homem real existe essa parte dele que é perecedora — denominada o si mesmo inferior. “Mais abaixo” e “inferior” se usam claramente em um sentido metafísico, o leitor não deve imaginar que as partes do homem enumeradas aqui estão sobrepostas umas com as outras como, por exemplo, as capas de uma cebola. Todas estão interpretadas entre si, e ocupam a mesma posição pelo qual se refere ao espaço exterior. O aforismo de Madame Blavatsky referido aos quatro mundos encaixa aqui perfeitamente; estes diversos princípios estão em coadunação, porém não consubstancialidade.

As sephiroth superiores podem ser consideradas como reais e ideais, e as sete inferiores como atuais, e o espaço em branco, entre o conceito mental de *ideal* e *atual*, pode considerar-se que corresponde ao Abismo, onde todas as coisas existem em potencialidade — porém sem significado em si mesmas. O Abismo é a fonte de todas as impressões e o armazém, por assim dizer, dos fenômenos.

Mais abaixo do Abismo está o *Ruach*, o Intelecto, essa parte da consciência individualizada de uma pessoa que se torna consciente das coisas, as deseja e intenta consegui-las. É uma “máquina” criada, desenvolvida ou inventada pelo Si Mesmo para investigar a natureza do Universo. É essa parte de um mesmo que consiste em sensações, percepções e pensamentos, emoções e desejos. Blavatsky chama este princípio de *Manas*, ou melhor dizendo, Manas inferior — esse aspecto do Manas “mais próximo” à natureza cármica —, e no Vedanta se

conhece como o *Manomayasoka* ou o Envoltório Mental; o Raja Yoga inclui nele várias das características da *Nephesch*, chamando-lhe de *Sukshmopadhi* ou corpo sutil. Seu chakra astral é o *Anahata*, que está no coração físico, ou próximo dele.

O *Ruach* compreende a quarta, quinta, sexta, sétima e oitava sephiroth, cujas atribuições são, respectivamente, Memória, Vontade, Imaginação, Desejo e Razão. (Veja a figura 10, página 109.)

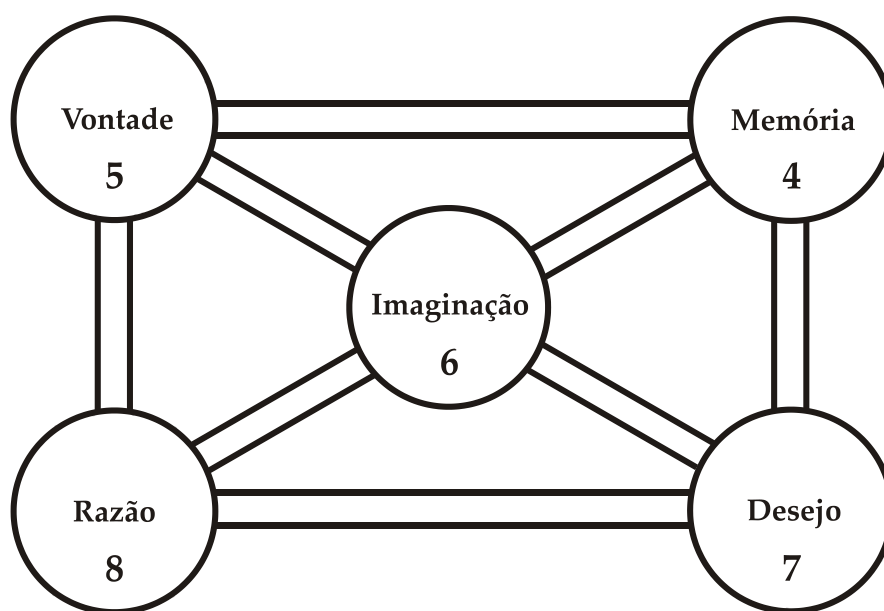


Figura 10: As Faculdades do Ruach

A Memória é a matéria da mesma consciência. É, para usar uma metáfora, o almofariz da arquitetura da mente, essa faculdade integrante que combina todas as diversas sensações e impressões.

A Vontade é um princípio incolor movido pelo desejo, e incomparável ao mesmo. É o poder do Si Mesmo Espiritual em ação. Na vida ordinária não é, como deveria ser, o servente do homem, mas aquele que o governa com uma barra de ferro, obrigando-o a essas coisas das que ele tenta fugir.

A Imaginação é uma faculdade muito mal compreendida, a maioria das pessoas pensa nela com uma fantasia completa, usada enquanto se sonha desperto. Na realidade, entretanto, é a faculdade rainha, pois com a Vontade ela é o importantíssimo princípio usado nas operações de Magia ou Cabala Prática.

A Emoção ou o princípio teosófico de *kama* (o “*id*” de Sigmund Freud) é esse elemento de desejo ou emoção que pode ser totalmente dominado pela Nephesh, ou controlado pelo Neschamah.

Já consideramos a faculdade de raciocinar que tem o “Ruach” em um capítulo anterior — “O Fosso”. Em seu *Oceano de Teosofia*, William Quan Judge, um dos antigos fundadores da Sociedade Teosófica e um cooperador de Madame Blavatsky, escreveu que essa razão e a fria faculdade lógica não é senão o aspecto mais inferior de Manas. E isto é óbvio se tomarmos como ponto de referência a Árvore da Vida. A Razão é unicamente a oitava sephirah. As partes superiores do Ruach são uma Imaginação que quando se espiritualiza, junto com a Vontade, se convertem nessas duas faculdades de suprema importância para a Magia, como já foi dito antes. Porém são, todavia, Ruach.

Seus equivalentes espirituais são Chokmah e Binah, Sabedoria e Entendimento; o *Chaiah* e Neschamah, o Self Verdadeiro Criativo e o Self Intuitivo. A assunção de que o Ruach é o aspecto inferior do Pensador se viu corroborada pela história da filosofia. Para a análise da essência do intelecto se mostra tão inacessível como o é a natureza dos corpos externos, e alguns filósofos observando este fato e a experiência de que a mente não era senão uma sequência de estados de consciência e uma aparição associada de várias relações, consideraram que a existência da Alma não estava provada — confundindo a ideia de uma Alma com o instrumento que a mente usa. Hume e Kant demonstraram sua inerente natureza autocontraditória, porém o primeiro não percebeu um princípio integrante permanente que atua mediante as impressões.

Por conseguinte, argumentou — com seu Ruach, que é incompetente para discutir sobre tal ponto, já que sua natureza é autocontraditória, que a Alma, não sendo uma impressão ou uma sensação, nem uma entidade à que se possa observar, tendo-a ali para a análise quando se faz uma introspecção, não existia; esquecendo todo o tempo, ou não consciente do fato, o que é a Alma, ou como diriam os cabalistas, o Homem Verdadeiro por cima do Abismo, que está fazendo a introspecção e examinando os conteúdos de seu próprio Ruach.

O Ruach é o ego falso ou empírico. É essa parte de nós que se chama “EU” e é justamente esse princípio que não é “EU”. Seus modos mudam com o passar dos anos. Mais ainda, seus conteúdos nunca são os mesmos de um momento a outro. A destruição do atrativo cativo que o Ruach exerce sobre nós, permitindo dessa forma que a luz do Neschamah e os princípios mais elevados

brilhem para iluminar nossas mentes e nossas vidas cotidianas, é uma das mais importantes tarefas do misticismo. De fato, a abnegação deste falso ego (*bitol hoyesh*) é o êxito essencial de todo o desenvolvimento espiritual.

Alguns cabalistas postulam uma sephirah chamada *Daath* ou “Conhecimento”, que é o filho de Binah e Chokmah, ou uma sublimação do Ruach, que se supõe aparecer no Abismo no curso da evolução do homem como a faculdade desenvolvida. Contudo se trata de uma falsa sephirah, e o *Sepher Yetzirah*, antecipando-se, nos avisa o mais enfaticamente possível que: “Dez são as inefáveis sephiroth. Dez e não nove. Dez e não onze. Compreende com Sabedoria e entenda com cuidado.” É uma sephirah não existente porque, por alguma razão, quando se examina o Conhecimento, vemos que contém a si mesmo — como a progênie de Ruach — o mesmo elemento de autocontradição, e estando situada no Abismo, dispersão e, portanto, autodestruição. É falsa porque, tão logo como o conhecimento se analisa de forma crítica e lógica, se desfaz na poeira e na areia do Abismo.

A unidade das diversas faculdades mencionadas, contudo, constitui o Ruach, que é denominada a Alma Humana.

O seguinte princípio é a Nephesch, a parte densa do espírito, o elemento vital que está *en rapport* com *Guph*, o corpo e a origem de todos os instintos e desejos da vida física. É a parte animal da alma, esse elemento dela que se põe, a maioria das vezes, em contato com as forças materiais do universo real exterior.

A Nephesch é, na realidade, um princípio dual; seus dois aspectos consistem em:

a) o que os hindus chamam de *Prana*, o elemento elétrico, dinâmico e vivificante que é a vida;

b) o Corpo Astral (*Tselem*). Estão considerados em dois, na cabala, com o título de Nephesch, porque a ação do prana é desconhecida e impossível sem o meio do corpo astral. Há uma parte no *Zohar* que se refere às vestimentas com as quais a Alma ou o Incorpóreo se vestem, e fala do corpo astral em termos muito peculiares:

Uma túnica exterior que existe e não existe; é vista e não vista. Com essa túnica a Nephesch se veste e viaja, de um lado a outro do mundo.

Em outro lugar há postulados inequívocos do corpo astral:

No livro do Rei Salomão encontra-se: Que no momento da realização da visão inferior, o Sagrado, bendito seja, envia um “deyooknah”, um fantasma ou sombra fantasmal como a cópia de um homem. Está desenhado à Imagem Divina (tselem)... e nesse tselem se cria o filho do homem... neste tselem se desenvolve, cresce, e neste tselem, novamente, abandona esta vida.

O postulado do Corpo Astral aumenta com a consideração de que no corpo físico encontramos um “algo” além de matéria; algo mutante, é verdade, porém indubitavelmente a mesma coisa desde o nascimento até a morte.

A Nephesh está em Yesod, a Lua (☾), a base cujo atributo é a Estabilidade na Mudança. Este “algo” ao qual nos referimos é a Nephesh, sobre a qual o corpo físico é moldado, pois a cabala considera o corpo transitório e em uma condição de fluxo perpétuo. Não é nunca o mesmo de um momento a outro, e dentro de um período de sete anos terá uma série de partículas completamente novas. Porém, apesar desta constante liberação de átomos, etc., existe algo que persiste desde o nascimento até a morte, mudando um pouco seu aspecto, porém permanecendo o mesmo, dando ao corpo uma aparência mais ou menos consistente durante toda a sua vida.

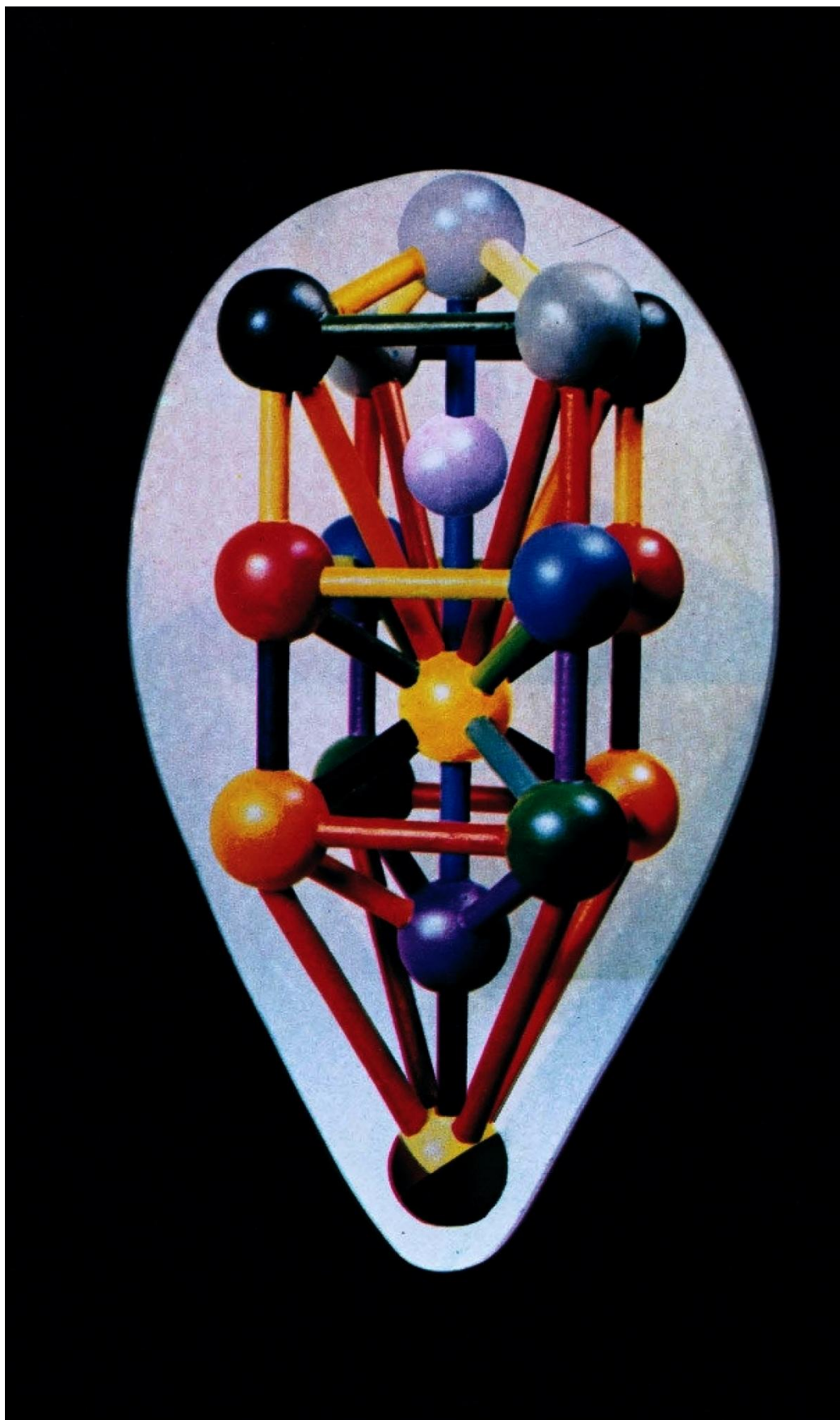
Este duplo astral ou Corpo de Luz, como também é chamado, também está composto de matéria em um estado totalmente diferente daquela do corpo físico; é sutil, magnética e elétrica. A Nephesh forma um vínculo entre o corpo e o Ruach, e se tentarmos desenhar em nossas mentes a imagem de um homem desde o seu nascimento até a sua morte, incorporando à imagem todos os traços e peculiaridade da infância, maturidade e senilidade, tudo ampliado no tempo, esse conceito expressará a ideia de um corpo astral, ou o *Pranamayakosa* do vedanta.

O princípio de *Guph*, o corpo físico, é atribuído a Malkuth, o Reino, a esfera dos quatro elementos, e é demasiado conhecido para necessitar de mais comentários ou descrições. Somente acrescentarei que a influência predominante da alma sobre o corpo, sendo o corpo interpenetrado e transbordante em todas as suas partes pelo Homem Real, e dependendo dele como a fonte de sua vida, são as implicações das ideias do *Zohar* sobre a alma. O *Sepher Yetzirah* faz um grupo elaborado de atribuições da Árvore apresentando as diversas funções físicas do homem, porém estas não são de muita importância para o nosso propósito presente.

Tenho me absterido de discutir aqui os diversos problemas e doutrinas da chamada Cabala Doutrinal, como a Evolução do Universo e do Homem, a

Reencarnação, a Causalidade aplicada à Retribuição, porque, havendo postulado originalmente a incapacidade do Ruach para tratar adequadamente tais problemas, não seria útil dedicar-se a uma exposição destes pontos. Particularmente seria assim, tendo em conta os conceitos zoháricos e pós-zoháricos de *Gilgolem*, a Reencarnação.

Grande quantidade de pensamento solto e de assunção injustificada caracteriza a literatura cabalística no que se refere a este aspecto da doutrina esotérica, e opino que, apenas mediante um conhecimento profundo e bem assimilado de filosofias comparativas e ensinamentos esotéricos, se pode conseguir qualquer significado ou satisfação intelectual de, por exemplo, *Gilgolem*, do rabino Isaac Luria. Em qualquer caso, esta doutrina e as outras já mencionadas somente podem ser resolvidas e compreendidas por uma pessoa que chegou a uma compreensão de sua Verdadeira Vontade, conhecendo-se a si mesmo e sabendo que é uma Entidade Imortal, uma Estrela que persegue seu livre caminho através dos céus infinitos desde uma eternidade a outra, não simplesmente de forma racional, senão como resultado do *esh ho Ruach*, a experiência intuitiva e espiritual.



A Árvore da Vida em uma Esfera

CAPÍTULO 6

A CABALA LITERAL

Dando nos três capítulos anteriores uma breve descrição do alfabeto filosófico utilizado pelos cabalistas, uma série de correspondências, incorporando uma comparação de temas extremamente distintos tem sido sistematicamente situada na categoria de cada letra desse alfabeto, fazendo o estudo e a memorização muito mais simples do que poderia ter sido o caso. É essencial enfatizar novamente o fato de que se obterá muito pouco proveito se estas atribuições não forem memorizadas, ao menos parcialmente, e adicionar novas correspondências do armazém particular de conhecimentos que cada estudante tem a sua disposição. A Árvore deve crescer na mente de cada um para que, embora suas raízes estejam firmemente implantadas na terra de seu corpo, seus galhos mais altos se elevem e balancem suavemente, levados pelas fracas brisas sephiróticas dos reinos espirituais.

A seguir serão apresentados alguns métodos de aplicações das ideias cabalísticas. O leitor deve recordar que cada letra está atribuída a um número, um símbolo e uma carta do Tarô. Os rabinos, que originalmente trabalharam na cabala, descobriram tantas coisas de interesse e importância atrás do valor meramente superficial dos números e das palavras, que incorporavam e representavam a estes mesmos que, pouco a pouco, desenvolveram uma elaborada ciência de conceitos numéricos totalmente a parte das matemáticas como tais. Idealizaram vários métodos de interpretação numérica para descobrir, antes de tudo, o significado de suas escrituras.

GEMATRIA

O primeiro método é denominado de Gematria, derivada de uma raiz grega que dá a entender o sentido dos números representados por letras. Gematria, por conseguinte, é a arte de descobrir o significado oculto de uma palavra mediante os equivalentes numéricos de cada letra. Seu método de procedimento depende do fato de que cada letra hebraica tem seu valor numérico definido e pode, na realidade, ser usado em lugar de um número. Quando o total dos números de letras de qualquer palavra for idêntico ao de outra palavra, não importa quão diferentes que sejam seus significados e traduções, se descobre uma estreita correspondência entre essas palavras.

Por exemplo, a palavra נחש (Nachosch), uma “Serpente”, soma 358: נ (300) + ח (8) + ש (50) = 358. Tem-se também que משיח (Messiah) soma 358: מ (8) + ש (10) + י (300) + ח (40) = 358. Pode-se dizer que teoricamente existe uma relação, porém o problema é: como descobrir essa relação?

A Serpente é um símbolo da Kundalini, a força criativa espiritual que existe em cada homem e que, quando surge mediante uma vontade treinada, recria todo o indivíduo, fazendo-o um Homem-Deus. Assim, os Iniciados da Índia antiga se chamavam a si mesmos de *Nagas* ou Serpentes, e da mesma maneira existe o Culto à Serpente (mais além de um simples falicismo) em todos os países e em todas as épocas, que foi um problema para os arqueólogos. A palavra *Naga* ou *Naja* foi descoberta também, segundo meus informes, em algumas das tábuas cuneiformes dos antigos templos egípcios onde Osíris, o Deus Sol, era aclamado elevando-se desde o insondável primordial. O Neófito durante a sua iniciação, quando era osirificado e submergia em um profundo transe que duravam três dias, era coroado com glória quando os raios do sol iluminavam a cruz à qual havia sido atado e a ele era dada uma túnica marcada com um Uraeus Naja, um emblema de significado cósmico e conhecimento espiritual.

Se adicionarmos, além disso, os dígitos 3, 5 e 8, obteremos 16. Se olharmos as correspondências do Caminho nº 16 encontraremos diversas atribuições que podem tender à edificação. É o “Filho” do Tetragrammaton. — Dionísio-Zagreus; e Percival, que se converteu no Hierofante ou Messias, capaz de resolver os problemas da existência e realizar o milagre da redenção.

Dessa forma vemos a analogia específica entre as palavras “Serpente” e “Messias” que a cabala foi capaz de revelar.

Quando estudamos o Caminho de Shin (שׁ) foi afirmado ali que a implicação geral deste Caminho era a descida do Espírito Santo. Além de todas as informações recolhida, como podemos confirmar tal conclusão?

As palavras hebraicas רוח אלֹהִים (Ruach Elohim) podem ser traduzidas por “O Espírito dos Deuses”. Graças à Gematria descobrimos o seu valor numérico: 300. Foi dito também que o valor numérico da letra Shin (שׁ) era 300, e vemos, portanto, que são idênticas.



Existe outro método para aplicar os processos de Gematria com esquemas ligeiramente diferentes. Em *A Doutrina Secreta* Blavatsky escreve que *fohat* é o princípio elétrico vitalizante que anima e impulsiona o cosmo, sendo o magnetismo e a eletricidade seus fenômenos puramente terrestres. A comparação de sua descrição e explicação nos leva à conclusão de que *fohat* é muito similar em função e qualidade de Sakti, já atribuído a Binah, nossa terceira sephirah. Porém existe outra forma de chegar a esta atribuição, inclusive se não pudermos encontrar uma descrição de alguma qualidade já conhecida em nossa Árvore com a qual compará-la.

Quando o traduzimos ao hebraico Fohat se traduziria por פֹּהַת. Sua Gematria seria פ (80) + ה (70) + ת (5) + ה (1) + ת (9) = 165. A palavra hebraica חֲזָקִים (Chazokim), que significa Fortaleza ou Energia, também tem o valor numérico 165: ח (40) + ז (10) + ק (100) + י (7) + מ (8) = 165. Estabelece-se assim uma relação entre Fohat e a ideia de Fortaleza ou Energia, e só desta relação podemos deduzir que Fohat era marcial em seu caráter. Podemos ir mais longe em nossa aplicação dos detalhes de nosso alfabeto filosófico. 1 + 6 + 5 = 12. 1 + 2 = 3, que é o número de Binah, à qual se atribuía Sakti, como já vimos.

Outro método de soletrar Fohat é פֹּהַת. Seu valor é פ (80) + ה (5) + ה (1) + ת (9) = 95, que é o número de uma palavra hebraica חַמִּים (ha-Mayim), que significa as Águas. O Grande Mar foi anteriormente mencionado como uma das correspondências de Binah, e Binah não é unicamente Shechinah, o Espírito Santo, mas também Sakti.

Adicionando os dígitos 9 e 5 obtemos 14. A palavra hebraica דוד (Dod) é igual a ד (4) + ו (6) + ד (4) = 14. Significa Amor, que é, evidentemente, harmonioso com a Grande Mãe, e podemos assumi-lo como parte do significado de Fohat. Este amor pode ser explicado como uma forma de magnetismo que se manifesta em uma coesão e atração entre os objetos e partículas do mundo dos fenômenos.

Depois de ter escrito o anterior o autor consultou a seção de *A Doutrina Secreta* que fala de Fohat e descobriu que Blavatsky dá a Eros, o jovem Deus do Amor, como correspondência de Fohat! O escritor havia esquecido completamente deste fato quando investigou esta palavra através de seu número. Além disso, Blavatsky escreveu em algum outro lugar que Fohat está no cosmo o mesmo que *Kama*, o princípio do desejo individual ou paixão, está no microcosmo. Por conseguinte, se pode apreciar que os símbolos encaixam perfeitamente.

Porém podemos ir mais longe. 1 + 4 = 5, cinco é a esfera de Geburah ou Marte (♂). O leitor recordará que esta sephirah repete em um plano inferior o elemento força atribuído a Binah. Isto pode ser demonstrado de outra maneira, analisando cada letra da palavra em separado. Peh (פ) é Marte (♂), com sua conotação implícita de Força e Energia Bruta. Ain (א) é Priapo, o deus grego da fecundidade e a realização sexual. He (ה) é Áries (♈), no qual Marte (♂) está em exaltação. Sua atribuição do Tarô era *O Imperador*, onde se encontrou oculto o símbolo do enxofre (⚡), ou o Gunam hindu de Rajas. Aleph (א) é Thor com sua Suástica (卐), lançando raios e trovões do céu. Aleph (א) também é o redemoinho de Força do Primum Mobile, formando uma poeira cósmica na nebulosa espiral. Teth (ט) é Leo (♌), o Leão, com sua atribuição no Tarô da carta VIII, *A Força*. Todas estas correspondências repetem o significado geral de Fortaleza e força, coincidindo com a descrição que faz Madame Blavatsky de Fohat.

Todo o que foi dito mostra como atuam os cabalistas para descobrir o significado de uma palavra que, previamente, era uma incógnita.

NOTARIQON

O segundo método de exegese usado pela cabala é o *notariqon*, que é um derivado da palavra latina *notarius*, que significa taquígrafo. Com este método se constrói uma palavra totalmente nova a partir de outras já existentes, usando as letras iniciais ou finais destas palavras e combinando-as. Alternativamente pode-se formar uma frase tomando em separado cada letra de uma palavra dada incluindo cada letra em outra palavra.

Vamos dar um exemplo. No capítulo um se destacava que a doutrina da cabala, como um sistema filosófico, se denomina *Chokmah Nistorah*, a “Sabedoria Secreta”. Tomando a primeira letra de cada uma das duas palavras, obtemos נח (Chen), uma palavra hebraica que significa “Graças”. A consequência é que o estudo desta sabedoria arcana da cabala nos dota com a Graça ou Shechinah dos deuses que estão no alto.

Outra forma de pegar as três letras finais, veja: הח (He) que significa “janela”, indicando que a cabala é essa janela através da qual nós podemos formar uma ideia sobre o verdadeiro significado da existência.

Além disso, o método anterior de Gematria pode ser aplicado ao processo de resultados do Notariqon. A numeração de Chen é: ח (8) + נ (50) = 58, que é o valor numérico de חילי (Chili), uma palavra que significa “Minha Fortaleza”. As doutrinas cabalísticas são a força e o apoio da vida interior de um homem.

He é igual a ה (5) + ח (5) = 10. Existe uma palavra גבחה (Gevoh), traduzida por “Voar”, que também soma 10. O leitor pode reunir todos estes significados e resultados; o total lhe dá uma ideia do significado real do propósito da Sabedoria Secreta.

A palavra de Poder אגלס (AGLA), tão frequentemente usada nos rituais da Cabala Prática, está composta das primeiras letras das quatro palavras $\text{אדני אלהי גבור לעולם}$ (*Atoh Gibor LeOlahm, Adonai*), que podemos traduzir por: “Tu és Poderoso para sempre, meu Senhor.”

Vimos o Caminho de Kaph (כ) que implicava na prodigalidade priápica infinita e o florescimento da Natureza. Observou-se também que representava a Roda do Renascimento de Samsara, que nos arrasta impetuosamente à existência depois da existência. Esta ideia pode ser ampliada consideravelmente como o método do Notariqon.

Kaph (כ) se escreve em hebraico como כִּי. A primeira letra כ pode representar a palavra grega κτεῖς (Kteis), e a primeira letra Φ para Φαλλος (Phallus), implicando que o acoplamento dos órgãos sexuais é o instrumento que nos ata perpetuamente à roda da existência, com sua carga de júbilo e de sofrimento, nascimento e morte.

A famosa palavra *Amém* (אמן) é composta das primeiras letras das palavras אֲרֵנִי מֶלֶךְ נֹאמֵן ("Senhor, Rei Fiel"), que iniciam a oração hebraica chamada o Schemah.

TEMURAH

O terceiro método se chama *Temurah* e significa Permutação. Mudam-se as letras de uma palavra de acordo com esquemas definidos, substituindo-as por outras letras, anteriores ou posteriores, no alfabeto, formando uma palavra totalmente nova.

Um método conhecido como *Albam* toma o alfabeto e coloca a última metade abaixo da primeira metade, como se segue:

כ	י	ט	ח	ז	ו	ה	ד	ג	ב	א
ת	ש	ר	ק	צ	פ	ע	ס	נ	מ	ל

Chega-se a várias permutações, pois a linha superior de letras pode ser substituída com letras da linha abaixo e vice-versa.

Um interessante exemplo é uma contribuição de um cabalista com o qual o autor mantém certa relação. Quando se trata a palavra מֹשִׁיחַ (Messiah) com o método de permutação citado, nos dá a palavra בִּישָׁק (Bishak). A letra Mem (מ) é substituída pela letra Beth (ב), a letra Shin (ש) pela letra Yod (י) (ou I), a letra Yod (י) por Shin (ש) e Cheth (ח) por Qoph (ק).

Por não ter um dicionário hebraico ao meu alcance no momento em que estou escrevendo, não pude verificar se existe a palavra hebraica que seja ב"שק. Porém um ligeiro conhecimento de gramática hebraica e de nossas correspondências cabalísticas parecerá suficiente, e a dificuldade será vencida em muito pouco tempo.

A primeira letra ב (Beth) pode ser interpretada com o prefixo preposicional que significa “em”, “com” ou “por”, deixando as três letras שק" (Yishak). O valor numérico destas três letras é 410, veja: י (10) + ש (300) + ק (100) = 410. Agora temos uma palavra hebraica קדוש (Qadosh), cujo valor é 410 e significa um “santo” ou “santidade”. Obviamente isto parece harmonioso com a palavra original Messiah, pois não virá o Messias com santidade e em vida santa?

Logo após escrever este parágrafo acima, o escritor teve a oportunidade de consultar um léxico hebraico aonde descobriu muitos dados confirmatórios; que שק" pode ser considerada, antes de tudo, como um verbo no futuro, terceira pessoa do singular e, com toda probabilidade, derivado da raiz derivativa que significa “arder, acender, iluminar”.

Todas estas palavras concordam com a implicação geral do Messias ou Adepto que chega com santidade, pois estas palavras simbolizam os fatos que se relacionam com seu estado que é o de Homem-Deus, o Adepto regenerado e iluminado. Pois dentro de seu coração sua Alma está iluminada e sobre suas sobrancelhas a luz tênue que a Estrela de Prata irradia sua “luz brilhando diante dele”; e sobre sua cabeça arde o lótus de mil e uma pétalas do chakra Sahasrara sobre o qual Shechinah descendeu e onde Adonai se diverte com os deuses.

O método de análise das letras, previamente descrito, ajuda a clarificar o conceito geral. Beth (ב) é Mercúrio (☿), o Mago, que sustenta em sua mão a varinha que representa a sua Sabedoria e a sua Vontade divinas. Yod (י) é O Ermitão do Tarô; também é o símbolo da inocência e da virgindade espiritual. Shin (ש) é o Espírito Santo, seu Self Divino, que foi invocado com êxito nos ritos taumátúrgicos. Qoph (ק) é Piscis (♓), Peixes; representando a força sexual regenerada ou libido, transmutada na Kundalini do qual Madame Blavatsky nos disse que é uma força espiritual elétrica, o grande poder prístino criativo.

בשק" (Bishak) em si mesma dá o número 412, como segue: ק (100) + ש (300) + י (10) + ב (2) = 412. As palavras יהוה אלהים (Yeheshua Elohim),

traduzidas por Yeheshua (ou Jesus) é Deus, também tem o mesmo valor numérico, 412. A correspondência de tudo isto com a ideia de Messias é, certamente, a mais clara. Outros exemplos numerosos, tratando principalmente com as Escrituras, foram desenvolvidos com laborioso esmero e ingenuidade pelos cabalistas. Contudo, duvido que sejam suficientemente importantes para mencioná-los aqui.

Tenho que fazer uma série de observações neste ponto, já que o homem Jesus foi introduzido neste livro. O autor não deseja mergulhar no turbilhão de controvérsia que contempla o caráter ou natureza de Jesus, a pessoa sagrada para os cristãos, nem é sua intenção entrar na polêmica se Jesus realmente existiu, se foi um grande Adepto ou simplesmente um mito solar, como muitos dos expoentes da suprema crítica afirmam. A cabala apenas usa o nome יהושׁה (Yeheshua) porque implica em certa filosofia descritiva de alguns de seus principais teoremas.

As letras יהוה (YHVH) do Tetragrammaton são usadas para implicar a gama completa dos quatro elementos. Yod (י) como a função criativa do Reino Arquétipo, o Chiah é Fogo; a primeira He (ה) representa a Taça, o símbolo de caráter passivo do Mundo Criativo e o Neschamah é Água; Vau (ו) é o Filho, o vice-regente ativo do Pai e o Ruach é Ar; a He final (ה) é a Nephesch, o receptor passivo Terra, fazendo com que todas as coisas frutifiquem.

O mundo em sua totalidade, compreendendo todas estas explicações, é concebido pela cabala como a representação do homem não regenerado, que vive inteiramente em seu corpo, comendo, bebendo, copulando, etc. O Self Divino ou a Yechidah não fez, todavia, sua aparição nele.

No curso da prática de meditação e Cabala Prática se concebe que um homem assim se regenera e se purifica, que se abre ao Espírito Santo, o qual lhe revitaliza totalmente, exemplificando nele um testemunho vivo do Mundo feito Carne.

O Espírito Santo ou o Shechinah, como já indicamos, é simbolizado com a letra Shin (ש). Quando, por conseguinte, um homem invoca seu Self Espiritual, seu Sagrado Anjo Guardião, consegue seu Conhecimento e Conversação, o processo se descreve como a descida da letra Shin (ש) em meio do nome elementar de יהוה (YHVH), Tetragrammaton, formando assim uma palavra nova יהושׁה (Yeheshua), o Pentagrammaton, o símbolo de um novo ser, o

Adepto ou *Tsaddik*, no qual o crescimento do Espírito equilibra a base e os elementos não redimidos da matéria.

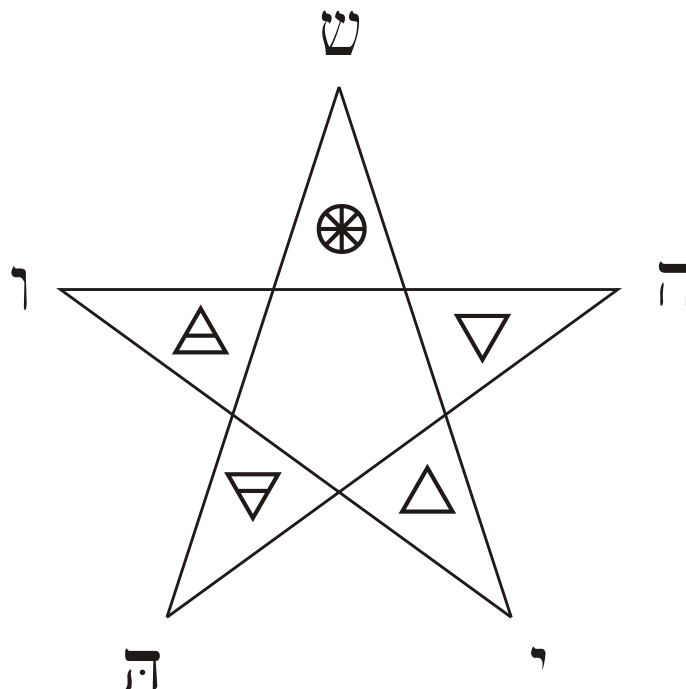


Figura 11: O *Pentagrama*

Obviamente não há uma inclinação cristã nesta interpretação como os críticos injustos têm alegado; o simbolismo é usado simplesmente como uma descrição gráfica daquilo que se considera um fato real na experiência mística, sem fazer a mínima referência à figura central do Novo Testamento. Faço esta observação para tranquilizar àqueles meus leitores que possam da crença judia.



Ao haver-me referido ao Pentagrammaton, deveria, talvez, dar uma pequena explicação sobre seu significado. A atribuição que faz referência à figura geométrica presente é a seguinte:

A letra Yod (י) representa o Fogo; a primeira He (ה) é a Água; Shin (ש), o ponto que coroa, é a Shechinah, o Espírito Santo; Vau (ו) é o Ar e a He final (ה) é a Terra, a síntese de todos os demais elementos e princípios. É, por conseguinte, um símbolo que denota a totalidade da constituição do homem. Aqueles meus leitores que estejam familiarizados com os processos da Magia Cerimonial, particularmente aqueles que se referem à visão clarividente com suporte material, recordarão o poder desta estrela de cinco pontas para invocar ou banir, à vontade, os espíritos do Plano Astral. O que realmente faz isto pode ser atribuído, em última análise, ao fato de que existe um epítome geométrico muito adequado de um homem totalmente iluminado, que não será mais poderoso que ele no universo.



As poucas referências gramaticais das letras hebraicas que dissemos, são também as mais importantes. Vou dar um exemplo para ilustrar a ideia.

Um cabalista de enorme sabedoria se esforçava em transcrever ao hebraico o nome de uma Inteligência praeter-humana com o nome de Aiwass. Este não é, evidentemente, nem o momento nem o lugar para aprofundar na razão para seu desejo de obter este nome em hebraico e, contudo, ter o *valor numérico* de 418. Se este cabalista, a quem o escritor tem em grande estima, tivesse conhecido a indicação feita em relação à letra do Caminho 32, Tau (ט), teria poupado muitos anos de esforço; pois essa letra, sem o dogish, se pronuncia como um “S”. Aiwass deveria ser escrito como:

$$ט (400) + ש (1) + ו (6) + י (10) + ש (1) = 418$$

Aqueles leitores que estiverem familiarizados com a terminologia cabalística notarão, também, que neste trabalho ספירות foi interpretado como “Séphiras” e não “sephiroth”. A última letra não leva e nem pode levar um dogish no final de uma palavra na gramática hebraica. Sua pronúncia é, portanto, “S”.

Ao final deste capítulo exegético sobre os métodos de Gematria, Notariqon e Temurah, seria, talvez, aconselhável mencionar que, para o chamado indivíduo comum, estes métodos não serão de muita utilidade. Nós

os incluímos aqui pela única razão de tornar este tratado moderadamente global.

O leitor astuto pode, na verdade, já deve compreendido que há uma grande probabilidade de obter alguns resultados totalmente contrários àquelas conclusões que foram estabelecidas anteriormente. Em outras palavras, estes métodos podem ser puramente arbitrários.

Em relação a isto, recorde, contudo, um ditado atribuído, creio, a Buda: que apenas um *Arahat* pode compreender totalmente a excelência do *Dhamma*. A implicação desta afirmação se aplica também, e inclusive com mais ênfase, à cabala. O autor é da mais firme opinião, e os estudantes mais inteligentes estarão de acordo com ele, de que somente um Adepto ou um Tsaddik, em cujo coração se acendeu a luz do Conhecimento e da Conversação com seu Sagrado Anjo Guardião, estará capacitado para utilizar de forma correta — que é uma forma onde não se introduz as noções arbitrarias — os três processos explicados aqui. Pois o Adepto terá a visão espiritual interior com a qual verá além da simples letra e forma externa da lei.

Ao bronzear-se na luz do Sol de Shechinah, e com a revelação outorgada a ele mediante destes — aquilo que, de outra forma, poderia justificadamente denominar-se — “malabarismos”, obterão grande quantidade de novos conhecimentos para ajudar-lhe no Caminho. E este Caminho é aquele que vai sempre adiante, acima e acima, até esse Objetivo que não tem nem princípio e nem fim, nem começa e nem acaba, porém viaja eternamente em todas as direções e dimensões no Infinito.

CAPÍTULO 7

A CABALA LITERAL (*Continuação*)

Por trás da descrição dos 32 Caminhos de Sabedoria e o esboço das ideias cabalísticas sobre números, já deveria estar suficientemente claro, inclusive para o leitor mais despreocupado, que quanto mais conhecimento se tem ao alcance, sejam do tipo que for, e maior é a experiência individual, ter-se-á maior consideração ao sistema como forma de classificação. Não se pode enfatizar demasiadamente que ao ser este um sistema para a classificação de *todas as ideias* não há nada nele que não possa ser compreendido. Por conseguinte, não houve nenhuma tentativa em dar aqui um grande número de correspondências, já que está é uma tarefa que concerne à investigação individual. Deve-se desculpar o escritor por repeti-lo com tanta frequência, porém é tão importante que aproveita qualquer oportunidade para recordá-lo.

À primeira vista, todo o sistema da Árvore Sephirótica com as múltiplas correspondências, pode ser utilizado como um sistema de classificação psicológica ou espiritual, que pode parecer ao leitor totalmente ininteligível. Porém se aplicado com seriedade, com o tempo, notará uma assimilação inconsciente — análoga à semente de uma árvore tomando a raiz silenciosamente, secretamente, nas obscuras profundezas da Mãe Terra. Quando a semente finalmente lança brotos e raízes, em busca de nutrientes e de algo em que possa se agarrar e segurar, o talo tenro empurra-se para cima até o sol, a fonte de luz e de vida.

Assim acontece também com os princípios fundamentais da cabala. Primeiro deveria memorizar-se a semente original das poucas, porém importantes, correspondências, das quais depende toda a superestrutura, deveria empenhar-se em memorizar e fazer uma parte integral da consciência cotidiana individual. Para facilitar o estudo, o leitor que está realmente interessado em demonstrar a si mesmo o valor inestimável da Árvore da Vida como um método de classificação, deveria procurar uma caixinha que contenha aquilo que é conhecido como fichário.

Esta, na realidade, nada mais é do que uma pequena caixa que contém um número indeterminado de etiquetas em branco. Estas deveriam classificar-se em vários compartimentos, numerados de 1 a 32. Cada correspondência, mencionada nos capítulos anteriores, deveria ser anotada em uma etiqueta e colocada em seu lugar adequado, em seu número apropriado. Então, o estudante deveria anotar brevemente em cada etiqueta os diversos fatos que conhece e que dizem respeito a todas essas atribuições, e trabalhar para adquirir um conhecimento mais profundo sobre alguns dos novos detalhes. Desta forma tão prática classificaria todo seu saber em 32 compartimentos ou divisões, e todos os fatos novos que obtiver mais adiante serão automaticamente agrupados em alguma destas divisões. Quando for realizar esta tarefa, deve se esforçar por reduzir em sua mente a informação contida nestas 32 divisões com seus fatos multitudinários a dez, o número de sephiroth e, finalmente, a um.

Esta última tarefa será muito mais simples se for memorizada a relação obtida entre os Caminhos e as Sephiroth, e a *forma* da mesma Árvore. Todas as atribuições devem ser cuidadosamente *traçadas* e correlacionadas pelo leitor com a forma sintética e harmoniosa na qual é criada com as dez Sephiroth e os vinte e dois Caminhos. Também deveria recordar a natureza tri-una de cada unidade; recebe do alto, retém e expressa a sua própria natureza e transmite sua influência àquela que está abaixo.

Esta é a base fundamental sobre a qual deve basear-se qualquer estudo profundo. Quando esse estudo progride, vai se arquivando uma série mais completa e compreensível de atribuições nos invólucros originais e a Árvore cresce aos olhos de cada um.

As correspondências de cada unidade podem ser ampliadas indefinidamente, já que cada Sephirah e cada Caminho secundário podem ser visualizados contendo uma Árvore da Vida dentro de sua própria esfera, e pode, dessa forma, dividir-se para alcançar uma análise mais precisa e

detalhada em dez subdivisões. A mesma Árvore pode, também, situar-se em cada um daquilo que se denominam os Quatro Mundos no esquema cabalístico da evolução.

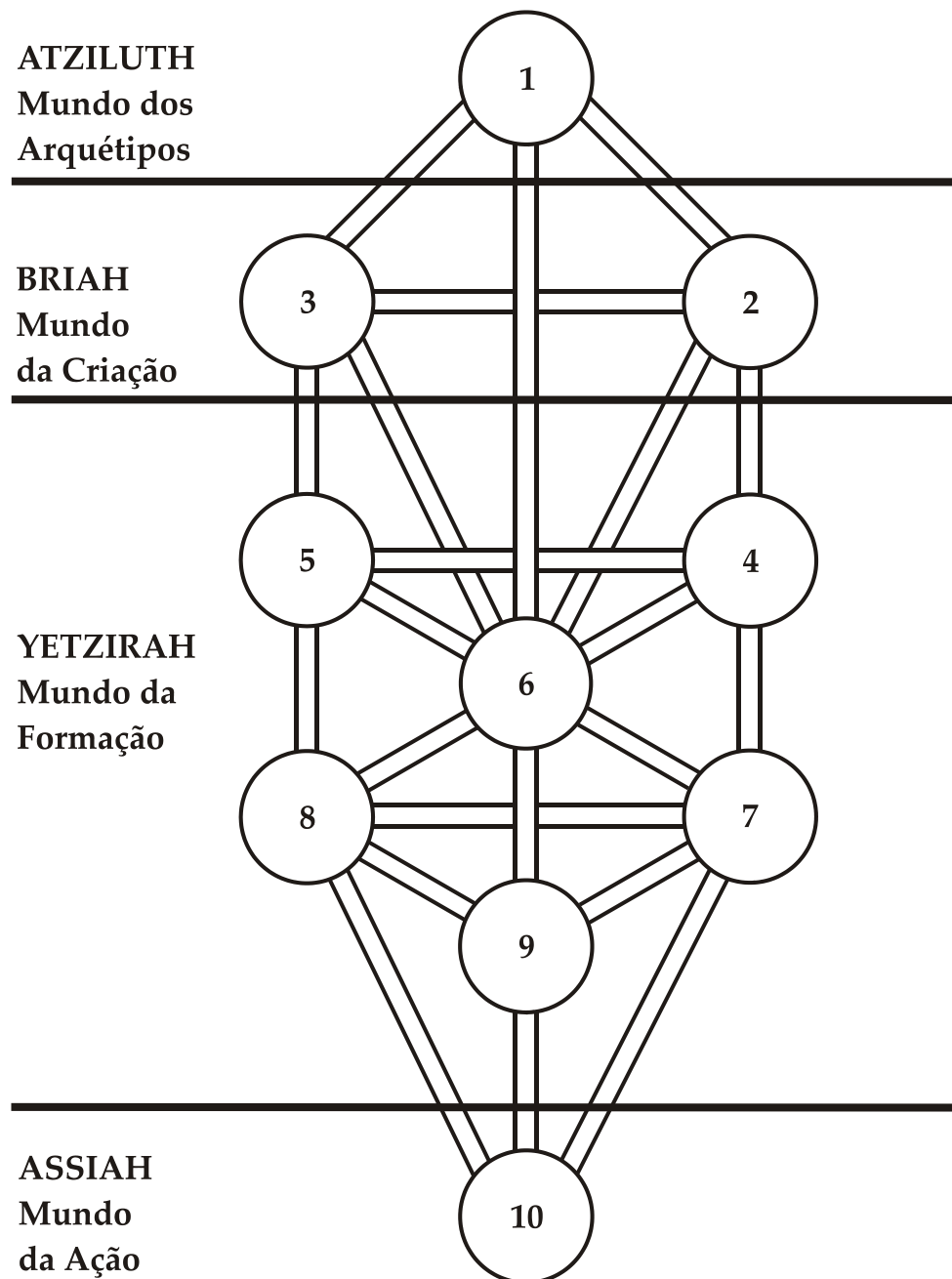


Figura 12: Os Quatro Mundos da Árvore da Vida

O esquema sefirótico originalmente se preocupava com os mistérios da evolução e os cabalistas conceberam a evolução do cosmo de forma complexa. Afirmavam que os Quatro Mundos ou Planos de Consciência tinham sido produzidos sucessivamente a partir de um tipo de corrente ou emanção de Ain. Por conseguinte, a Árvore se divide em quatro regiões diferentes de consciência, de quatro planos cósmicos nos quais atuam o fluxo criativo ou fluxo pulsante de vida.

O primeiro desses quatro planos criativos é OLAM ATZILUTH, o Mundo das Emanações ou o Mundo Arquetípico. (Veja figura 12 na página 129). O segundo é OLAM BRIAH, o Mundo Criativo. O terceiro é OLAM YETZIRAH, o Mundo Formativo; todos encontram sua expressão e concreção dinâmica em OLAM ASSIAH, o Mundo da Ação ou Mundo Material, que o *Zohar* considera como a verdade que vive na cooperação harmoniosa de todas as sephiroth, fazendo do universo em toda a sua ordem e simetria uma manifestação verdadeira e exata do Pensamento Divino do Mundo Arquetípico. A autoridade zohárica para este conceito filosófico se encontra no *Zohar* (I, 156, *et seq.*):

Tudo aquilo que existe sobre a terra tem seu equivalente espiritual no alto e não há nada neste mundo que não corresponda a algo de Cima e não dependa dele.

Todo conteúdo no mundo inferior também se encontra em protótipo. O Inferior e o Superior atuam um sobre o outro, e vice-versa.

Esta divisão pode ser contemplada de duas maneiras. No *primeiro método*, Kether — a Esfera do Primum Mobile — ocupa apenas o primeiro plano. É o Arquétipo e o Criador de todas as demais sephiroth. Chokmah e Binah são consideradas como o Mundo Criativo, a região da Ideação e da Energia Cósmica, a partir da qual se desenvolve o Mundo Formativo, que consiste na quarta, quinta, sexta, sétima, oitava e nona sephiroth. O Mundo Formativo constitui o Plano Astral e compreende vários graus de matéria e energia sutil e elétrica. O conjunto se sintetiza no mundo físico, Malkuth, a décima sephirah, que é, deste ponto de vista, Olam Assiah.

O *Zohar*, além disso, toma o nome de YHVH (יהוה), que é o Tetragrammaton, e atribui cada letra desta palavra a algum dos quatro mundos. Yod (י) ao Mundo Arquetípico; a primeira He (ה) ao Mundo Criativo; Vau (ו) ao Mundo Formativo e a He final (ה) se atribui ao Mundo Material.

No *segundo método*, o *Zohar* coloca uma árvore completa com dez sephiroth em cada um dos Quatro Mundos. O Mundo Arquetípico é o mais alto, sendo

absolutamente ideal. É o plano do Pensamento Divino, o Plano Causal da Ideia Cósmica, ou o *Mahat* da teosofia de Madame Blavatsky.

As dez sephiroth arquetípicas se projetam no mundo de Briah, um plano menos espiritual e menos abstrato. Aqui as forças criativas dos deuses se fixam sobre as ideias arquetípicas das coisas, ampliando, vivificando e desenvolvendo a Árvore desse plano particular. Este é o plano mental verdadeiro, comparável em constituição cósmica ao conceito do Ruach, ou o Manas inferior da teosofia do homem. A sephirah mais baixa de Atziluth se converte, dessa forma, na Kether de Briah, como mostra o diagrama adjunto (veja figura13 na página 131) e a Malkuth de Briah se converte na Kether de Yetzirah, e assim sucessivamente.

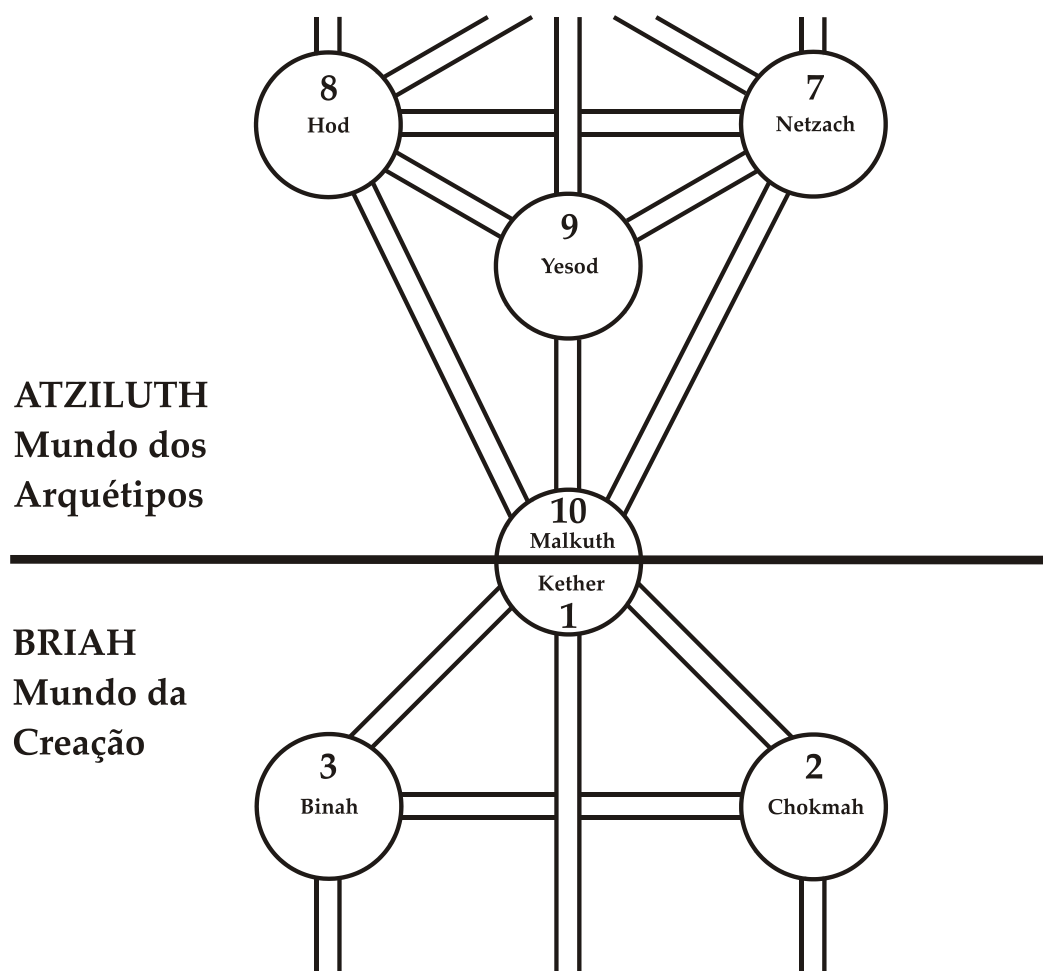


Figura 13: *Malkuth em Kether*

No Mundo Formativo, que é o plano das forças astrais, as ideias são projetadas ainda mais, sendo vestidas aqui com um esboço ou modelo de matéria elétrica e magnética. A substância astral é um fluido onipresente e todo permeado de matéria extremamente sutil, de substância em um estado muito tênue, e no processo de posterior evolução, ele produz e atua como o substrato do mundo material, que é uma cópia do astral em material mais denso e bruto.

Desta forma seria necessário um grande número de tríades para fins comparativos — como seriam necessárias para atribuir as categorias das tríades da filosofia hegeliana da Árvore da Vida —; obtemos por este meio um sistema de doze tríades, com um pendente formado pela décima terceira sephirah em Assiah.

As cartas do Tarô também foram atribuídas a estes Quatro Mundos. O grupo de cartas consiste em 22 Trunfos atribuídos ao alfabeto hebraico; quatro grupos de catorze cartas cada um, chamados Bastões, Taças, Espadas e Pantáculos. As primeiras dez de cada conjunto, como já vimos, são atribuídas às sephiroth. As quatro restantes de cada grupo são as Cartas da Corte: Rei, Rainha, Príncipes ou Cavalheiros, e Princesas ou Pajem, e se atribui as letras do Tetragrammaton e aos Quatro Mundos Criativos.

Nas reproduções de baralhos modernos cometeu-se uma série de erros involuntários. O Rei foi representado como sentado passivamente em seu trono; o Príncipe ou Cavalheiro foi representado escarranchado em um cavalo galopando, esgrimindo ativamente suas armas. Na realidade os símbolos deveriam inverter-se, pois o Rei (o Demiurgo ou Macroprosopus em Kether), que representa Olam Atziluth, é criativo e positivo, e transmite a corrente vital à Rainha, que é a Mãe, Olam Briah, suportando passiva e pacientemente o labor da Criação que continua em seu interior. O Príncipe ou Cavalheiro (o Microprosopus se situa em Tiphareth), representando Olam Yetzirah, é semelhante ao Rei em sua função, porém subsiste em um plano bem mais inferior, recebendo as ideias e a força do Pai através da Mãe, cujas impressões, por sua vez, dão à Princesa ou Pajem, que é a Virgem, Olam Assiah.

Os nomes dos naipes também são descrições da ampla extensão da natureza dos Mundos. O Bastão é o símbolo mágico da Vontade Criativa que desenvolve as ideias arquetípicas originais em Olam Atziluth. Projetam-se em Olam Briah, o Mundo Criativo, simbolizado pelas Taças. A taça é um símbolo claramente feminino, passivo e receptivo, impaciente por receber a influência masculina do alto. As Espadas representam o Plano Formativo, pois a espada

corta, forma e perfila. Os Pantáculos, sendo feito de cera — um símbolo da terra — passivo e inerte — simboliza o Mundo da Ação e Matéria, onde as forças dos planos mais transcendentais têm seu campo de manifestação.

Tenho que fazer aqui uma pequena advertência. Não se deve supor que estes Mundos estão um acima do outro no espaço ou no tempo. Essa é a ideia zohárica. Este é um dos principais inconvenientes das representações dos diagramas. São reinos de consciência e cada um tem um veículo apropriado de matéria, uma mais sutil, outra mais densa. Blavatsky afirma que estão “em condições, porém não em consubstancialidade”. A implicação desta surpreendente frase é que sua substância não tem o mesmo grau de densidade, embora possam ocupar a mesma posição no espaço. Contudo, a distinção é de qualidade de matéria, não de posição no espaço.

É necessário fazer algumas observações a respeito dos métodos de contemplação da Árvore e sua forma em geral. No capítulo 3 o leitor terá observado nos diagramas (figuras 3, 4 e 5) que havia três tríades de sephiroth, culminando em um pendente de uma décima sephirah que foi chamada de Malkuth. Existe, entretanto, outra forma de observar a Árvore. As sephiroth se dispõem em Colunas, pois existem três do lado direito, três do lado esquerdo e quatro no meio.

Chokmah, Chesed e Netzach são aquelas do lado direito e compreende aquilo que se denomina o Pilar da Misericórdia, comparável à coluna *Yachin* dos maçons. Binah, Geburah e Hod são as sephiroth do lado esquerdo e formam o Pilar da Severidade — a *Boaz* maçônica —, enquanto que as quatro sephiroth compostas por Kether, Tiphareth, Yesod e Malkuth, o tronco principal da Árvore, formam o Pilar do Meio.

Seria muito interessante para o leitor, em relação ao Pilar do Meio, observar as palavras usadas no Êxodo a respeito da vara de Aarão ou o bastão de amendoeira. As palavras são *מטה השקד* (*Matoh haShaked*). Por Gematria, o valor destas palavras é 463. No capítulo 4 vimos que 400 era Tau (ט), o Caminho 32, que conduz de Malkuth a Yesod. 60 é o Caminho de Samekh (ס), que leva Yesod a Tiphareth. 3 é o Caminho de número 13, Gimel (ג), que une diretamente Tiphareth à Coroa. Toda a ideia da vara de Aarão, o Sumo Sacerdote, indica que o eixo que conecta às sephiroth do Pilar do Meio, um caminho reto desde o Reino até a Coroa.

Neste ponto pode surgir na mente do estudante de filosofia a questão de saber se a cabala é resolvida em um esquema objetivo ou subjetivo. Em outras palavras, é a percepção do mundo através dos cinco sentidos o resultado da criatividade do meu ego espiritual, não tendo existência fora da minha própria consciência? Ou a cabala inclui o Universo como objetivo e subjetivo ao mesmo tempo?

Um estudo da ideologia cabalística e das correspondências nos levaria a supor que a cabala aceita a realidade absoluta das coisas externas no sentido mais objetivo. Se tivéssemos que lhe dar um nome este seria o de um Idealismo Objetivo. Todas as nossas percepções não são exclusivas do Ego e nem daquilo que se percebe; são as representações de certa relação e interação entre os dois. Não podemos afirmar nenhuma qualidade de um objeto independentemente de nosso aparato sensorial.

Nem podemos, por outro lado, atrever-nos a imaginar que aquilo que conhecemos é mais do que uma representação parcial de sua causa. Somos incapazes de determinar, por exemplo, o significado de ideias como movimento, ou distinguir entre o espaço e tempo, exceto em relação a algum observador em particular e alguma coisa particular observada. Por exemplo, se durante a experimentação um canhão enorme fosse disparado duas vezes em um intervalo de três horas, uma entidade solar notaria uma diferença de vários milhares de milhas no intervalo entre os disparos, muito mais do que três horas de diferença no tempo. Contudo, somos totalmente incapazes de perceber os fenômenos se não for através dos sentidos. Seria correto nesse momento, e de um ponto de vista puramente cabalístico, imaginar que o Universo também é subjetivo sem negar em absoluto a sua objetividade.

Não obstante, devo acrescentar como advertência que a cabala não se preocupa com a evolução racional da objetividade ou subjetividade do Universo. Como tão frequentemente temos destacado, trata-se, principalmente, de um sistema psicológico para comparar e classificar todas as ideias e experiências.



Indiscutivelmente, o estudante começará a perguntar-se como é possível correlacionar os conceitos mitológicos abstratos, inerentes em nossas sephiroth, à ideologia dos diversos sistemas acadêmicos de filosofia. Esta tarefa não é particularmente difícil, uma vez que se tenha uma perfeita linha de correspondências estabelecidas na própria mente.

Tomemos, por exemplo, o idealismo crítico de Kant. O Universo, existindo no tempo e no espaço, é considerado como uma criação subjetiva do Ego perceptível; ideias como tempo e espaço são *a priori* categorias ou formas do pensamento criativo. Como podemos agora estabelecer uma correspondência entre nossa cabala e o conceito mencionado?

Kether foi definida como o Ego, a Mônada, “o centro secreto do coração de todos os homens”. Por conseguinte, Kether é o nosso Ego transcendental. Vimos que a Binah se atribuía Cronos ou o Tempo. Desta forma, Binah combina com a categoria kantiana do tempo. A esfera do zodíaco é uma correspondência de Chokmah e é, de certa forma, uma criação da ideia de Espaço. Portanto temos o Universo completo como as sete sephiroth inferiores, que se projetam e existem no Tempo e no Espaço, ou Chokmah e Binah, que são as funções da faculdade integrante do Ego ou Kether. Ao estudante não será difícil correlacionar as categorias restantes kantianas ou formas da atividade do ego pensante à Árvore Sephirótica.

Quando consideramos Fichte e Hegel, encontramos uma analogia muito próxima entre o sistema de emanção da cabala, que atua em tríades, masculino, feminino e filho, e o processo dialético que tem sua expressão em um movimento positivo ou cessante, seu oposto ou negativo, e a reconciliação.

Agrega-se aqui, contudo, outro problema de grande importância que comentarei antes de seguir adiante. O fato de que as sephiroth se disponham em tríades ou trindades, e o fato de que lhes foram adscritos nomes como o Pai, a Mãe e o Filho, levou muitos apologistas do cristianismo a defender, sem base suficiente, que a Trindade cristã está implícita na cabala. Cito o professor Abelson em relação com este argumento:

Sem sobra de dúvida que qualquer semelhança é uma questão accidental... A filosofia de Salomon Ibn Gabirol, o neoplatonismo, gnosticismo, filonismo e outros sistemas, deixaram marcas indeléveis (isto é, na evolução da cabala). Porém o cristianismo, como você se lembram, além de ser um devedor do judaísmo, é um devedor destas fontes também; portanto, aquilo que parece ser cristão pode ser, na realidade, judeu; um desenvolvimento do material original graças a uma sequência ininterrupta de

mentes judias... Porém é indiscutível que a Trindade Cristã e as trindades das dez sephiroth se encontram em planos muito distintos.

Sobre esta questão, sinto no mais profundo de meu coração que há uma grande dívida pendente com Mr. Arthur Waite. Embora Mr. Waite sinceramente se confessa cristão — e lembrem-se, também, da obediência devida à Sé de Roma, assim dizem mais ou menos as minhas anotações — tenho analisado com todo cuidado e sem resistir as possíveis comparações que poderiam ser feitas entre o conceito da Trindade cristã e as sephiroth cabalísticas que conservam os nomes da Sagrada Família. Em sua *Santa Cabala* demonstra, em primeiro lugar, amplamente e de forma conclusiva, que o Shechinah atribuído à sephirah Binah não pode ser interpretado como idêntico em natureza ou definição ao Espírito Santo. Adicionalmente observa de forma que, pessoalmente, considero desnecessário, que a filosofia correspondente à união da Yod (י) zohárica e a primeira He (ה) de Olam Atziluth, seria repugnante para os devotos da Trindade. Não é necessário explicar agora que a Trindade cristã seria inclusive mais censurável e digna de todo desprezo para os veneráveis rabinos das Santas Assembleias.

Do meu ponto de vista, fixando a atenção para o problema em si, não pode existir a mais ligeira relação entre as duas formulações filosóficas que tem estado na base da virulenta controvérsia. Insistimos com a maior veemência em que as duas Escolas em consideração especulam sobre dois tópicos totalmente distintos. De acordo com a Igreja, os diversos aspectos da Trindade são, individualmente, Todos Uno em Deus. Apesar disto, contudo, como Atanásio nos disse, cada pessoa individualmente, em si mesma, é Deus.

Isto não está muito de acordo com a cabala. Ain Soph é o Infinito; a Eternidade, transcendente e imanente. Não pode dizer-se que seja Um, visto que é Zero; e Um é um atributo, como já vimos, de manifestação e limitação. As sephiroth que têm nomes como Pai e Mãe não podem, *per se*, sob nenhuma circunstância, ser Deus ou Ain Soph. O *Zohar* diz claramente que as sephiroth são simplesmente *Kechleem*, vasos ou canais através dos quais se manifestam as forças divinas da evolução criativa. As sephiroth as quais se atribuem o Pai e a Mãe não são Ain Soph, embora estejam sempre impregnadas e sustentadas pela Vida Infinita; se consideram como manifestações.

A solução verdadeira da comparação que se pretende é muito simples, já que não existe nenhuma comparação possível. Em minha opinião a solução é tão simples que escapou aos que disfrutavam de nimiedades e discussões lógicas.

As ideias mentais dos antigos Pais da Igreja e dos Doutores da Lei não estavam de acordo. A Igreja ensinava três Pessoas, que eram sempre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Não entendo que esta formulação metafísica tenha outra relação do que a mais remota ao conceito cabalístico do Tetragrammaton, o nome de quatro letras de Deus. Suas associações são Yod (י) e a primeira He (ה), o Pai e a Mãe em Transcendência; e a Vau (ו) e a He final (ה), o Filho e a Filha, gêmeos, abaixo. Em outras palavras, *esta Sagrada Família não consiste em três indivíduos, mas de quatro*. Deveria estar muito claro, até mesmo para um principiante em filosofia, que dois sistemas distintos estão sendo apresentado aqui, um tendo pouco ou nada a ver um com o outro. A defesa que faz o Prof. Abelson não é, portanto, nenhuma defesa, visto que se esforça em demonstrar que os judeus não tomaram nada emprestado dos cristãos. Na realidade está questão não está em controvérsia.

Houve uma última tentativa de agregar uma quarta pessoa à Trindade cristã em forma de um corpo místico de Cristo, que é a Igreja Católica Romana. Um último recurso tão frágil que lhe obriga a refletir sobre as mentes nas quais se originou.

Apesar de tudo, sobre este tema surgiram polêmicas que se perpetuaram durante trezentos anos na mais pura ignorância da essência cabalística. Reuchlin, Mirandola, Knorr von Rosenroth, Lully e muitos outros, estudaram a cabala, antes de tudo, com a falsa esperança de que ali poderiam descobrir doutrinas análogas às cristãs; doutrinas com as quais compeliavam os filhos de Israel a afeitar suas barbas e cortar suas guedelhas; a abandonar a fé e o conselho de seus pais e aceitar a comunhão de acordo com o rito de Roma.

Com algumas poucas exceções fracassaram no final, apesar da perversão deliberada da doutrina zohárica. Muitos rabinos ortodoxos, como resultado direto, dirigiram um ódio venenoso e uma vituperação veemente contra o *Zohar*, aceitando *a priori*, a crença de seus perseguidores não circuncidados de que o cristianismo ou, pelo menos, a pretensão de que a Trindade e a denominação de Cristo como o Messias judeu apareciam no *Zohar*. A culpa também é suja pela negligência de um patrimônio tão grande.

O estudante deve fazer um grande esforço para assimilar a doutrina do Tetragrammaton tão brevemente desenvolvido nos capítulos 3 e 5. Que entenda que esta fórmula depende da compreensão de que o *Zohar* e a cabala formam

uma doutrina totalmente independente do que surgiu dentro do *Sactorum* do catolicismo de Roma. Então se verá possuidor de suficiente saber para prevenir sua queda em uma armadilha explosiva tão superficial como a descrita, e colocará a base sobre a qual construirá uma torre de teoria e práticas mágicas.

Para apreciar realmente o movimento de tríades das sephiroth na descida da idealidade à realidade, dever-se-ia possuir conhecimentos de filosofia desde Platão até Hegel. Esta tríplice ação de movimento, sua negação e sua reconciliação (que Hegel considerava um tipo de controvérsia lógica), está universalmente reconhecida como o verdadeiro método de filosofia. A cabala, avançando graças a este processo dialético e antecipando-se a Hegel e Spencer, propõe um sistema de evolução altamente compreensível em que — para usar a conhecida fórmula de Spencer:

Há uma mudança contínua a partir da homogeneidade incoerente indefinida (Ain) para definir a heterogeneidade da estrutura e da função (Malkuth) através de sucessivas diferenciações e integrações (as sephiroth que intervêm).

Fichte, em suas investigações filosóficas, começando pelo Ego (Kether), considerou que possuía conhecimento, pensamento e consciência. Afirmou que pensar não é a essência do Ego, mas simplesmente uma de suas atividades (abaixo do Abismo, acrescentaria a cabala) e, desta forma, por um exame do ato de pensar, chegou a seus três primeiros princípios. Mediante a dialética, o reconhecimento do Self (Kether – A Coroa) como um ponto de partida, implicando qualquer coisa que se conheça e experimente, tentou vencer ao dualismo kantiano que separava o mundo fenomenal do mundo numenal, e tornava este último “incognoscível”. Primeiro está o Ego, o Self ou Sujeito, dado em cada cognição; infinito e inesgotável em sua natureza, porém obscuro, pois o conhecemos apenas em sua atividade — que tem uma forma especial, o “postulante” ou o antecipador de energia, atividade pura, a manifestação do Self.

Isto produz o Objeto, o oposto do Self, o não-ego (não-ser de Hegel), que corresponde a Binah, visto que esta última é a raiz da matéria e o oposto do Ser. O objeto é seu primeiro estranho, que atua sobre o Self e este atua por sua vez sobre ele. Considera-se, então, que estão em relação recíproca, e de sua interação surge a harmonia do autoconhecimento (o terceiro princípio), ou Chokmah, Sabedoria, nossa segunda sephirah.

Encontramo-nos com um perfeito prenúncio do idealismo alemão em vários escritos dos antigos cabalistas, e a seguinte citação do rabino Moses Cordovero é uma prova dele:

As três sephiroth devem ser consideradas como uma única entidade. A primeira representa o “conhecimento”, a segunda o “conhecedor”, a terceira “aquilo que é conhecido”. O Criador é Ele Mesmo, em um e ao mesmo tempo é o conhecimento, o conhecedor e o conhecido. Na verdade, Sua forma de conhecer não consiste em aplicar Seu pensamento às coisas que lhe sejam externas; Ele conhece e percebe como são todas as coisas por autoconhecimento. Não existe nada que não esteja unido a Ele e que Ele não encontre em sua própria essência. É o modelo de tudo o que existe, e todas as coisas existentes Nele sob sua forma mais pura e perfeita... É assim que todas as coisas existentes no universo têm sua forma nas sephiroth e as sephiroth têm as suas na fonte das quais emanam.

Para demonstrar a forma na qual se pode aplicar o saber cabalístico teria que dar outro tipo de exemplo. Em sua *Conferência Swarthmore, Ciência e o Mundo Invisível*, o Prof. A. S. Eddington observa que “além das cargas elétricas dispersas no caos primitivo formaram noventa e dois tipos diferentes de matéria — noventa e dois elementos químicos... Na essência da diversidade dos noventa e dois elementos reflete a diversidade dos números inteiros desde o um até o noventa e dois; porque as características químicas do elemento de nº 11 (sódio) surgem do fato de que, a baixa temperatura, tem o poder de reunir ao seu redor onze cargas elétricas negativas; as do nº 12 (magnésio) tem o poder de reunir doze partículas, e assim sucessivamente.

Deixemos por um momento a Conferência Swarthmore para pedir ao leitor que considere conosco uma passagem altamente significativa do recente trabalho de Sir James Jeans, *O Universo Misterioso*; citação da página 8:

Hoje em dia todos e cada um dos fenômenos que se atribuíam à “força vital” estão sendo estudados pela ação dos processos ordinários da física e da química. Embora o problema se encontre, todavia, longe de uma solução, considera-se bastante provável que o que distingue especialmente a matéria dos corpos vivos é a presença não de uma “força vital”, mas do elemento comum “carbono”... Se for assim, a vida existente no universo deve-se apenas ao fato de que o átomo do carbono possui certas propriedades excepcionais... Até aqui nada se conhece para justificar sua capacidade especial de unir a outros átomos. O átomo do carbono consiste em seis elétrons que giram ao redor do núcleo central apropriado...

Em sua *Conferência Swarthmore*, Eddington fala de um tema idêntico, indicando que a estrutura eletrônica do elemento carbono é a responsável pela vida e a que fornece a base física da mesma.

Esta concepção das coisas se aproxima agora tremendamente daquele adotado pelos cabalistas. No momento vou me referir somente ao carbono, deixando que o leitor averigue por si mesmo as correspondências do sódio e do magnésio, mencionadas por Eddington. Os cabalistas afirmam que a manifestação da Vida está definitivamente relacionada e é parte da conotação do número seis. O mesmo carbono tem a ver com a combustão, a combustão do fogo e o calor; o calor, em última análise, tem a ver com o Sol. Podemos supor que o Carbono é uma manifestação, ou a base subjacente, da vida no microcosmo, e o Sol, a fonte de vida no Macrocosmo.

Será observado que uma das diversas atribuições da sexta sephirah, Tiphareth ou Harmonia, era o Sol. Evidentemente, é óbvio que nossa existência depende totalmente da órbita solar e de seu calor, outorgador de vida e vitalidade. Poderia não haver a mais ligeira manifestação de vida neste planeta — pelo menos nenhuma forma de vida como nós a concebemos; nenhum reino mineral, nenhum tipo de vegetação viçosa e exuberante que amamos tão delicadamente; nenhum tipo de vida animal —, se de alguma maneira privar-nos de nosso Pai Sol, com todo seu sustento e calor.

Como veremos, a cabala vai ainda mais longe. Não somente o Sol é nosso Pai do ponto de vista físico, mas que nossa existência espiritual interior, que é nossa verdadeira vida, está intimamente relacionada com a do Sol de todas as maneiras possíveis. O Sol, como o vemos, é o veículo exterior do Sol Espiritual interior; a túnica ardente de um deus ou grupo de deuses de cuja natureza somos parte integrante, e de cuja vida não podemos separar; da mesma forma em que as células que constituem nosso próprio organismo, são osso de nosso osso, carne de nossa carne e alma de nossa alma. Como um dos rituais mágicos — adaptado do *Livro dos Mortos* egípcio — expressa: “Sou o Eidolon de meu pai Tmu, Senhor da Cidade do Sol”.

O estudante de religiões antigas notará também nesta relação o fato inegável de que aos grandes mestres ou Adeptos (aqueles que chegaram a Tiphareth, pelo menos, a sephirah do Sol (☉); veja o próximo capítulo) que deixaram suas impressões no culto popular — Attis, Adônis, Osíris, Mitra, Dionísio, Jesus Cristo — foram identificados, quase sem exceção, com o ciclo da viagem do Sol através dos céus, ou para ser mais preciso, o ciclo de suas vidas

foi adaptado ao ciclo superior do Sol. O Natal é celebrado durante o solstício de verão, a crucificação no equinócio de outono, todos sugerindo o nascimento do ano e a elevação do Sol abaixo do Equador. Existem numerosas variações sobre este tema, porém os símbolos são quase sempre equivalentes. O tema do exemplo ou a história é quase sempre a mesma; esse é o milagre exterior de vida abundante, sempre auto-estabelecida, triunfante sobre a morte — o retorno do Sol.

Por conseguinte, seis pode se referir ao carbono e à ideia dos elementos físicos necessários para a manifestação da vida; porém para os cabalistas, como já indicamos, significa infinitamente mais; imediatamente relacionam o número seis com tudo aquilo que se refere ao Sol, seu número esotérico, seus emissários terrenos e a consciência espiritual como um todo.

Seguindo com a citação do livro de Jeans:

O fenômeno do magnetismo permanente aparece em um grau enorme no ferro e em um grau menor em seus vizinhos, o níquel e o cobalto... Os átomos destes elementos têm 26, 27 e 28 elétrons, respectivamente... Como consequência destas leis, os átomos têm certo número definido de elétrons, a saber, 6, 26 até 28... Tem certas propriedades especiais que se manifestam nos fenômenos da “vida”, “magnetismo” e “radioatividade”, respectivamente.

Estes números 6, 26, 27 e 28 estão claramente relacionados com as ideias mantidas no esquema cabalístico que simbolizam as mesmas qualidades reconhecidas por pensadores científicos como inerentes aos elétrons com o número de átomos já mencionados. O átomo de carbono com seus seis elétrons pode ser atribuído harmoniosamente à sexta sephirah, como já se fez antes, e podemos examinar agora os outros três números com vistas a averiguar de que maneira se relacionam com os princípios filosóficos destacados anteriormente.

O Caminho de nº 26 na Árvore da Vida é a letra Ayin (א), cujas atribuições são emblemáticas das diversas forças criativas da natureza representadas particularmente por Príapo, o deus fecundo; implicando também a ideia do desejo e o instinto cósmicos que se manifestam, por exemplo, na atração coesiva ou no magnetismo de uma molécula por outra.

A letra Peh (פ) é o Caminho nº 27 e sua principal atribuição é Marte, que é a força elétrica vitalizante, animando e impregnando todas as coisas. A tradição atribui o ferro a letra Peh (פ), o número 27, embora haja uma ligeira diferença com a ciência moderna, que assinala que o elemento ferro tem 26 elétrons.

Considerando, contudo, o padrão central com os 26 elétrons girando, teremos 27, que é Peh (פ). Não obstante, isto é arbitrário e está aberto à discussão.

28 é o Caminho de Tsaddi (צ), que une Netzach a Yesod. O significado deste Caminho é mais bem percebido com uma análise das sephiroth que une na Árvore. O gráfico mostra como este Caminho une Netzach e Yesod. Netzach é a esfera de Vênus (♀) e, em conjunto, a implicação desta sephirah é amor de natureza sexual, representando às forças generativas da natureza; por conseguinte as implicações são o magnetismo e o desejo geral de dar. Yesod é a Fundação que é atribuída ao Plano Astral; e a substância astral é, por definição, de natureza magnética, sutil e elétrica. Embora o termo “radioatividade” não foi usado durante o último quarto do século XIX, o leitor poderá, não obstante, descobrir sem nenhuma dificuldade, que a descrição das qualidades da matéria astral são quase idênticas às dadas por investigadores científicos atuais aos elementos que se consideram radioativos.

Creio que já disse bastante para ensinar o leitor em que linhas deve atuar para usar a cabala como um sistema de comparação de ideias. Os exemplos dados não pretendem ser mais do que simples sugestões, e espera-se que, em um futuro não muito distante, algum estudante nos proporcione um estudo claro de toda a história da filosofia, comparando seus logros mais importantes com a ideologia da cabala; e uma classificação cuidadosamente tabulada mostrando a constituição eletrônica dos noventa e dois elementos, um ao lado do outro, com uma série elaborada de correspondências cabalísticas.

CAPÍTULO 8

A ESCADA

Consideramos cuidadosamente a Árvore da Vida como um alfabeto filosófico. Agora se faz necessário contemplá-la com uma visão totalmente nova. Nas diferentes partes desta estrutura encontramos previamente uma qualidade que se corresponde com uma qualidade similar inata no homem, que deve ser desvelada, desenvolvida e aperfeiçoada. Este processo de abertura se chama, graficamente, “subir na árvore”. Em um capítulo anterior dizíamos brevemente que os métodos da cabala eram dois: Meditação e Magia. É necessário clarear agora esta ideia.

Já que foi dito que o Ruach, por causa de suas próprias limitações, não pode nos ajudar na Busca da Verdade, e já que a Fé, como se entende ordinariamente, é ainda mais inútil, é de desejar um método novo de investigação filosófica. De fato, é desejável não somente um novo método, mas uma linha totalmente nova na qual se deve dirigir a investigação.

No positivismo os homens negaram uma região transcendental de consciência quase por completo porque, não admitindo mais possibilidades de relações do que aquelas formuladas pela lógica, negavam a mesma existência das coisas que pareciam ser ilógicas do ponto de vista das ditas fórmulas. O “espiritualismo” moderno, por exemplo, tentou construir um mundo numenal sobre o modelo do mundo dos fenômenos; porém queria demonstrar a todo custo que o “outro mundo” é lógico no nosso ponto de vista; que as mesmas leis operavam ali da mesma forma que o fazem aqui, e que o “outro mundo” não é nada mais e nem nada menos do que uma cópia e ampliação do nosso. Em suma, trata-se de uma formulação crua e bárbara do desconhecido.

A filosofia positivista se deu conta do absurdo destas teses dualistas, porém ao não ter poder para ampliar ou estender o campo de sua atividade, limitada pela lógica, não pôde fazer nada melhor do que negar.

Apenas a Filosofia Mística sentiu a possibilidade de outras relações distintas daquelas do mundo dos fenômenos, e formulou uma lógica aplicável à consciência sobrenatural e transcendental. Porém foi detida em seu progresso por ideias confusas e vagas de investigações organizadas e céticas, sendo-lhe impossível definir e classificar seu material de forma científica. Isto poderia se corrigir e instituir um sistema totalmente cético usando a Árvore Cabalística como meio de classificação.

A ciência deve chegar à cabala porque apenas ela fornece um método coerente e uma nova direção para a investigação. Os métodos místicos e mágicos nos abrem não somente um novo tipo de experiência — acompanhada por fenômenos psicológicos realmente dignos de investigação científica — mas, o que é mais importante e válido, ampliam o conhecimento adicionado de uma região transcendental da consciência. Em seu *Tertium Organum*, P. D. Ouspensky escreve:

Todo conjunto de ensinamentos de movimentos religiosos-filosóficos têm como propósito reconhecido ou oculto “a expansão da consciência”. Este também é o objetivo do “misticismo” de todas as épocas e de todas as doutrinas, o objetivo do ocultismo e da ioga oriental.

Os métodos da cabala — já que apenas ela entre todas as demais parece possuir a única base adequada para a síntese — particularmente amplia a nossa visão do universo mediante uma experiência chamada de formas muitas diversas, religiosa, mística ou supraracional. E por esta se entende uma experiência, melhor dizendo, uma intuição imediata, uma perspicácia espontânea sobre o significado, a natureza e o valor do universo, dando uma visão beatífica de como se correspondem todas as coisas, uma pista para chegar à natureza da Realidade Última. Lidamos aqui com um fato essencial no conhecimento místico; a substituição das atividades ordinárias da consciência racional por uma intuição direta, onde o Neschamah contempla *diretamente* as ideias.

E a experiência, secular ou mística, deve ser sempre a *ultima thule*, além da qual ninguém se atreve a negá-la. Estabelecendo a Experiência Mística como a fonte de inspiração e de conhecimento, apenas recorreremos ao princípio

científico verdadeiro, pois, como Julian Huxley expressou em *O que me atrevo a pensar?*: “a característica mais importante do método científico é sua constante referência à experiência da busca pelo conhecimento”.

O primeiro destes métodos é a Meditação. Os judeus estiveram durante muito tempo em contato com diversos métodos técnicos de meditação. Suas escrituras brilham com muitos exemplos sublimes de homens cujas experiências, resultados indiscutíveis de meditações, foram convicções de indubitável contato com a Realidade; experiências além do mais leve reparo. Por alguma razão a visão de Jeová por Moisés, a grande linha de Profetas — a visão de Deus por parte de Isaías cujo séquito encheu o universo, o êxtase de Ezequiel, elevando por cima de seus pés pelo Espírito e levado de um lugar a outro, a inspiração de Baal Shem Tov e a fundação do movimento hassídico; o próprio fato da profecia em si —, todos estes permanecem como um testemunho vivo e essencial para esta afirmação.

Também no *Talmude* existem pistas obscuras da existência de uma tradição desenvolvida do “Mercavah”, ou o Carro Divino contemplado por Ezequiel. Uma vez que o mundo é um processo de emanção, um surgir da Realidade em sua *alteridade* (para usar uma expressão hegeliana) deve haver uma ascensão correspondente do homem através de seu “carro” — o veículo ou meio pelo qual poderia ser conduzido aos reinos ocultos. E o *Zohar* fala do “beijo divino”, com o qual o homem se une a sua Raiz. É explicado extensamente nos Cânticos: “Beija-me com os beijos de sua boca”, fazendo referência à união das letras do Tetragrammaton. Devo citar, além disso, o seguinte:

Na parte mais misteriosa e elevada do céu há um palácio chamado o Palácio do Amor, onde se escondem profundos mistérios, e os Beijos de Amor do Rei estão ali... Ali o Espírito Santo, para sempre louvado, reúne-se com a Alma Santa (Neschamah). Avança e imediatamente a beija e a acaricia... Como acostumava fazer o pai com sua filha amada, beijá-la, abraça-la e dar-lhe seus regalos, assim o Espírito Santo, para sempre louvado, faz com a Alma pura diariamente (II, 97a).

(A fim de evitar impressões equivocadas devemos prevenir o leitor, quando examinar os textos cabalísticos, contra arcaísmo e formas eróticas de expressão. Com a capacidade de raciocinar mais amplamente não terá nenhuma dificuldade para ler as formas convencionais das escrituras e conseguir uma boa compreensão.)

Neste ponto vamos nos referir à Meditação em sua forma hindu, a Ioga, visto que este sistema tem sido cuidadosamente detalhado; e considerarmos a Meditação como uma fórmula geral, deixando suas divisões particulares para discutir quando falarmos dos graus atribuídos as dez sephiroth.

Patanjali, na primeira frase de seus *Aforismos*, define a meditação como “o impedir as modificações do princípio pensante”. É surpreendente que uma afirmação tão simples tenha sido mal interpretada durante séculos e tenha sido obscurecida pela doutrina religiosa e o sentimento ético. A Ética não tem nada a dizer a respeito desta questão a mais do que o seguinte: que o praticante, enquanto está treinando, deve viver de tal forma que nem a emoção e nem a paixão perturbem o Ruach que se esforça em controlar.

O Ruach, o princípio cujas modificações de pensamento vão controlar-se, permitindo o Neschamah passar pela tranquilidade assim produzida, não é, como já temos observado, o poder supremo do homem. É apenas uma função particular, um instrumento da Yechidah com o qual pensa, trabalha e experimenta. Como Blavatsky escreveu em *A Voz do Silêncio*: “A mente é o grande assassino do real. Deixemos que o discípulo mate o assassino.” A teoria é que a mente não é mais do que um mecanismo para relacionar-se simbolicamente com as impressões, embora sua interpretação nos faça tomar estas impressões como a Realidade. Por conseguinte, o pensamento consciente, é fundamentalmente falso e não permite perceber a realidade.

Existe apenas um simples fator fundamental para a meditação, além de todo dogma e moralidade, e é: *deixar de pensar*. Esta explicação do passo principal que conduz à Experiência Mística é altamente significativa. Explica a oração e seu propósito; e todas as diversas práticas sem considera-las como “simples truques”, por assim dizer, para adquirir a faculdade de poder atenuar a corrente de pensamento e, em última análise, detê-la por completo *a vontade*. Uma imagem hindu expressa esta teoria perfeitamente. Existe um lago no qual se movem cinco glaciares — os cinco sentidos —; o lago seria a mente. Enquanto o gelo, as múltiplas impressões, está se rompendo constantemente no lago, as águas estão inquietas. Uma vez os glaciares se detêm, a superfície se acalma e então e, somente então, ela pode refletir ininterruptamente o disco do Filho — o Augoeides, aquele que brilha com Luz Própria.

Embora seja certo que quando o pensamento dorme está imóvel, a função perceptiva está imobilizada também; e uma vez que desejamos conseguir uma

vigilância e uma atenção perfeitas, não interrompidas pelo surgimento de pensamentos, seguimos este procedimento.

Uma preliminar necessária consiste em imobilizar a consciência do corpo mediante uma prática chamada *Asana*, uma postura pela qual, quando já se tem um pouco de habilidade, nenhuma mensagem de incômodo corporal é enviada ao cérebro.

Observou-se que a respiração das pessoas em êxtase sofre um transtorno de forma destacada e curiosa; por alguma razão o processo se torna muito lento e rítmico. A ioga, em sua forma científica, inverteu o processo e seus devotos tentaram reproduzir certos aspectos dos estados místicos, através de respiração lenta, profunda e enérgica. Pode-se confirmar esta teoria nos escritos de Santo Inácio de Loyola. Com este exercício consegue-se impedir que alguns pensamentos sejam totalmente impedidos de forçar a sua entrada na consciência, e aqueles que chegam à mente o fazem, desta forma, mais lentamente, dando tempo suficiente ao praticante para perceber sua falsidade e, em consequência, destruí-los. Em suma, há indubitavelmente uma conexão real entre a quantidade proporcional de respiração e a condição do cérebro ou o estado da mente, como demonstra a experimentação.

As emoções são, então, imobilizadas para evitar que apareçam e excitem à mente que estamos tentando manter tranquila. No *Pratyahara* analisamos a mente com mais profundidade. É um tipo de exame geral dos conteúdos da mente, e se diz que na introspecção pratyahárica se percebem diretamente os argumentos subjacentes no idealismo berkeliano.

Desta forma, começamos a controlar e restringir o pensamento, seja do tipo que for, e a suprimir todos os pensamentos mediante uma concentração direta sobre um único pensamento que finalmente desaparece. A filosofia de Fichte nos ensinou que os conteúdos da mente consistiam em todo momento em duas coisas: o Objeto ou Não-Ego, que é variável, e o Sujeito ou Ego, aparentemente invariável.

O êxito na meditação consegue fazer o objeto tão invariável como o sujeito, isto produz um choque terrível, pois ocorre uma união e *os dois se convertem em um*. O rabino Baer, o sucessor hassídico de Israel Baal Shem Tov, ensinou que, quando a pessoa se tornava tão absorta na contemplação de um objeto, de modo que todo o poder do pensamento se concentra sobre um único ponto, então o Self se mistura e se unifica com este ponto. Esta é a Boda Mística, tão frequentemente citada na literatura do ocultismo, e em relação a qual se tem

usado tantos símbolos extravagantes. Esta união tem o efeito de uma demolição completa de todo o equilíbrio normal da mente, lançando todas as faculdades poéticas, emocionais e espirituais a um êxtase sublime e fazendo que, ao mesmo tempo, o resto da vida pareça absolutamente banal. Chega como uma experiência do todo indescritível, inclusive para aqueles que são mestre na linguagem e, permanece apenas como uma recordação maravilhosa, perfeita em todos os seus detalhes.

Durante este estado, todas as condições de limitação, tais como tempo, espaço e pensamento, são totalmente abolidas. É impossível tentar explicar a implicação real deste fato, apenas a experiência repetida pode nos permitir entendê-lo. Pois se trata de uma experiência além de qualquer descrição; um puro sem fim, onde o sujeito não fala sobre qualquer coisa; onde ambos, sujeito e objetos, se transcendem, restando somente uma compreensão espiritual sublime, uma experiência sem nome.

É a mais vívida de todas as experiências, pois ela representa um absoluto atordoamento para a mente; todos os demais acontecimentos da vida cotidiana estão envoltos na mais completa obscuridade em comparação com ela. O homem que experimentou as formas mais intensas deste estado de consciência está completamente liberado. O universo com seus vínculos está destruído para ele e ele para o universo e, desta maneira, sua vontade pode atuar livremente.

Agora, a Magia ou a Cabala Prática, tem como objetivo alcançar um estado semelhante de consciência, embora esta aproximação seja em um ângulo diferente. Da mesma maneira que existem vários métodos técnicos de ioga, também há em Magia. Neste estado de exegese, desconheço totalmente os sortilégios e amuletos que compreendem a maior parte dos trabalhos cabalísticos como em *Sepher Ratziel ha Maloch* e *A Chave Maior do Rei Salomão*.

Minhas referências se baseiam principalmente nos orientados à taumaturgia espiritual manifestada, por exemplo, em *A Magia Sagrada de Abramelin o Mago* e invocações como “O Não-Nascido”, *Liber Israfel*; sendo este último uma adaptação de *O Libro dos Mortos* e os profundos fragmentos do ritual lírico encontrados nos manuscritos de Dee. Quando um homem se esforça por aperfeiçoar a sua meditação, a revolta da vontade humana e o Ruach se tornam violenta, e apenas mediante uma experiência se pode descobrir a ingenuidade quase diabólica da mente para tentar escapar ao controle. Existem métodos para treinar esta vontade, com os quais é mais ou menos fácil revisar o progresso. O ritual mágico é um processo mnemônico dirigido a este fim. Digo

mnemônico deliberadamente, para responder às objeções que se fazem ao “aparato” usado pelo cabalista prático.

Mediante cada ato, palavra e pensamento, o único objetivo da cerimônia — a Invocação do Sagrado Anjo Guardião — está sendo indicado constantemente. Cada sufumigação, invocação, banimento e deambulação são simplesmente lembretes do único propósito — tendo sido adicionados símbolos após símbolos, emoção após emoção — até que chega o momento supremo e cada nervo do corpo, cada canal de força do Nephesh e do Ruach se põe em tensão em um organismo esmagador, uma corrente de êxtase da Vontade e da Alma na direção indicada.

Todas as coisas estão tão dispostas na operação que recordarão ao mago o seu único Objetivo, seu único Objeto Verdadeiro. Ele decide que cada arma e instrumento usados em sua cerimônia servirão para recordá-lo de seu fim escolhido, fazendo cada impressão (mediante o alfabeto cabalístico de associação de ideias) o ponto de partida de uma série relacionada de pensamentos que acabam nessa coisa. Toda a sua energia está determinada em cada ato que será vantajoso para as suas invocações.

Em um Templo que tipifica o universo, já que é consciente dele, desenha um círculo para anunciar a natureza de sua operação. O círculo é, antes de tudo, um glifo universal do Infinito (Ain) com o qual afirma a sua identidade, e afirma, além disso, que se limita ao alcance de certo objetivo, o de chegar a seu Anjo, e que não vagará por mais tempo sem objetivo no mundo da matéria, a ilusão e a impermanência. Este círculo está protegido por vários nomes divinos, as influências nas quais confia para guardar-se dos viciosos demônios do exterior, os pensamentos hostis de seu próprio ego empírico que vai ser exorcizado e transcendido. Nesta figura está o fundamento de todo seu trabalho, um Altar, o símbolo de sua Vontade determinada. Tudo se guarda no sacrário do Altar, pois tudo está sujeito à lei; exceto a Lâmpada pendurada sobre sua cabeça, a Luz de seu Self Verdadeiro, iluminando tudo.

Sobre este altar estão ordenados o seu Bastão, Espada, Taça e Pantáculo. O Bastão é o símbolo terrestre de sua Vontade Divina, Sabedoria e Mundo Criativo, sua força divina — assim como a Espada é a sua força humana, a faculdade analítica aguçada do Ruach. É a mente que é seu mecanismo para relacionar-se simbolicamente com as impressões, e sua capacidade para a crítica. A Taça é o seu Entendimento, o aspecto passivo de sua Vontade; o une com Isso que está além, no lado negativo; sendo côncava e receptiva da

influência que desce do Alto. O Pantáculo é plano, o templo de seu Espírito Santo; da terra e terrena, é a sua natureza inferior, é o seu corpo.

AS ARMAS MÁGICAS

Nº	SEPHIRAH	ARMA	SIMBOLIZANDO:
1	Kether	Lâmpada	Luz Espiritual e o Verdadeiro Self
2	Chokmah	Bastão	A Vontade Mágica e a Sabedoria Divina
3	Binah	Taça	A Intuição
4	Chesed	Cetro e Coroa	Senhoria e Divindade
5	Geburah	Espada	A Razão e a Capacidade de dispersar pensamentos estranhos
6	Tiphareth	Lamen	Intenção de realizar a Grande Obra
7	Netzach	Túnica	Esplendor e Glória
8	Hod	Livro de Invocações	Seu Registro Cármico – a Memória Mágica
9	Yesod	Altar e Perfumes	Sua Vontade e Aspiração Determinada
10	Malkuth	Templo, Círculo e Pantáculo	O Templo do Espírito Santo

Sobre o altar há um frasco de azeite, sua aspiração a um Self mais nobre, a uma realidade mais elevada, consagrando-se a ele e a tudo que toca à realização da Grande Obra. Outras três armas rodeiam o azeite, o Chicote que lhe açoita, a Adaga que lhe fere e a Corrente que lhe ata a um único fim. É esta

autodisciplina que mantém pura a sua aspiração. Na cabeça leva uma Coroa dourada, mostrando seu senhorio e divindade; e uma túnica que simboliza a glória e o silêncio em que se consuma a boda celestial. Em seu peito, sobre o coração, leva um Lamen que resume o seu conceito da Grande Obra e declara a natureza do trabalho particular que está realizando.

Assim, pois, fazendo de cada instrumento um símbolo que recorda o seu único propósito, alcança finalmente em seu trabalho o mesmo objetivo que o místico. O último trabalha para socavar a sua consciência racional, por assim dizer, para destruir a dualidade; enquanto que o condutor do carro mágico atua adicionando ideia atrás de ideia, êxtase ao êxtase, até que a mente, incapaz de conter-se em si mesma, supera suas limitações e em um orgasmo avassalador de felicidade se une a Isso que não tem nome.

Os cabalistas sugerem uma reflexão sobre a natureza do simbolismo das armas mágicas. Temos, evidentemente, a simbologia freudiana, e de tal interpretação podem derivar-se coisas muito valiosas. Tenho pouca simpatia, contudo, por aqueles intelectos pouco profundos que desacreditariam a religião e particularmente a magia, pretextando que é uma interpretação apenas sexual. A única resposta em tal caso pode ser exigir uma definição daquilo que se pretende dizer com tamanho absurdo.

É verdade, por exemplo, que a Vontade Criativa está simbolizada pelo Bastão e que este mesmo Bastão pode ser representado pelo falo. Porém tal designação de símbolos eleva o significado do sinal terrestre a um plano espiritual de alta categoria. Como o estudante do *Zohar* pode descobrir por si mesmo, o sexo é claramente sacramental e sua utilização margeia com o divino. E, em qualquer caso, seu significado sugere forças e poderes que — como a confusão no passado referindo-se ao Inconsciente, e o interesse atual estendido pelas glândulas e os efeitos das secreções glandulares sobre a personalidade —, representam realidades que, claramente, não são *simplesmente* fisiológicas. É este fato que o leitor deve recordar.

E relação à prática teúrgica e o cerimonial sem ter nenhuma relação com as obscuridades goéticas, temos algumas indicações nos *Estudos do Misticismo*, de Mr. Waite, que são muito profundas e por sua vez vale a pena citar neste ponto:

Aqueles que conheceram os processos espirituais seguidos pelos místicos antigos sabem que estes processos estão definidos... nas cerimônias das grandes iniciações, e embora não sem resistir-se oferecem... somente os substitutos de coisas que são incomunicáveis da parte dramática do mistério... há uma condição induzida no

candidato pela qual se, quanto ao demais, está preparado, pode entrar na esfera da experiência verdadeira.

De outro ponto de vista, o mago decide pôr-se em harmonia com o cosmo, que ele deifica. O Sol é para ele, como já observamos, um princípio espiritual, um deus; a Lua é outro; os planetas são outras Forças com as quais está vitalmente relacionado, e compreende que o ritmo do cosmo é algo do qual não se pode e nem se deve escapar sem empobrecer amargamente a sua existência. Seu objetivo é unir-se a estas potências espirituais. O hierofante da antiguidade — nos rituais — diria ao Neófito: “não há nenhuma parte de mim que não seja dos deuses”.

Os antigos cristãos se esforçam por aniquilar este espírito, o espírito da antiga celebração pagã do ritual espiritual e, em certa medida, conseguiram. A Igreja condenou tudo que era pagão ou oculto, e acabou com o culto aos planetas e ao zodíaco, talvez porque inclusive a astrologia já tinha envilecido dedicando-se à simples adivinhação. Sua intenção era eliminar os festivais astronômicos anuais, porém a única coisa que fez foi estabelecer outros em seu lugar. Então chegou o cisma quando a divisão rompeu a antiga unidade da Igreja, e o protestantismo desferiu um golpe mortal a este ritmo religioso e ritualístico do ano na vida humana. O inconformismo, com habilidade, deu os toques finais ao crime abismal. Agora, para demonstrar a grandeza do progresso moderno, temos um povão pobre, miserável, desconectado de tudo aquilo que não sejam películas americanas, política e férias vazias para satisfazer a necessidade humana, sempre presente, de viver em harmonia com as forças espirituais e universais que servem de base à natureza e a todos os seus fenômenos.

Os Iniciados, compreendendo que o homem nem sempre havia vivido somente de pão, mas com a consciência dos deuses eternamente vivos, e com o espírito do Sol e da Lua e a terra em suas revoluções, restabeleceram em segredo os dias e festas sagradas, quase como os tinham os gregos pagãos, com os intervalos da saída do Sol, ao meio-dia, ao pôr do Sol e a meia-noite, dedicado ao culto — as quatro maiores estações diárias do Sol. Depois o antigo ciclo de Páscoa, com a crucificação ou ideia do Deus Solar; depois Pentecostes e nove meses mais tarde o Natal, seu renascimento. Séculos antes da era cristã as nações haviam vivido neste ritmo cósmico sob a guia de seus Adeptos-Sacerdotes-Reis.

Estamos aconselhados a retornar a esses rituais, porque, verdade seja dita, corremos o risco de arruinar a nossa alma exteriormente pela falta de realização de nossas maiores necessidades. Estamos privados das fontes perenes de nosso universo interior. Vitalmente a raça humana parece estar morrendo, e para o conjunto desintegrado da humanidade inclusive o universo parece estar morto.

Como o falecido D. H. Lawrence escreveu tão eloquentemente:

O Saber matou o sol, convertendo-o em uma bola de gás, com pontos; “o saber” matou a lua, é um pouco de terra morta, corroída por crateras extintas e varíola; a máquina matou a Terra, fazendo-a uma superfície mais ou menos desigual sobre a qual se viaja.

Mr. Lawrence prossegue afirmando que tudo isto significa uma volta às formas antigas, se pusermos a humanidade cara a cara, mais uma vez, com a realidade espiritual.

Porém, primeiro, temos que criar estas formas novamente. Temos de desenvolvê-las para conformá-las a nossas necessidades atuais. Como vamos despertar o universo à vida vibrante e latente? Como, fora de tudo isto, vamos regressar às grandes órbitas celestes da alma que deveriam preencher-nos com uma felicidade impossível de expressar? Como vamos regressar, pois devemos fazê-lo, a Apolo, Deméter e Perséfone ou seus equivalentes? Ao culto de Baco, Dionísio, das forças extáticas da natureza vital eterna, e aos Ritos de Elêusis? Este é o nosso problema, e é um problema terrível que algum dia teremos que encarar e resolver.

Devemos nos recuperar, já que ali reside nossa Alma, que é nossa consciência suprema. Isto nós sentimos — nós sabemos. O mundo inerte de fria razão com seu pedaço morto de lua sobre nós; o sol que é “tanta quantidade de gás ardente”, seco e estéril, um mundo de intelectualidade seca e estéril.

Quando reconhecemos que o mundo está em união com nós mesmos; quando reconhecemos a Terra como a matriz e o símbolo de Nuit — nossa Dama dos Céus Estrelados, nossa Mãe do Prazer —; a bela e brilhante Lua, nos dando nosso corpo com um Gozo de Silfos ou roubando-nos sigilosamente —; quando reconhecemos o deus Ra-Hoor-Khuit, o Grande Leão Dourado, nos dando o seu calor e sustento, ou mais ainda, como um leão vermelho e faminto, nos fazendo frente com reluzentes e abertas mandíbulas, então poderemos compreender que o universo é um organismo vivo do qual somos uma parte integral.

Quem poderia deixar de sentir a regeneração espiritual surgir em seu interior e se estremecer silenciosamente quando, nas primeiras horas de uma manhã brilhante, o grande disco dourado e ardente do Sol se eleva majestosamente sobre as brumosas e púrpuras bordas em forma de nuvens vibrantes no distante horizonte, e alguém levanta seus braços com alegria extática à aurora dourada em um profundo gesto de glorificação, de ditosa oração:

Saudações a Ti que és Ra em tua aurora, sempre a Ti que és Ra em tua Força, que viajas sobre os céus em teu barco no levante do Sol.

Tahuti em todo o seu esplendor está na proa e Ra-Hoor permanece no timão.
Saudações a Ti dos domínios da Noite.

Devemos regressar a isto, dizem os cabalistas; a uma concepção viva e dinâmica do cosmo. E a maneira de fazê-lo é mediante o ritual diário. Nosso despertar, com a invocação aos deuses, a uma manifestação sem final como presenças vivas em nossos próprios corações, almas e em nossos próprios corpos.

Tal é o conceito da Cabala Prática. Brevemente, para resumir o seu propósito, os cabalistas afirmam que a Magia é útil para produzir o Transe — no verdadeiro sentido da palavra — e o Êxtase, porque proporciona um excelente treinamento da mente, e o desenvolvimento da Vontade preparatória para, ou em união com, a meditação. Exalta a alma, como nenhum outro método pode fazer, à sublimidade impessoal e divina além do Abismo, que é a precursora do êxito da União. Também aumenta o campo de ações da mente, afastando limitações arbitrárias, dando-lhe domínio sobre cada plano sutil da Natureza, proporcionando material adequado para a consumação extática do “beijo divino”, ou o *hisdabekus*, como o denomina o hassidismo.

Existem algumas pessoas que, ao mesmo tempo em que estão totalmente abertas às vantagens do estado místico e aos principais benefícios que confere, também estão horrorizadas ou assustadas com os perigos que veem em seu desenvolvimento.

Que estes processos conduzem à auto-hipnose é uma falácia absoluta. Os que o afirmam vão muito longe sem uma evidência média de um amplo número de casos observados. Também está a crítica da epilepsia, alucinação e loucura. Os figos não procedem dos cardos, nem a organização e a capacidade moral podem surgir da desorganização. Se a experiência mística — com sua

consequente ampliação do universo e sua intensificação de todo o caráter e sanidade de um homem, seu poder para legar conhecimentos — é o resultado de uma psicose e enfermidade anormais, então devemos mudar de uma vez e pôr todas as nossas ideias sobre aquilo que é mórbido e aquilo que é insano. Devemos ter uma total transvaloração de todos os valores existentes. Se homens como Krishna, Buda e Platão, e uma vasta lista de nomes iguais e menores em importância, deveram seu poder à auto-hipnose e à epilepsia, então, criamos em verdade aqui, o mais poderoso argumento para cultivar a epilepsia. Estas são as chaves que, neste mundo, abrirão as portas apressadamente fechadas de seu mistério.

Porém, basta! Estas objeções surgem de uma interpretação totalmente falsa da natureza da experiência e dos métodos que conduzem a ela. Em seu *O Nascimento da Tragédia*, Friedrich Nietzsche se referia com indignação aos numerosos ataques feitos contra os êxtases dos coros de Baco dos gregos, das eufóricas embriaguezes espirituais dos bailarinos de São João e São Vito na Idade Média alemã, tal e como se segue:

Existem alguns que, por falta de experiência ou por estupidez, se afastaram de tais fenômenos considerando-os como “enfermidades populares” com um sorriso de desprezo ou piedade, inspirado pela consciência de sua própria saúde; evidentemente, os pobres desgraçados não adivinham o aspecto cadavérico e fantasmal que tem esta grande “saúde” de suas pessoas quando a intensa vida dos embriagados dionisianos passa rapidamente junto a eles.

O Prof. William James escreveu em *Variedade de Experiências Religiosas*:

Não é necessário dizer que o materialismo médico, na realidade, não arranca tal conclusão cética e dramática. É certo, como cada homem simples está seguro, que alguns estados da mente são superiores internamente a outros, e nos revelam mais verdades, e neste simplesmente se faz uso de um critério espiritual ordinário. Este critério não tem nenhuma teoria fisiológica sobre a produção destes, seus estados favoritos, pela qual pode acreditá-los; e sua intenção de desqualificar os estados que desgostam, associando-os vagamente com os nervos e o fígado e conectando-os com nomes que têm conotações de aflições corporais, resulta um conjunto ilógico e inconsciente.

Não faz muito tempo, em 27 de maio de 1931, Mr. J. W. N. Sullivan, o matemático e expoente dos princípios científicos populares, escreveu no *The Daily Express* que parecia haver, por parte dos escritores não místicos e

pensadores atuais, uma crescente compreensão do valor da experiência que estamos tratando de explicar. Escreve:

Não crio que o misticismo seja uma simples aberração mental.

Sinto-me inclinado a crer que a consciência humana é algo em vias de desenvolvimento e que a consciência mística representa um estado mais elevado do que aquela que temos alcançado.

A experiência obtida com a Meditação ou com a Magia está ensinada pela aparição de um tipo de consciência totalmente nova, não diferenciando em um estado sujeito-objeto, pois estes se fundiram em uma Unidade íntegra. Qualquer coisa que se veja, que se ouça, ou que se sinta nestes momentos, se inunda com uma afluência das profundezas do homem interior. Forças muito profundas que não se põem normalmente em jogo parecem liberadas de repente, os isolamentos usuais que dividem e limitam nossa vida interior em compartimentos separados, parecem disparar-se. O homem em sua totalidade, considerando como a unidade da Árvore Sephirótica, com todas as suas qualidades — em uma experiência integral e inteira — se encontra a si mesmo. Não apenas isto, mas a sabedoria transcendental além do Abismo parece invadir ou elevar à Ruach; uma consciência mais ampla do ambiente, uma presença desdobrada se faz sentir. É a afluência de um novo tipo de nível de vida, correspondendo de alguma maneira a fontes últimas de Realidade; é uma onda de todo o Self pela inefável plenitude da vida.

O leitor terá notado que nestas páginas não mencionamos aquilo que se conhece normalmente como Misticismo da Natureza e nem a seus defensores, essas pessoas formais que descobriram as fortalezas internas da Natureza mediante a tranquila contemplação de belas paisagens, com suas nobres árvores verdes que se elevam como em adoração aos céus e cuja frondosidade guarnecida balança suavemente ao passo de brisas ligeiras, seus exuberantes prados de cor esmeralda, e seus aprazíveis arroios que seguem seu incansável caminho através de campos e pastos até a Mãe Mar. Na realidade isso não pertence à disciplina que contemplei no princípio, ilustrando as páginas deste livro, embora possa demonstrar-se de forma breve e simples que a experiência incluída aqui é suscetível de ser analisada e ser produzida por uma aplicação inconsciente dos princípios fundamentais descritos anteriormente. A riqueza e a variedade exuberante da irresistível beleza de amplos Campos Arcadianos e colinas ondulantes, atuam de duas formas distintas, variando segundo diferentes indivíduos em distintos lugares.

A paz imponente e o silêncio reinante no profundo e remoto seio da natureza podem atuar como um poderoso sedativo para a mente inquieta de um determinado tipo de pessoa, e as “modificações do princípio pensante” se veem automaticamente impedidas da mesma forma que acontecia na Meditação. Existe, evidentemente, uma diferença importante; pois no último caso — na meditação —, o mesmo praticante dirige conscientemente e a *vontade* o processo temperante do movimento em torvelinho de seu Ruach; enquanto que, no primeiro caso, embora a experiência seja espontânea enobrecedora, nunca se pode estar razoavelmente seguro de que ocorrerá o acontecimento desejado e muito aguardado, que chega como a calma graciosa que se vê em um país tropical depois de uma chuva forte e violenta.

No segundo caso, a mesma paisagem ou as múltiplas sensações de bosques secretos e obscuros com a impressão das assembleias das hostes do Poderoso, as correntes melodiosas e os riachos, e o gorjeio despreocupado de pássaros no empíreo; tudo isto é como a base mnemônica do ritual, criando necessariamente aquilo que podemos chamar de um efeito mágico. Ou seja, satisfazer a mente receptora com o êxtase ilimitado de felicidade e alegria, e o Ruach individual transcende temporalmente as suas barreiras inibidoras de costume, tabu e restrição e volta até seu *Tsureh* por cima do deserto e árido Abismo; ou, mais ainda, entra em uma sublime união com a Alma da Natureza Universal. Neste momento não podemos fazer comparações mais amplas, porém um exemplo deste tipo citado de experiência da natureza pode dar-se vantajosamente em uma citação bastante extensa de Clare Cameron em sua esplêndida obra *Verdes Campos da Inglaterra*:

Boas as longas horas de silêncio empapadas de sol, onde através das portas abertas de golpe do espírito arrastando-se na luz de cristal e a suave música do mar, viver ali muito tempo depois de que as portas se fecharão novamente. De corpo inteiro sobre a areia ou mergulhada sob a água, o Ser era o Êxtase. Havia uma intensa consciência de uma juventude que não se conhece nas cidades, uma juventude vigorosa e feliz que está feita de ardor do sol e do ritmo do mar... Meu corpo, ali na areia, era uma vasilha para guardar a todos, um cálice precioso, regalo de Deus, rígido com amor e piedade, que não se atrevia a mover-se para que o vinho mágico não se derrame e quebre o encanto... Pensei que nunca havido sido tão feliz, que havia bebido o vinho dos deuses mais do que os elementos comuns da terra.

... Pois, oculta entre eles e já revelada, estava essa Beleza Secreta que arde no coração de todo o belo e vital, que é, por sua vez, espada e bálsamo, o Talismã da Verdade e o Pão da Vida.

... Observei a terra impaciente respondendo ao ardor do céu. Converteram-se em uma unidade quando a cor se desvanecia e chegava a obscuridade para cobrir o êxtase místico de sua união. Bela e viril terra. Belo e poderoso mar. Tenro céu e inebriantes beijos do ar. Meus donos, meus amantes, meus amigos. De dia era suficiente em estar com eles, seu companheiro, o cúmplice alegre, seu ouvinte privilegiado dos segredos nunca suficientemente revelados, da sabedoria nunca totalmente compreendida; uno com eles, fortes e jovens mãos nas dele, fortes e jovens pés correndo ao seu lado, a mesma alegria no coração e o mesmo ardor no sangue, o mesmo indizível amor pela vida.

Porém pela noite, na fria e perfumada obscuridade, antes que a terra fosse enfeitiçada sob a lua azul dos fenícios, um desassossego que não se apaziguaria nem falando e nem caminhando, nem lendo e nem rindo. Como se as flautas de Pan soassem tranquilas, tênues e doces, e com uma música ouvida à luz do sol. Como se os jogos e prazeres do dia com os companheiros invisíveis não fossem suficientes, porém pela noite levavam a territórios, todavia, desconhecidos, onde o sentimento dos mortais não podia seguir... Territórios não proibidos, mas secretos, perdidos e escondidos a uma compreensão humana mais grosseira. “Vamos, vamos! Segui, segui!...” Uma paz indizível voltava a mim depois desse vagar ocioso, pois o espírito da água havia passeado pela areia ao meu lado, com um ritmo silencioso de pés e coração, um espírito que havia entrado no meu e trazido uma felicidade e uma satisfação indizíveis e uma plenitude solene, e subia comigo pelo caminho arenoso e pela escada tortuosa, e aos vastos reinos do sonho...

Os métodos adotados pela cabala trazem uma nova ciência ao mundo, proporcionando um enorme campo de investigação a todos os que se decidem a empregá-los. O homem de ciência descobrirá fenômenos não classificados para registrar e analisar. Ao filósofo se desvelarão novos estados de consciência; estados que, por causa do importante caminho que seguiu, foram, até agora, excluídos de seu exame. Do ponto de vista psicológico os seguintes pontos se verificam pela experiência que estamos discutindo:

1. Os resultados são totalmente ilógicos sob o nosso ponto de vista ordinário, porém dão uma forma de conhecimento que nenhuma outra coisa pode dar.

2. Os estados místicos de todos os homens de diferentes épocas mostram uma extraordinária similaridade.

3. Refere-se a algo que representa a Realidade.

4. A experiência produz resultados bem definidos: *genialidade*.

A experiência produz arte e genialidade em cada campo de esforço, porque ali todas as formas parecem falar, e se ganha uma imediata intuição da forma. Um se converte num observador consciencioso e disposto da vida mesma mais do que das coisas externas usadas pela vida, e da Visão Beatífica se lê o significado da existência e com estas imagens se prepara para a vida e sua apreciação na expressão como gênio.

Isto é aquilo que umas poucas pessoas sinceras necessitam. O aconselhar um método científico aplicado a estes métodos e resultados tem o propósito de converter as investigações cabalísticas em tão sistemáticas e científicas como a física, para redimir de fealdade à cabala e fazê-la objeto de respeito para aqueles cuja mente e integridade estão mais em necessidade de seus benefícios e os fazem mais aptos para obtê-los. Isto é de urgente necessidade. Ao apropriar-nos de certas ideias antigas e incluí-las em nossa classificação, revisando-as para adequá-las às ideias e necessidades modernas, opino que temos uma bateria ideal com a qual atacar os baluartes das fortalezas entre nós e empreender o alcance da Verdade.

Dos membros da Rosacruz, sem entrar em polêmicas de saber se atualmente existe uma organização genuína que descenda diretamente da fonte original, herdamos um sistema de graus, que podemos tabular da seguinte maneira (veja a figura 14 na página 160):

1.	Kether	Ipsissimus	⑩ = 1
2.	Chokmah	Magus	⑨ = 2
3.	Binah	Magister Templi	⑧ = 3
4.	Chesed	Adeptus Exemptus	⑦ = 4
5.	Geburah	Adeptus Major	⑥ = 5
6.	Tiphareth	Adeptus Minor	⑤ = 6
7.	Netzach	Philosophus	④ = 7
8.	Hod	Practicus	③ = 8
9.	Yesod	Zelator	② = 9
10.	Malkuth	Neófito	① = 10

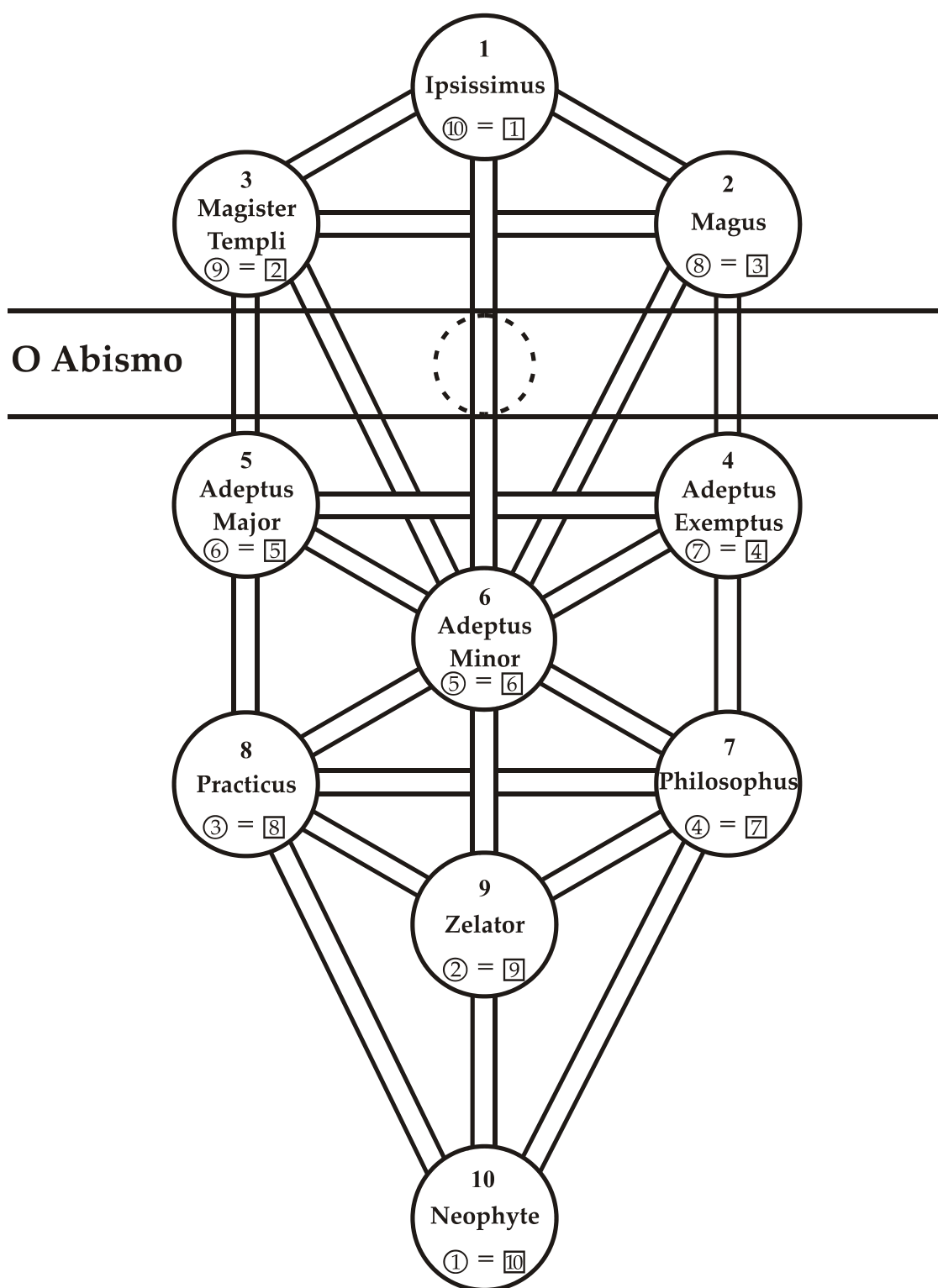


Figura 14: Os Graus na Árvore da Vida

Os números dos graus, como ③ = [8], implicam uma operação na qual atua o equilíbrio de Saturno e Mercúrio. Também serve para recordar-nos que, se desencorajado, por exemplo, três membros principais da Árvore já foram escalados; se egoísta ou orgulhoso, que oito degraus a mais de igual importância ainda devem ser escalados, e que a maioria das dificuldades ainda não foi conquistada. Ou seja, o número harmoniza o conceito de trabalho já realizado com vantagens ainda a ser adquiridas.

Observemos este sistema e vejamos aonde nossa descrição dos Caminhos da Magia e da Meditação conecta com a Árvore da Vida, recordando em todo momento as atribuições e o significado de cada sephirah.

Considera-se que o estudante está em Malkuth depois de ter passado por um período probatório, durante o qual se familiarizou com as diversas técnicas que serão usadas em seu grau seguinte. Como um neófito, seu trabalho particular é obter um controle completo daquilo que se chama Plano Astral, indo até Yesod pelo Caminho de nº 32, de Tau (⌚). Será útil consultar o gráfico da Árvore da Vida para facilitar as explicações. A ideia de um corpo astral não será totalmente estranha ao leitor que entendeu as propostas do capítulo intitulado “Adam Kadmon”. Este corpo deve ser totalmente formulado, fortalecido e purificado, até que possa funcionar independentemente do corpo físico, como um organismo brilhante, resplandecente e bem definido, capacitado para lidar com os fantasmas neste plano.

Também é tarefa do estudante neste momento construir um pantáculo sobre o qual deverá gravar um símbolo, idealizado por ele mesmo, para expressar a sua ideia do Universo.

Para sua ascensão ao grau de Zelator deve aplicar-se aos primeiros estados da ioga, que são *Asana* e *Pranayama*. Deve escolher uma posição na qual meditar e dominá-la para que possa permanecer absolutamente imóvel durante longos períodos de tempo; seu êxito será medido colocando-se um copo cheio de água até a borda sobre a sua cabeça, do qual não deve se derramar-se nem uma gota.

No *Pranayama* deve descobrir precisamente os efeitos que têm as proporções e formas de respiração nos fundamentos de seu ser. Deve-se recordar que o grau de Zelator é atribuído a Yesod, o Fundamento.

A parte mágica do trabalho neste grau é forjar uma poderosa espada mágica em aço (representativa da faculdade crítica e analítica de seu Ruach) com a qual o estudante deve se preparar para cortar, em um segundo, aquelas

forças cegas que permanecem ante ele, dificultando seu progresso para chegar ao objetivo que pretende.

Como um Practicus (situa-se em Hod, a esfera de Mercúrio, ☿, seu deus) espera completar seu treinamento intelectual. A filosofia e a metafísica são os meios para cumprir esta tarefa e, em particular, a Santa Cabala, que espera dominar antes de poder ir adiante. Deve descobrir por si mesmo as propriedades de um número nunca examinado previamente por ele, e em respostas a perguntas intelectuais ele deve mostrar não menos domínio sobre o assunto do que aquele realizado em um exame final de Doutor em Ciências ou em Filosofia.

Aqui se espera, também, que construa a sua Taça Mágica que vai representar o Neschamah, seu Entendimento e Intuição; dedicar-se para obter maestria e obtê-la sobre os ritos mágicos da Evocação. Os resultados da Evocação deveriam ser inequivocamente perceptíveis para os olhos físicos. Assim como uma espessa nuvem de gás denso é normalmente visível, da mesma forma, ao menos, deveria o Practicus tornar visível o Espírito convocado em seu rito mágico.

Como um Philosophus entra na esfera de Vênus, aqui para aprender como controlar corretamente a sua natureza emocional, para completar sua aprendizagem moral e para desenvolver sua devoção. Que ele escolha certa ideia ou um deus e dedique-se de corpo e alma a seu culto, até que se desenvolva em seu próprio coração. Deve olhar esse ideal de diferentes formas, como um Mestre, seu Amigo, seu Pai, seu Amado, ou a si mesmo como o Sacerdote de um Deus. Este é o *Bhakta Yoga*, a união pelo Caminho da Devoção.

No primeiro caso abandonará toda consideração de bem-estar e recompensa pessoal por Seu deus; e no segundo caso, olha seu deus escolhido como o seu amigo mais querido, sem sentir reserva em Sua presença. Não há nenhum vestígio de temor em seu amor, pois ele olha para si mesmo como o filho de seu deus, de quem já não mantém a uma distância respeitosa, ou se aproxima com um coração tímido. Como um noivo, ao Philosophus a simples ideia da separação implicará a infelicidade, o abatimento e a angústia maiores. Então se considera como o Supremo Sacerdote de seu deus, suplicando-lhe que apareça em resposta aos rogos e invocações oferecidos, buscando estabelecer uma devoção semelhante à de São Francisco de Assis por Cristo, e a Abdullah Haji Shiraz por Alá.

Neste ponto é necessário construir o seu Bastão. O Bastão é o símbolo da Vontade Divina, que ele está desenvolvendo em um poderoso potencial, capaz de realizar mudanças com um simples gesto.

Estes quatro graus que precedem Tiphareth e a consumação das tarefas relacionadas com ele, se pode considerar como o equivalente do título hebraico laudatório — Chassid.

Agora se aproxima a maior crise de sua carreira. Tendo chegado ao conhecimento de si mesmo com todos os métodos técnicos de Magia e Meditação, e ao ter-se tornado um especialista no manejo de todas estas armas, deve harmonizá-las (já que seu grau está em Tiphareth — Harmonia) e usá-las como ditam sua experiência e instinto para realizar a operação central de toda magia e misticismo; alcançar o Conhecimento e a Conversação com seu Sagrado Anjo Guardião: o descobrimento de sua Vontade Verdadeira e a averiguação do orbe celestial que ele, como uma estrela, deve seguir. Esta é a tarefa essencial de cada homem; nenhuma outra está ao seu nível, nem o progresso pessoal nem a habilidade para ajudar ao próximo, nem resolver os problemas da existência. Esta crise, e outra que vamos descrever, é uma característica necessária em sua carreira mística, uma característica absolutamente essencial em sua Busca.

Escrever sobre os graus que estão acima de ⑤ = ⑥ se torna cada vez mais difícil porque, sem ser um Adeptus Minor em si mesmo, o leitor não tem nenhum meio de entender aquilo que o Adepto considera um trabalho necessário, já que seu ponto de vista difere enormemente do homem erudito corrente. Evidentemente, o pouco que transcendeu do Santuário e chegou através da tradição, também pode-se notar aqui. Para converter-se em um Adeptus Major, (na esfera de Geburah — Poder) o Adepto ocupa da investigação de todos os ramos e fórmulas da Magia Prática e adquire aquilo que se conhece como *Siddhis* ou poderes mágicos.

Então avança até o grau de ⑦ = ④, o Adeptus Exemptus. Sua tarefa é descobrir *o que* ele é, de onde veio, por que está aqui neste planeta particular e não em outro, e aonde o levará o seu destino. Isto é conseguido mediante o cultivo da memória de suas reencarnações passadas. Põe-se diante de um horrível corcunda (?), olhando-o como sorna e com uma clava levantada. Não há a menor parte de sua natureza que possa ser despropositado sem lhe alterar de alguma forma; nenhum momento imprestável em seu passado. Que há, então, no futuro? O Adepto tem capacidade literária ou o que seja? Tem conhecimentos de química? Como servem estes logros a seu propósito ou ao

propósito da humanidade a qual jurou ajudar? Foi assassinado como uma serpente faz muitos æons; lapidado por leis mosaicas; assassinado quando era criança por Herodes; como tais recordações lhe ajudam?

Sua tarefa agora será resolver estas recônditas questões, e até que não haja aprendido a fundo as razões de cada incidente de seu passado e encontrado um propósito para cada detalhe de seu presente material, não poderá seguir adiante.

Uma vez dito tudo isto, prepara uma tese estabelecendo seu conhecimento sobre o universo. Diz-se que obras como as de Paracelso, Robert Fludd, Newton, Bekerley, Swedenborg e *As Chaves dos Grandes Mistérios* de Lévi, são excelentes exemplos do tipo de tese que necessita. Deveria ser um mestre completo em todos os aspectos da ioga; ter experimentado e investigado a fundo a natureza do Samadhi, que está obrigado a considerar como o único estado de consciência com o qual explorará a natureza do Universo.

Estes três graus de Adeptos são graus diferentes de Santidade; e o Adepto atual é o equivalente do cabalista que na antiguidade se conhecia como Tsaddik ou Santo.

Para alcançar o grau seguinte de Magister Templi (Binah, a esfera de Saturno, que é o Tempo, o Grande Ceifeiro e a Morte), deve decidir sobre a segunda e maior operação crítica de sua carreira: a de atravessar o Abismo e a destruição do ego independente. A necessidade disto surge da compreensão de que não pode permanecer sendo um Adepto para sempre, sendo impulsionado por ímpeto irresistível de sua própria natureza interna. O logro essencial consiste na aniquilação absoluta das fronteiras de seu Ruach que limitam e reprimem a “Yechidah”. Este é o paradoxo do Caminho. Traz incríveis dificuldades e lutas para aperfeiçoar-se (Ruach, o ego centrado em Tiphareth) de todas as formas possíveis e concebíveis, deve liberar-se dele totalmente, ao final, quando chega ao ponto de renunciar ao self para chegar ao SELF.

O paradoxo é, também, que em Binah a Verdade é obtida, porém aí de mim, agora não existe nenhuma entidade pessoal independente para disfrutar dessa Verdade. O Adepto que era o Ruach independente, a personalidade gloriosa e desenvolvida, se dissolveu para sempre nesse Grande Mar inefável, o *Pleroma* nirvânico da Mãe; a Cidade Celestial, a Cidade das Pirâmides sob a Noite de Pan. Como uma entidade autoconsciente uniu tudo o que o fez assim na corrente universal de consciência e se identificou com o Shechinah Divina, essa existência interior de graça, comum a toda a humanidade.

Ou, como outros místicos diriam, verteu cada gota de seu sangue no Cálice dourado de Nossa Senhora de Babalon, que é o Shechinah, a Presença Divina em Binah e, quando essa vida for misturada com a vida de cada indivíduo, tudo o que resta dele não será mais do que uma pequena pirâmide de poeira, guardada como um tesouro na Urna de Hermes. Além disso, para seguir usando paradoxos, não é tanto a autodestruição como volta à Realidade Fundamental. É uma destruição dos limites paralisantes do Ruach, porém revela essa Vida Fundamental que forma e permite a totalidade da manifestação. Ao mesmo tempo a individualidade é mantida, jubilosamente mantida, como se demonstra quando Blavatsky escreveu em *A Voz do Silêncio*: “Alegrai-vos, oh homens de Myalba. Um peregrino voltou da outra margem. Um Novo Arhan nasceu.”

O que realmente se destrói são simplesmente a ilusão inconsciente do Self independente e as restrições que essa ilusão impunha antes sobre a brilhante Estrela ou Mônada interior. Não é mais do que a mudança do Ponto de Referência daquilo não tem vida *real* por si mesmo, a um centro novo e mais nobre de reintegração que seja vital, real e eterno.

Não se trata, evidentemente, de uma simples mudança *intelectual* de ponto de vista. É infinitamente mais do que uma decisão racional de integrar-se em um nível de consciência mais elevado e ver esse nível em todas as coisas, pois a mudança tem sido inteiramente devida às experiências profundamente comovedoras que o centro de gravidade, por assim dizer, põe além do Abismo. A mesma Grande Obra consiste em uma simples operação: esta mudança de ponto de vista, o assassinato do assassino da Realidade, a mente. Porém, ao longo de æons de esforço evolucionar até o desenvolvimento de uma organização e constituição altamente complexa com a qual contactar com o universo “externo” para obter experiência, somos incapazes de compreender esta simplicidade e realizar esta operação ao princípio, e por isso estamos obrigados a lutar dolorosamente mediante estas difíceis tarefas para obter o grau correto de simplicidade e penetrar o véu, para encontrar nossos SI MESMOS, centros espirituais de força, *Yechidoth*, radiantes com a vida, o propósito e a divindade.

O Prof. Martin Buber, em sua esplêndida obra sobre *O Misticismo Judeu*, fala de um tipo de *Tsaddik* maior, cujos êxtases e embriaguezes espirituais cessaram. Por que cessaram? Porque a beatificação e o êxtase são contínuos e não seguem no Ruach, mas nas Sephiroth Supremas, onde “moram” as

Potências Reais e os Elementos Espirituais de um homem. A partir de agora o possuidor de qualquer destes três graus, que se relacionam com o Colégio Interno dos Mestres, é denominado um Tsaddik, porém seu “tsaddikismo” está em um plano muito mais nobre e altamente espiritual. Um título apropriado, talvez, seja Baal Shem Tov — Um Mestre de Nome Divino.

Se é difícil descrever os graus dos Adeptos, é quase impossível descrever esses graus de Mestre acima do Abismo, pois nada que possa dizer-se explicaria a natureza e o propósito do Tsaddik realmente grande, daquele que é Magnus e Ipsissimus. Aqui, portanto, devo conter a minha pena.

A cabala, para resumir toda a situação, enfatiza a consecução de um estado transcendental de consciente como o passo seguinte a ser dado por todos os homens; e tenho me esforçado para esclarecer em que consiste a natureza essencial desta experiência mística, sem a qual não existe paz e nem consecução, os passos que conduzem a sua consumação, e uma quantidade de fórmulas espirituais mediante as quais se pode compreender o significado de sua revelação.

F I M

APÊNDICE

QUATRO MUNDOS DA CABALA

NOME	HEBRAICO	MUNDO	CARACTERÍSTICAS
ATZILUTH	אצילות	Arquétipo	Divindade Pura
BRIAH	בריאה	Criativo	Arcangélico
YETZIRAH	יצירה	Formativo	Angélico
ASSIAH	עשיה	Ação	Matéria, homem, Cascões, Demônios

AS DEZ CASAS OU CÉUS DE ASSIAH

ORDEM	NOME	NOME HEBRAICO	EM HEBRAICO
1.	Primum Mobile	Rashith ha Gilgalin	ראשית הגלגלים
2.	Esfera do Zodíaco	Mazloth	מזלות
3.	Esfera de Saturno	Shabbathai	שבתאי
4.	Esfera de Júpiter	Tzedek	צדק
5.	Esfera de Marte	Madim	מדים
6.	Esfera do Sol	Shemesh	שמש
7.	Esfera de Vênus	Nogah	נוגה
8.	Esfera de Mercúrio	Kokab	כוכב
9.	Esfera da Lua	Levanah	לבנה
10.	Esfera dos Elementos	Olam Yesodoth	עולם יסודות

AS SEPHIROTH

1. Kether	K-Th-R	כתר	A Coroa
2. Chokmah	Ch-K-M-H	חכמה	Sabedoria
3. Binah	B-I-N-H	בינה	Compreensão
4. Chesed	Ch-S-D	חסד	Misericórdia
5. Geburah	G-B-U-R-H	גבורה	Severidade
6. Tiphareth	T-Ph-A-R-T	תפארת	Beleza
7. Netzach	N-Ts-Ch	נצח	Vitória
8. Hod	H-O-D	הוד	Glória
9. Yesod	Y-S-O-D	יסוד	A Fundação
10. Malkuth	M-L-K-U-Th	מלכות	O Reino

ATRIBUIÇÕES PARA AS SEPHIROTH

SEPHIRAH	ÁRVORE DA VIDA ALQUÍMICA	METAIS ALQUÍMICOS	CORES	METAIS
1. Kether	Mercúrio	A Raiz Metálica	Branco Brilhante	—
2. Chokmah	Sal	Chumbo	Cinza	—
3. Binah	Enxofre	Estanho	Preto	Chumbo
4. Chesed	Prata	Prata	Azul	Estanho
5. Geburah	Ouro	Ouro	Vermelho	Ferro
6. Tiphareth	Ferro	Ferro	Amarelo ouro	Ouro
7. Netzach	Cobre	Latão Hermafrodita	Verde	Cobre
8. Hod	Estanho	Latão	Laranja avermelhado	Mercúrio
9. Yesod	Chumbo	Mercúrio	Roxo	Prata
10. Malkuth	Mercúrio Philosophorum	Medicina Metallorum	Citrino esverdeado, marrom avermelhado, verde oliva, amarelo	—

SEPHIRAH	PEDRAS	PERFUMES E INCENSOS	PLANTAS
1. Kether	Diamante	Âmbar Cinzento	Amendoeira em flor
2. Chokmah	Rubi Estrela; Turquesa	Almíscar	Amaranto
3. Binah	Safira Estrela; Pérola	Mirra; Algália; Civeta	Cipreste; papoula
4. Chesed	Ametista, Safira	Cedro	Oliveira; trevo
5. Geburah	Rubi	Tabaco	Carvalho; noqueira vômica; urtiga
6. Tiphareth	Topázio, Diamante Amarelo	Olíbano	Acácia; loureiro; vinha
7. Netzach	Esmeralda	Benjoim; Rosa; Sândalo Vermelho	Roseira
8. Hod	Opala, especialmente Opala de Fogo	Estoraque	Móli; <i>Anhal. Lewinii</i> ígnea
9. Yesod	Quartzo	Jasmim; Ginseng	<i>Manyan</i> ; Damiana; <i>yohimba</i>
10. Malkuth	Cristal de Rocha; Sal	Ditania de Creta	Salgueiro; lírio; hera

SEPHIRAH	ESFERAS	ANIMAIS	ÓRGÃOS	ORDEM DOS CONDENADOS
1. Kether	Primum Mobile	Pomba	Espírito	Deuses Falsos
2. Chokmah	EsferaZodíaco	Leopardo	Cérebro	Espíritos Mentirosos
3. Binah	Esfera de Saturno	Dragão	Baço	Recipientes de Iniquidade
4. Chesed	Esfera de Júpiter	Águia	Fígado	Vigadores de Perversidade
5. Geburah	Esfera de Marte	Cavalo	Vesícula	Ilusionista
6. Tiphareth	Esfera do Sol	Leão	Coração	Poderes do Ar
7. Netzach	Esfera de Vênus	Homem	Rins	Fúrias, as disseminadoras do mal
8. Hod	Esfera de Mercúrio	Serpente	Pulmões	Separadores ou divisores
9. Yesod	Esfera da Lua	Touro	Genitais	Tentadores ou sedutores
10. Malkuth	Esfera dos Elementos	Cordeiro	Matriz	Almas ímpias querendo governar

SEPHIROTH	TÍTULO YETZIRÁTICO	CARTAS DO TARÔ
1. Kether	A Inteligência Admirável ou Oculta	Os quatro Ases
2. Chokmah	A Inteligência Iluminadora	Os quatro Dois
3. Binah	A Inteligência Santificante	As quatro Rainhas
4. Chesed	A Inteligência Receptiva	Os quatro Quatros
5. Geburah	A Inteligência Radical	Os quatro Cinco
6. Tiphareth	A Inteligência Mediadora	Os quatro Seis
7. Netzach	A Inteligência Oculta	Os quatro Setes
8. Hod	A Inteligência Absoluta ou Perfeita	Os quatro Oitos
9. Yesod	A Inteligência Pura ou Clara	Os quatro Noves
10. Malkuth	A Inteligência Resplandecente	As quatro Princesas

OS 10 NOMES DE DEUS

SEPHIRAH	NOME DIVINO	SIGNIFICADO
1. Kether	EHEIEH	Eu sou o que sou
2. Chokmah	JEHOVAH	O Infinito
3. Binah	JEHOVAH ELOHIM	O Eterno
4. Chesed	EL	Deus da Justiça
5. Geburah	ELOHIM GIBOR	O Deus Poderoso
6. Tiphareth	YHVH ELOHA VA-DAATH	O Onipotente
7. Netzach	JEHOVAH TZABAOTH	O Senhor dos Exércitos
8. Hod	ELOHIM TZABAOTH	O Deus das Hostes
9. Yesod	SHADDAI EL CHAI	O Deus Vivo e Todo-Poderoso
10. Malkuth	ADONAI MELEKH	O Senhor que é Rei

OS NOMES DIVINOS ATRIBUÍDOS ÀS SEPHIROTH

SEPHIRAH	NOME DIVINO (ATZILUTH)	NOME ARCANGÉLICO (BRIAH)	CORO DE ANJOS (YETZIRAH)
1. Kether	Eheieh (אנייה)	Metraton ¹ (מטטרון)	Chayoth ha-Qadesh (חיות הקדש)
2. Chokmah	Yah (יה)	Raziel (רזיאל)	Auphanim (אופנים)
3. Binah	Yhvh Elohim (יהוה אלהים)	Tzaphkiel (צפקיאל)	Aralim (אראלים)
4. Chesed	El (אל)	Tzadkiel (צדקיאל)	Chashmalim (חשמלים)
5. Geburah	Elohim Gibor (אלהים גבור)	Kamael (כמאל)	Serafim (שרפים)
6. Tiphareth	Yhvh Eloah Vedaath (יהוה אלוה ודעת)	Raphael (רפאל)	Melekim (מלכים)
7. Netzach	Yhvh Tsabaoth (יהוה צבאות)	Haniel (האניאל)	Elohim (אלהים)
8. Hod	Elohim Tsabaoth (אלהים צבאות)	Michael (מיכאל)	Beni Elohim (בני אלהים)
9. Yesod	Shaddai El Chai (שדי אלהי)	Gabriel (הגבריאל)	Querubim (כרובים)
10. Malkuth	Adonai ha-Aretz (אדני הארץ)	Sandalphon (סנדלפון)	Ashim (אשים)

¹ Ou Metatron.

SEPHIROTH	NOMES CABALÍSTICOS	NOMES CRISTÃOS	ATRIBUTOS	CORPOS
1. Kether	Hajot ha Kadosh	Serafins	Coroa, Misericórdia	Pai
2. Chokmah	Ophanim	Querubins	Sabedoria, Rigor	Filho
3. Binah	Aralim	Tronos	Inteligência, Luz	Espírito Santo
4. Chesed	Hasmalim	Dominações	Amor	Íntimo, Ser
5. Geburah	Seraphim	Potestades	Justiça	Alma Divina
6. Tiphareth	Malachim	Virtudes	Beleza	Alma Humana
7. Netzach	Elohim	Principados	Vitória	Mental
8. Hod	Beni Elohim	Arcanjos	Esplendor	Astral
9. Yesod	Cherubim	Anjos	Fundamento	Etéreo
10. Malkuth	Ischin	Iniciados	Reino	Físico

ANJOS E ORDENS OU COROS

SEPHIRAH	ANJO	EM HEBREU	SIGNIFICADO	ORDEM OU CORO
1. Kether	Haiot Hakodesh	חיות הקודש	Animais Santos	Serafins
2. Chokmah	Ophanim	אופנים	Rodas	Querubins
3. Binah	Aralim	אראלים	Poderosos	Tronos
4. Chesed	Hashmalim	השמלים	Cintilantes	Dominações
5. Geburah	Seraphim	סרפים	Inflamadas	Potências
6. Tiphareth	Malachim	מלכים	Reis	Virtudes
7. Netzach	Elohim	אלהים	Deuses	Principalidades
8. Hod	Beni-Elohim	אלהים בנה	Filhos dos Deuses	Arcanjos
9. Yesod	Cherubim	כרבים	Base dos Filhos	Anjos
10. Malkuth	Ishim	אישים	Homens	Almas

AS QLIPHOTH NA ÁRVORE DA VIDA

ORDEM	SEPHIROTH	QLIPHOTH	SIGNIFICADO	CHEFES DO MAL
1.	Kether	Thaumiel	As duas Forças contundentes	Satã e Moloch
2.	Chokmah	Ghogiel	Os Estorvadores	Belzebuth
3.	Binah	Satariel	Os Ocultadores	Lucifuge
4.	Chesed	Agshekeloh	Os Fraturadores em Pedacos	Astaroth
5.	Geburah	Golohab	Os Queimados	Asmodeus
6.	Tiphareth	Tagiriron	Os Disputadores	Belphegor
7.	Netzach	Gharab Tzerek	Os Corvos da Morte	Bäal
8.	Hod	Samael	O Mentiroso ou Veneno de Deus	Adramelech
9.	Yesod	Gamaliel	Os Obscenos	Lilith
10.	Malkuth	Lilith	Rainha da Noite e dos Demônios	Nahemah

O ALFABETO HEBRAICO

LETRA	NOME	PODER	VALOR FINAL	SIGNIFICADO
א	Aleph	A	1	Boi
ב	Beth	B, V	2	Casa
ג	Gimel	G, Gh	3	Camelo
ד	Dalet	D, Dh	4	Porta
ה	He	H	5	Janela
ו	Vau	O, U, V	6	Prego
ז	Zayin	Z	7	Espada
ח	Cheth	Ch	8	Cerca
ט	Tet	T	9	Cobra
י	Yod	I, Y	10	Mão
כ (ך)	Kaph	K, Kh	20 – 500	Punho
ל	Lamed	L	30	Aguilhão de boi
מ (ם)	Mem	M	40 – 600	Água
נ (ן)	Nun	N	50 – 700	Peixe
ס	Samech	S	60	Suporte
ע	Ayin	Aa, Ngh	70	Olho
פ (ף)	Pe	P, Ph	80 – 800	Boca
צ (ץ)	Tzade	Tz	90 – 900	Anzol
ק	Qoph	Q	100	Nuca
ר	Resh	R	200	Cabeça
ש	Shin	S, Sh	300	Dente
ת	Tav	T, Th	400	Cruz

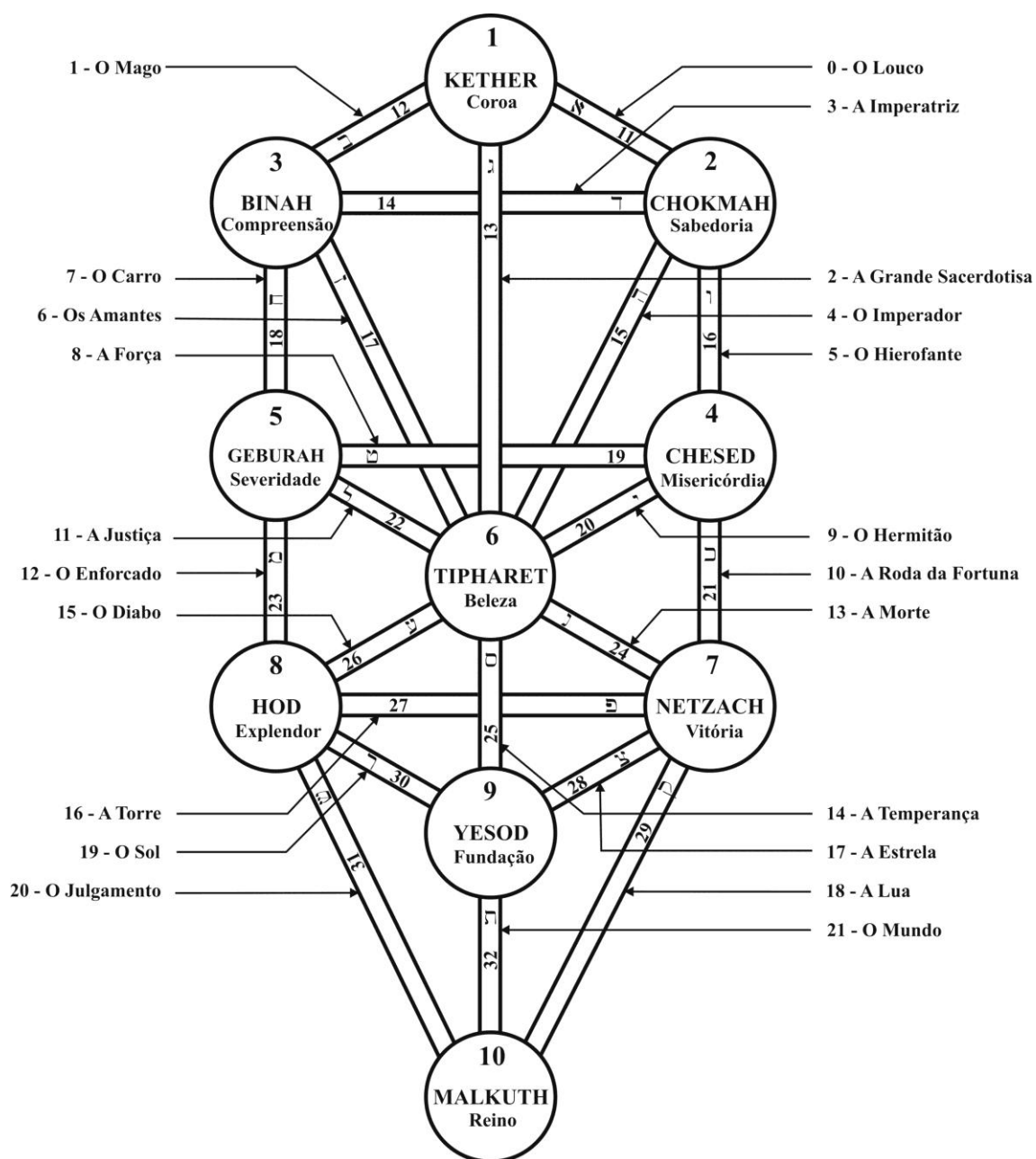
CAMINHO	TÍTULO YETZIRÁTICO	COR	JOIAS
א	A Inteligência Cintilante	Azul celeste	Topázio, calcedônia
ב	A Inteligência Transparente	Púrpura	Opala, ágata
ג	A Inteligência Unificadora	Prateado	Pérola, pedra da lua
ד	A Inteligência Luminosa	Verde esmeralda	Esmeralda, turquesa
ה	A Inteligência Constituinte	Vermelho	Rubi
ו	A Inteligência Triunfante ou Eterna	Índigo	Topázio
ז	A Inteligência Disponente	Malva	Alexandrita, turmalina
ח	A Inteligência da Casa da Influência	Castanho avermelhado	Âmbar
ט	A Inteligência de todas as Atividades do Ente Espiritual	Púrpura	Olho de gato
י	A Inteligência da Vontade	Cinza	Peridoto
כ (ך)	A Inteligência Conciliadora	Azul	Lápis Lazuli, Ametista
ל	A Inteligência Fiel	Azul	Esmeralda
מ (ם)	A Inteligência Estável	Verde mar	Berílio, Água Marinha
נ (ן)	A Inteligência Imaginativa	Marrom sem brilho	Amonite
ס	A Inteligência Experimental	Verde	Jacinto
ע	A Inteligência Renovadora	Preto	Diamante Negro
פ (ף)	A Inteligência Ativa ou Excitante	Vermelho	Rubi
צ (ץ)	A Inteligência Natural	Azul celeste	Calcedônia
ק	A Inteligência Corpórea	Camurça	Pérola
ר	A Inteligência Coletante	Amarelo	Crisólito
ש	A Inteligência Perpétua	De um vermelho vívido a um laranja avermelhado	Opala de fogo
ת	A Inteligência Administrativa	Preto	Ônix

CAMINHO	PLANTAS	PERFUMES
א	Álamo alpino	Gálbano
ב	Verbena	Mástique, macis, estoraque
ג	Amendoeira, artemísia, aveleira, lunária	Cânfora, aloés
ד	Murta, rosa	Sândalo, murta
ה	Gerânio	Sangue de Dragão
ו	Malva	Estoraque
ז	Orquídeas	Absinto
ח	Lótus	Ônica
ט	Girassol	Olíbano
י	Campânula branca, narciso	Narciso
כ (ך)	Hissopo, carvalho	Açafrão
ל	Aloés	Gálbano
מ (ם)	Lótus	Ônica, mirra
נ (ן)	Cacto	Opópanax
ס	Junco	Lignum aloés
ע	Cânhamo	Almíscar
פ (ף)	Absinto, arruda, pimenteira	Pimenta
צ (ץ)	Oliveira	Gálbano
ק	Ópio	Âmbar cinza
ר	Girassol, heliotrópio, louro	Olíbano, canela
ש	Papoula vermelha, hibisco	Olíbano
ת	Freixo, erva-moura	Assafétida, enxofre, escamônea, indigofera,

CAMINHO	ANIMAIS	ARMAS
א	Águia	Leque
ב	Íbis	Caduceu
ג	Cachorro	Arco e flecha
ד	Pardal, pombo	Cinto
ה	Carneiro, coruja	Lança
ו	Touro	Trono e Altar
ז	Pega	Tripé
ח	Esfinge	Santo Graal
ט	Leão	Disciplina
י	Virgem	Bastão, lamparina, hóstia eucarística
כ (ך)	Águia	Cetro
ל	Elefante, aranha	Cruz
מ (ם)	Águia, serpente, escorpião	Taça
נ (ן)	Escaravelho	Juramento
ס	Centauro, cavalo	Flecha
ע	Bode, burro	Lâmpada
פ (ף)	Urso, lobo	Espada
צ (ץ)	Águia, pavão	Incensário ou Aspersório
ק	Golfinho	Espelho Mágico
ר	Leão, gavião	Lamen
ש	Leão	Turíbulo
ת	Crocodilo	Foice

ATRIBUTOS DOS ARCANOS MAIORES DO TARÔ

CAMINHO	NÚMERO	ARCANO MAIOR DO TARÔ	LETRA	SÍMBOLO
11	0	O Louco	א (Aleph)	♈ (Ar)
12	1	O Mago	ב (Bet)	♿ (Mercúrio)
13	2	A Sacerdotisa	ג (Guimel)	♌ (Lua)
14	3	A Imperatriz	ד (Dalet)	♀ (Vênus)
15	4	O Imperador	ה (He)	♈ (Áries)
16	5	O Hierofante	ו (Vav)	♉ (Touro)
17	6	Os Namorados	ז (Zayin)	♊ (Gêmeos)
18	7	O Carro	ח (Chet)	♋ (Câncer)
19	8	A Força (Justiça)	ט (Tet)	♌ (Leão)
20	9	O Eremita (Prudência)	י (Yod)	♍ (Virgem)
21	10	A Roda da Fortuna	כ (Kaph)	♊ (Júpiter)
22	11	A Justiça (Força)	ל (Lamed)	♎ (Libra)
23	12	O Enforcado	מ (Mem)	♊ (Água)
24	13	A Morte	נ (Nun)	♏ (Escorpião)
25	14	A Temperança	ס (Samech)	♐ (Sagitário)
26	15	O Diabo	ע (Ayin)	♑ (Capricórnio)
27	16	A Torre Atingida por um Raio	פ (Pe)	♈ (Marte)
28	17	A Estrela	צ (Tzade)	♒ (Aquário)
29	18	A Lua	ק (Qoph)	♓ (Peixes)
30	19	O Sol	ר (Resh)	♌ (Sol)
31	20	O Juízo Final	ש (Shin)	♏ (Fogo)
32	21	O Universo	ת (Tav)	♄ (Saturno)



Os Arcanos Maiores do Tarô e os 22 Caminhos de Deus

CAMINHOS	AS QUATRO ESCALAS DE CORES			
	FOGO (☶ – IOD)	ÁGUA (☵ – HE)	AR (☴ – VAU)	TERRA (☷ – HE Final)
	ATZILUTH (Escala do Rei)	BRIAH (Escala da Rainha)	YETZIRAH (Imperador ou Príncipe)	ASSIAH (Imperatriz ou Pajem)
	BASTÕES	TAÇAS	ESPADAS	PANTÁCULOS
1.	Brilho	Brilho branco	Brilho branco	Branco salpicado de dourado
2.	Azul claro	Cinza	Madre pérola azulado	Branco salpicado de vermelho, azul, amarelo
3.	Carmesim	Preto	Marrom escuro	Cinza salpicado de rosa
4.	Violeta profundo	Azul	Púrpura profundo	Azul profundo salpicado de amarelo
5.	Laranja	Vermelho escarlate	Escarlate brilhante	Vermelho salpicado de preto
6.	Rosa claro	Amarelo (ouro)	Salmão profundo	Âmbar dourado
7.	Âmbar (marrom avermelhado)	Esmeralda	Amarelo esverdeado brilhante	Verde oliva salpicado de dourado
8.	Violeta púrpura	Laranja	Ruivo avermelhado	Marrom amarelado salpicado de branco
9.	Anil	Violeta	Púrpura muito escuro	Citrino salpicado de azul celeste
10.	Amarelo	Citrino, oliva, ruivo, preto	Ouro salpicado com quatro cores	Amarelo rajado de preto
11.	Amarelo claro brilhante	Azul celeste	Verde esmeralda	Esmeralda salpicado de dourado
12.	Amarelo	Púrpura	Azulado	Violeta rajado de azul claro
13.	Azul	Prata	Cinza	Azul celeste rajado de prata
14.	Verde esmeralda	Azul celeste	Azul claro frio	Amarelo pálido rajado de rosa cereja brilhante
15.	Escarlate	Vermelho	Verde início primavera	Vermelho brilhante

16.	Laranja avermelhado	Azul celeste profundo	Chama brilhante	Marrom profundo
17.	Laranja	Roxo pálido	Verde oliva quente	Cinza avermelhado tendendo para roxo
18.	Âmbar	Marrom	Amarelo novo	Marrom escuro esverdeado
19.	Amarelo esverdeado	Púrpura profundo	Ruivo profundo	Âmbar avermelhado
20.	Verde amarelado	Cinza ardósia	Cinza	Cor da ameixa
21.	Violeta	Azul	Cinza esverdeado	Amarelo rajado de azul brilhante
22.	Verde esmeralda	Azul	Púrpura profundo	Verde pálido
23.	Azul profundo	Verde mar	Verde profundo azulado	Branco salpicado de púrpura como madreperla
24.	Azul esverdeado	Marrom opaco	Marrom muito escuro	Marrom azulado opaco (como um besouro)
25.	Azul	Amarelo	Verde	Azul escuro vivo
26.	Azul profundo	Preto	Preto azulado	Cinza escuro opaco quase preto
27.	Escarlate	Vermelho	Vermelho veneziano	Azul ou esmeralda rajado de vermelho brilhante
28.	Violeta	Azul celeste	Roxo azulado	Púrpura manchado de branco
29.	Carmesim ultravioleta	Amarelo claro salpicado de branco prata	Marrom rosado de levemente translúcido	Cor de pedra
30.	Laranja	Amarelo dourado	Âmbar profundo	Vermelho rajado de âmbar
31.	Laranja escarlate brilhante	Rubro escarlate	Escarlate salpicado de dourado	Rubro escarlate salpicado de carmesim e esmeralda
32.	Azul escuro	Preto	Preto azulado	Preto rajado de azul
31+.	Preto avermelhado, esverdeado, citrino	Âmbar	Marrom escuro	Preto e amarelo
32+.	Branco, misturado com cinza	Púrpura profundo (quase preto)	7 cores prismáticas, externamente violeta	Branco, vermelho, amarelo, preto azulado (externamente)
DAATH	Púrpura azulado	Branco acinzentado	Violeta puro	Cinza salpicado de dourado

Before his death in 1985, **Israel Regardie** was considered by many to be the last living Adept of the Golden Dawn. He was a former secretary of Aleister Crowley as well as a Reichian therapist. His other classics include the books *The Golden Dawn* and *The Middle Pillar*.

The Ciceros are Senior Adepts of the Hermetic Order of the Golden Dawn and the authors of *Self-Initiation into the Golden Dawn* and *Secrets of a Golden Dawn Temple*. Chic was Regardie's personal student, friend, and confidant.

The Best Single Introduction to the Qabalah for Magicians

When Israel Regardie wrote *A Garden of Pomegranates* in 1932, he designed it to be a simple yet comprehensive guidebook outlining the complex system of the Qabalah and providing a key to its symbolism. Since then, it has achieved the status of a classic among texts on the Hermetic Qabalah.

The Qabalah is the ancient system of Hebrew mysticism that is the foundation of all Western magical and esoteric studies. Its primary symbol is the Tree of Life, used since ancient times to study the nature of the Universe, the essence of God, and the attributes of the human mind. This book stands as the clearest introductory guide for magicians, with an emphasis on direct experience through meditation on the Thirty-two Paths of Wisdom.

The Ciceros have made *A Garden of Pomegranates* even more useful for today's occult students with full annotations, critical commentary, and explanatory notes. They've added practical material in the form of pathworkings, suggested exercises, and daily affirmations—one for each Sephirah and each path. Brief rituals, meditations, and Qabalistic mantras complement Regardie's section on gematria and other forms of numerical Qabalah.



Llewellyn Worldwide
www.llewellyn.com

\$21.95 US
\$25.95 CAN

ISBN 978-1-56718-141-8



9 781567 181418

5 2 1 9 5 >